

REVISTA DA SEMANA

N.º 6

Na Capital Cr\$ 2,50 nos Estados Cr\$ 3,00

10-2-945

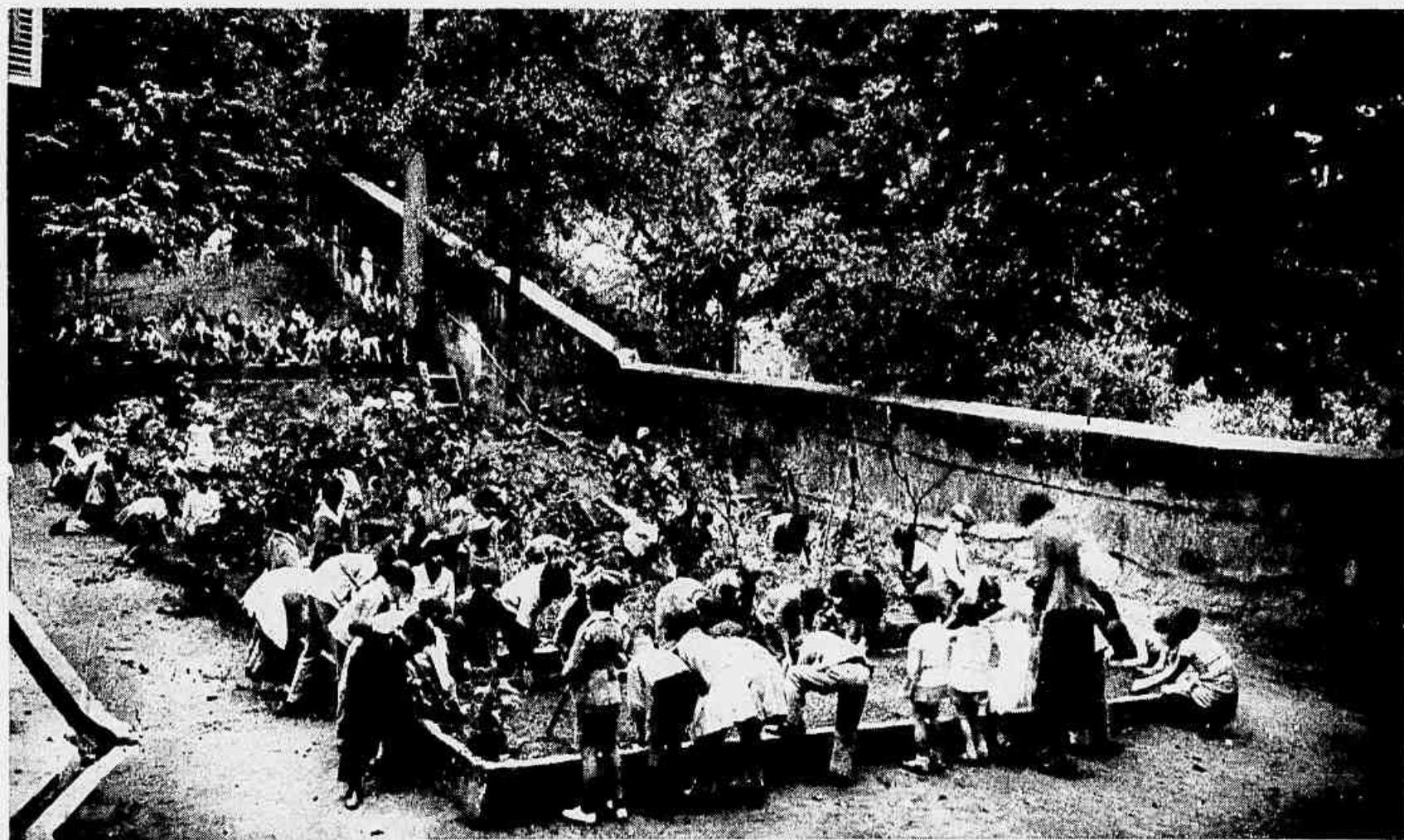
ANEXO:

Suplemento
COM
MAPAS
DA
GUERRA





Aquêle bailado, sôbre a relva do grande parque, lembrava a Hélade antiga coroada de rosas...



As crianças, muito alegres, cuidavam duma grande horta, aprendendo assim quais eram as vantagens da construção sôbre a destruição.

UM DIA ENTRE AS CRIANÇAS

Em baixo, à esquerda: — Agradou-nos aquêle ambiente acolhedor, próprio mesmo para o ensino primário e, sobretudo, para o Jardim da Infância. À direita: — De tudo, porém, o que mais nos agradou foi a leitura das ocorrências às crianças, à sombra das árvores, sob a forma agradável de conto, prendendo muito as atenções, numa idade em que a fadiga logo se esboça onde aparece a monotonia.

Encheu-nos a alma de encantamento aquela festa ao ar livre.

Festa puramente infantil, nela predominava, com surpresa para todos, um acentuado cunho artístico, às vezes mesmo de sabor ático bem nítido.

Aquêle bailado sôbre a relva do grande parque, não sabemos por que, nos fez lembrar a Hélade antiga coroada de rosas.

Interessámo-nos pela vida das crianças naquela colméia encantadora e lá voltámos dias após. Não se via aquela festa que tanto nos impressionara. De outro modo era a festa agora. As crianças, muito alegres, cuidavam duma grande horta. Aprendiam, assim, quais eram as vantagens da construção sôbre a destruição. Agradou-nos aquêle ambiente acolhedor, próprio mesmo para o ensino primário e, sobretudo, para o Jardim da Infância. Aulas ao ar livre, nos parques, nas varandas amplas e salas iluminadas, entretinham as crianças, sem entediá-las ou deprimi-las.

Os meninos, que frequentavam mesmo o curso de Admissão ao Secundário, aproveitando muito das aulas, estavam perfeitamente à vontade, a atenção naturalmente presa ao ensino objetivo e prático de professores especializados.

Era um encanto tudo aquilo ali, no Instituto La-Fayette, no seu Departamento Preliminar, casa cheia de risos de crianças alegres. De tudo, porém, o que mais nos agradou foi a hora em que, reunidas, as crianças ouviam a leitura das ocorrências, sob a forma agradável de conto, prendendo sobretudo as atenções, numa idade em que a fadiga logo se esboça quando, em qualquer ato, a monotonia aparece.

Resolvemos, pois, tudo examinar, para melhor termos idéia do que realmente era o Instituto La-Fayette. Aquelas crianças, findo o curso primário, eram, mediante exame, admitidas no curso secundário. Deixavam, pois, saudosas aquêle departamento infantil e iam para o Colégio Masculino ou para o Colégio Feminino, conforme se tratasse de menino ou menina, evitando-se tanto quanto possível, no curso secundário, a coeducação dos sexos.

Vimos, em ambos os colégios, o funcionamento do curso secundário, tanto do ginásio como do colégio propriamente dito. Quanta animação! Quantas classes desdobradas! Era um prazer presenciar de perto a formação das novas gerações para o Brasil forte e liberal. Soubemos, então, que muitos filhos de ex-alunos passaram outrora. E' que esses pais, saudosos, queriam reviver o passado na formação mental e moral dos filhos. Estes, porém, encontravam maior conforto em salas mais amplas, onde funcionavam laboratórios e gabinetes de ciências físicas e naturais e salas especiais de história, de geografia e de música, maiores ginásios de educação física e mais vastos auditórios. Progrediu muito o Instituto La-Fayette, descrevendo uma brilhante trajetória da data de sua fundação, em 1916, até o momento atual.

Estávamos dando por bem empregadas as horas do dia passadas nas dependências do Instituto La-Fayette. Despediamos-nos do professor La-Fayette Côrtes e começávamos a agradecer-lhe as gentilezas e atenções, quando ele nos mostrou um grupo de moças e rapazes que entravam no grande vestibulo:

— Eis aí a Faculdade de Filosofia, representada neste momento por esses alunos que chegam para as aulas.

— Mas há curso superior também? Faculdade de Filosofia? — indagámos surpresos.

— Sim, e com grande número de cursos.

E o professor La-Fayette começou a enumerar os cursos da Faculdade, já reconhecida pelo Governo Federal: Filosofia, Matemática, Física, Química, Geografia e História, Letras Clássicas, anglo-germânicas e neo-latinas, Pedagogia e Didática.

Ficámos deveras admirados. De modo que, pensámos, uma daquelas crianças, que vimos lá no Jardim da Infância, podia ir ascendendo, através do curso primário e secundário, e culminar dentro da mesma casa, em alguns anos de estudo, num curso superior da Faculdade de Filosofia!

Iniciativa particular de inegável valor era, sem dúvida, o Instituto La-Fayette, instalado em três grandes edifícios próprios, dois na rua Haddock Lobo e um na rua Conde de Bonfim, cada edifício constando de muitos outros edifícios, tudo numa ordem que agrada e entusiasma.

Tudo muito bom, sem dúvida. Aquela festa infantil, porém, do Departamento Preliminar, não nos saía da lembrança... Aquêle bailado sôbre a relva do grande parque, com elevado cunho artístico, fazia-nos lembrar a Hélade antiga dos rapsodos e das pastorais...

Guy Chantal



Este ano, pela segunda vez, o nosso amigo Cardoso não entrou na grande farra carnavalesca. Citado pelo apelido de família o Cardoso não será muito reconhecido pelo leitor. Mas se lhe dissermos tratar-se daquele rotundo funcionário de "A Noite", que durante dez anos se divertiu à grande, divertiu o seu semelhante e, ao contrário do que acontece com os foliões, ainda meteu nos bolsos, em cada carnaval, algumas notas graúdas, êle será logo identificado. A bem dizer, não podemos garantir que o nosso amigo Cardoso se divertisse na farpela de Rei Momo, com a gordura sadia que Deus lhe deu e o calor lhe rouba, suportando bailes sôbre bailes na mesma noite, transpirando por todos os poros, que não são poucos, correndo a via-sacra dos divertimentos clássicos de janeiro e fevereiro, no Rio e nos arredores.

Em chegando a quarta-feira de Cinzas, o Cardoso — perdão: Rei Momo! — derreado, mal refeito da farra obrigatória e profissional, mandava às urtigas os setins coloridos da fantasia reduzida a angelhos pela humidade, e metia os ombros no casaco de casemira do ano inteiro. Quem o visse, daí a pouco, afanado de serviço, sobraçando os embrulhos do pão e da manteiga, rumo ao lar, doce lar, era incapaz de reconhecer, nesse burguês pesado e suarento, o balôfo soberano com quem as mais belas damas dos salões enfeitados de serpentinas haviam sambado e requebrado à vontade.

Quando o encontrávamos, no exercício de suas funções carnavalescas, invadia-nos uma grande dose de piedade pelo Cardoso. Ele passava ao nosso lado, importante, a barriga empinada, o duplo mento erguido, o rosto numa papa terrível de gorduras do "maquillage" e do suor, cheio de guisos, de corôa na cabeleira postiça e infernal, cumprimentava-nos de relance e seguia o passo da marchinha gostosa. Nunca se conseguiu saber, ao certo, se o Cardoso de "A Noite" era feliz ou desgraçado nas

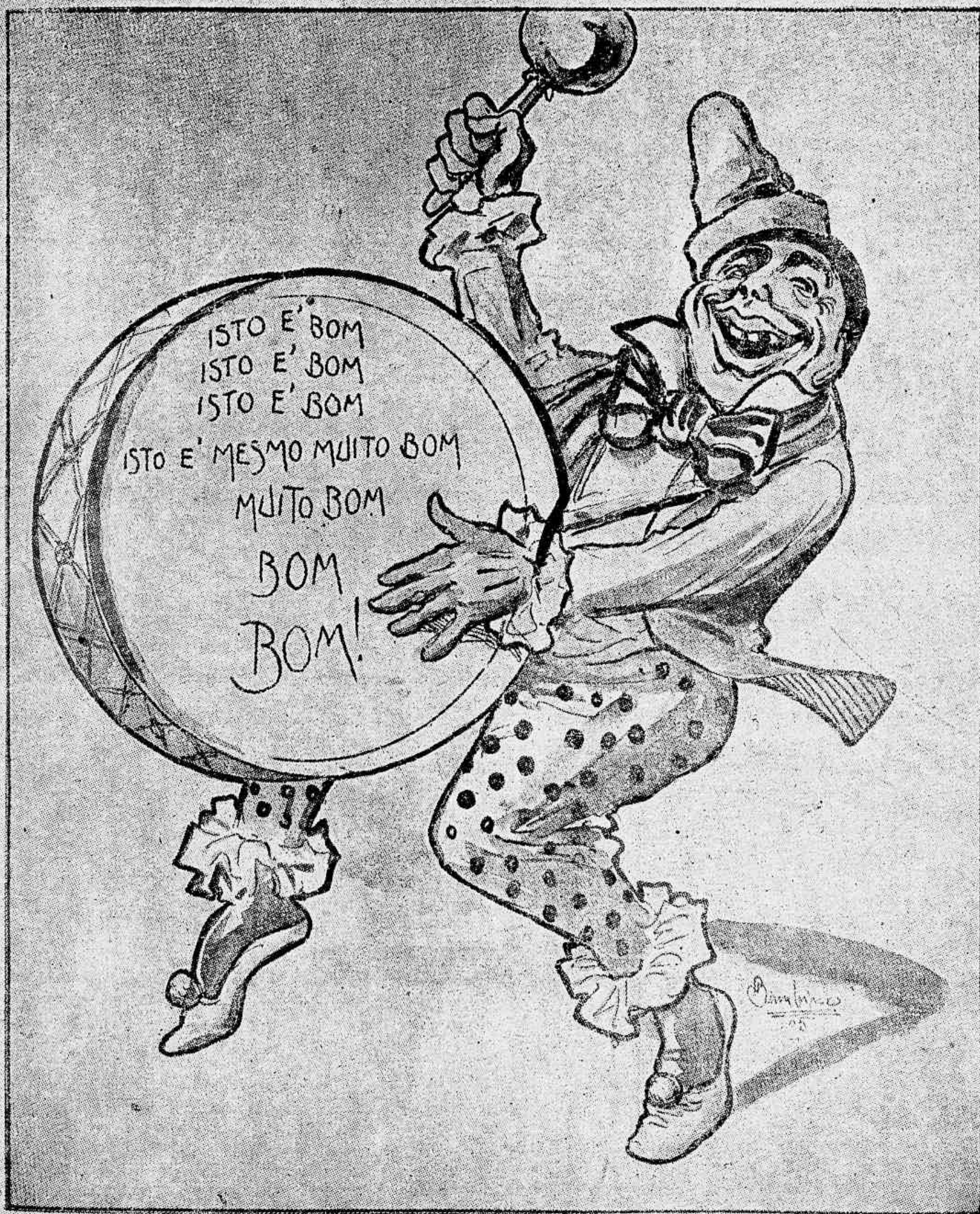
REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

Ano VI — N. 251

DOMINGO, 5 DE MARÇO DE 1905

Numero: 300 réis



EIL-O !...

1905

Carnaval há quarenta anos atrás. O precursor do Rei Momo era o famoso Zé Pereira, como se vê do frontispício da REVISTA DA SEMANA de 5 de março de 1905, nessa caricatura de Bambino.

GRANDEZA E DECADENCIA DO REI MOMO

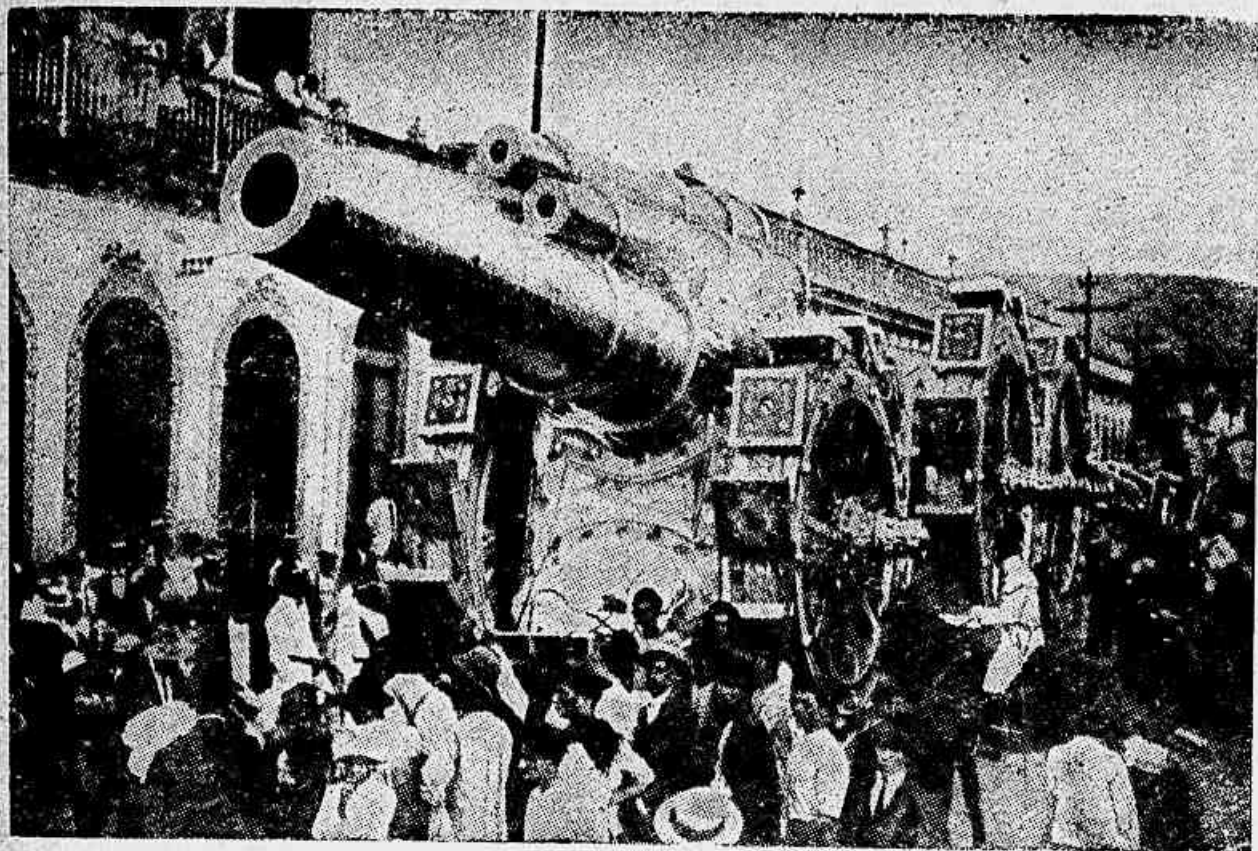
roupas farfalhudas de Rei Momo. Só para ganhar dinheiro o sacrifício, francamente, foi dos maiores. Mas talvez o nosso homem gostasse da função, porque, apesar dos pesares, que diabo, sempre lhe dava algumas noites de popularidade maior e lhe permitia receber meia dúzia de rapapés e salamaques. Se o Cardoso tem, real-

mente, senso de humor, intimamente havia de sentir a volúpia dos sarcásticos, tendo a seus pés, rendendo-lhe homenagens, mesmo sob o pretêxto da farra, alguns ilustres figurões, mandões eternos e "gran-finos" metidos a coisas na vida, gente que no resto do ano passava ao lado do Cardoso sem ligar-lhe a menor importância...

Afinal, fazer o soberano, até por brinquedo, não deve ser mau. E se o adágio não apodreceu com os tempos — êstes últimos tempos tão predestinados a acabar com tantas convenções e alguns lugares-comuns — o nosso amigo Cardoso, que foi Rei Momo, sempre tem majestade. Não faz muitas semanas, andou um êmulo do Car-

doso recebido imponentemente nos grandes salões cariocas. E talvez o Rei Momo tenha sido menos grotesco.

Mas a grandeza e decadência do Rei Momo não se registrou apenas depois que o confrade Vasco Lima, com aquêles seu tino admi-



Mesmo não havendo o desfile das três grandes sociedades, o Grupo dos Pierrots, filiado aos Tenentes, apresentou alguns carros de crítica. Esse, por exemplo, ao famoso "420 alemão".



1915

O motivo era a guerra, como em nossos dias. A alegoria à Paz refletia a angústia do mundo face à tragédia européia. Mas o público divertia-se nas batalhas de "confetti" e banhos à fantasia.

nistrativo e jornalístico, se lembrou de utilizar o Cardoso nesse mister. Os mais velhos costumam jurar de pés juntos, juntos e trêmulos, ter sido muito melhor o tempo dêles. Seja qual for esse tempo. O mal da velhice está em subestimar a época dos mais novos, mas enfim o círculo é vicioso mesmo.

Seja como for, tratando-se de Carnaval, não há saudosismo em

afirmar que o reinado de Sua Majestade Momo Primeiro e Único já deu tudo quanto podia dar. Começou prestigiado pelo povo, tendo em seu redor uma corte de vassallos a mais poderosa e submissa. O reinado da farra começou há muitos anos... Mas tudo cansa, e parece que os foliões estão saturados de orgia. Agora é o pretexto da guerra que justifica a decadência do reinado de Momo, quando

muito antes de setembro de 39 ele vinha perdendo os seus dourados e caindo na indiferença das massas carnavalescas.

Quem se der ao trabalho de consultar as coleções de jornais e revistas, confrontando as descrições e fotografias de outros carnavais com os que hoje se assistem, vai reconhecer, à pureza, o acerto daquela afirmativa. Démo-nos a esse trabalho retrospectivo folheando os volumes aqui da REVISTA, pulando de dez em dez anos. E que decadência mais vergonhosa! Não são apenas os "testas-coroados" sérios, graves e compenetrados do ofício, que perdem terreno. Em 1905, Carnaval era Zé Pereira — "Isto é bom, isto é bom, isto é mesmo muito bom..." — e os préstitos dos Fenianos, Desteimidos, Paladinos, Pródigos, São Cristóvão e Democráticos ocupavam diversas páginas da primeira edição da Quaresma. Eram rodinhas, flôres mecanizadas, mulheres semi-vestidas, de braços erguidos, e carros de crítica às eleições, aos "805", ou de alegorias a José do Patrocínio, morto nesse ano, aos trabalhos da Avenida Central

e a Pereira Passos. Tal o Carnaval no Rio há quarenta anos passados. Animadíssimo, sem cogitações de racionamentos ou coisas parecidas...

Em 1915 não houve desfiles das chamadas "grandes sociedades" O mundo estava em guerra e faltou verba para os préstitos. Isso não impediu que o Carnaval carioca mantivesse seu brilho costumeiro. Estavam em grande moda as "batalhas de confetti". "Uma das curiosidades do Carnaval de 1915 — escrevia o cronista de "Sorrisos & Frivolidades", na REVISTA — foram as batalhas de confetti... familiares. Houve as grandes e clássicas da Avenida Rio Branco e a batalha em Botafogo do "Binóculo". Estas foram, porém, as batalhas de grande espetáculo, o Marne e o Tanenberg da serpentina e do lança-perfume. Outras houve, numerosíssimas, de um gênero novo: as batalhas de bairro, de rua, de meia-rua, de travessa, de largo e de praça. Durante um mês os jornais nos deram minuciosas notícias desses recontros de tu-



Procopio e os artistas de sua companhia, então no Trianon, compareciam ao baile da "Noite Chinesa", no Hotel Glória. Os bailes constituíam o grande motivo de sensação no Carnaval de há vinte anos. Na gravura inferior, flagrante de um baile animadíssimo, nos salões do Clube Central de Niterói, no ano das comemorações do 1.º Centenário da Independência do Brasil.

1925

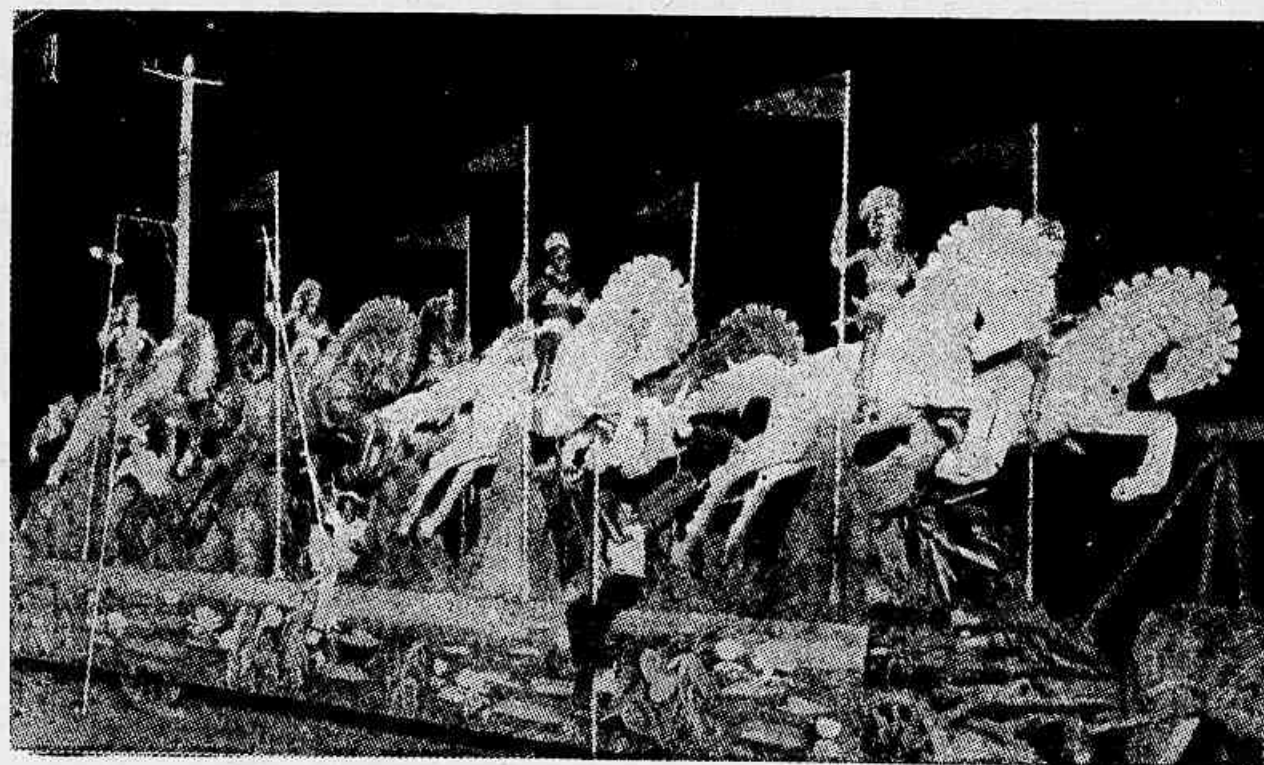




bos de éter (vulgo Vlan) e de rô-
los de fitas, em que houve muitas
vítimas. ...do amor". E o noticiá-
rio ilustrado documentava aspe-
ctos das batalhas, palanques da
comissão julgadora, grupos de
pierrots e colombinas no Automó-
vel Clube, de Petrópolis, no Copa-
cabana Clube, no São Cristóvão,
ainda podre de chic... Eram os
bons tempos do Figueiredo Pimen-
tel no "Binóculo" da "Gazeta".

Dez anos mais tarde os velhotes
afirmavam, outra vez, que o Car-
naval havia decaído. Mas não se
traduz essa impressão dos regis-
tros fotográficos nas coleções da
REVISTA. Voltaram os bailes à
fantasia, quase sem máscaras. Ai
está, num grupo do Baile dos Ar-
tistas, o nosso Calixto Cordeiro
fantasiado de jóquei, enquanto nu-
ma outra pôse Procópio surge de
turbante e cachimbo, rodeado pe-
los elementos da companhia do
velho Trianon. O Dia dos Ran-
chos merece a honra de duas pági-

1935 Rei Momo, na encarnação do reporter Cardoso, de "A Noite", era já uma novidade do
outro mundo, há dez anos, quando se deram suas primeiras aparições
nos folguedos carnavalescos da capital da República. No cliché superior,
Rei Momo chegando ao Palácio das Festas. E, no inferior, um detalhe
do cortejo dos Fenianos, então realizado pelo pintor Manuel Faria, mais tarde contemplado
com o Prêmio de Viagem no Salão de Belas Artes.



nas, parecendo terem sido garbo-
sos os cortejos dos "Arrepiados" e
da "União Aliança". O còrso está
no auge; há mocinhas de cartola
e bengala, de monóculo e piteira...
A cartola prevalece nesse Carna-
val, muito diferente de outro, mais
antigo, quando o Rio, da Tijuca
ao Leblon, foi invadido por uma
epidemia foliona de pijamas. Tô-
da a gente parecia ter caído na

farra com o pijama que havia ves-
tido nessa mesma noite.

Era cômodo e econômico

Mas a decadência mais visível
é sintomática da "festa popular por
excelência" (vá lá o chavão), re-
gistra-se no noticiário de 1935.
Mesmo com a chegada do nosso
amigo Cardoso, já empossado no
trôno de Rei Momo, uma displi-

cência enorme no vestir se obser-
va nos salões e nas ruas. As fanta-
sias cederam lugar aos macacões,
aos marinheiros, a tudo que seja
barato, corriqueiro, vulgar e nada
carnavalesco. Os banhos à fanta-
sia eram já um puro simulacro da-
queles notáveis do Flamengo, vin-
te anos atrás. E os préstitos um
arremêdo das proezas fantásticas
do Publio Marroig e do Fiusa.

Foi assim, triste e anêmico, o
Carnaval de há dez anos passados.

E o que aí está? Ou melhor —
o que aí não está?

Senhores, será que o Carnaval
está mesmo decadente, ou nós en-
velhecemos?

Está com a palavra o Rei Mo-
mo, que êste ano atravessará a
Avenida deserta, sem corsos nem
batalhas, enfiado no seu paletot-
saco, com os filhos pela mão, sem
ganhar dinheiro para ser Rei Mo-
mo, mas libertado das fantasias
multicores e da cabeleira abafa-
diça.

O tempo é da libertação dos po-
vos. Rei Momo à paisana é um
índice muito significativo



Acostumados já às emoções fortes do turf, os elementos de nossa elite social procuram nas tardes domingueiras o Hipódromo da Gávea, sem que o calor deste verão tropical possa impedi-los de gozarem horas de prazer esportivo naquele belo prado. Um verdadeiro desfile de modas as mais modernas e da mais requintada elegancia têm lugar então na pelouse do maravilhoso hipódromo, onde as graciosas aficionadas do turf espalham a beleza sadia de seu sorriso. Nesta página, alguns flagrantes sociais da reunião turfística de domingo último.

JOCKEY
CLUB
MUNDANO



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI — 10-2-945 — N. 6

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Grandeza e decadência de Rei Momo (Celestino Silveira).....	3/5
Carnaval de meia-tinta (Escragnolle Doria).....	22
Freguesia difícil de contentar (Don Aminado).....	26/27
Primeiro de Abril (Michel Davet).....	30
Petropolis e Deus (Jesey Barbosa).....	31
Vingança (Hugh Kahler).....	37
Livros Novos (J. L.).....	38/39

REPORTAGENS:

Jockey Club.....	6
Um cozinheiro pôde eleger um "imortal" — (Celsius Aulicus).....	9/15
Figuras e Fatos.....	32

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	23
Quatro Modelos.....	24/25
Blusas.....	42
Monogramas.....	43
Modelos Avuso.....	46/48

CURIOSIDADES:

O "Metro" em Londres.....	29
Gráficas de Hollywood.....	34/35
Variedade e riqueza.....	40/41

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
A guerra em marcha.....	18/20
De Rádio (Djalma Maciel).....	28
Artes Plásticas.....	33

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	21
"Charge" de Raul.....	50

ANEXO:

SUPLEMENTO DE GUERRA COM QUATRO MAPAS DOS CAMPOS DE OPERAÇÕES.

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dor de cabeça, tonturas, peso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dores e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrêtos, gases, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

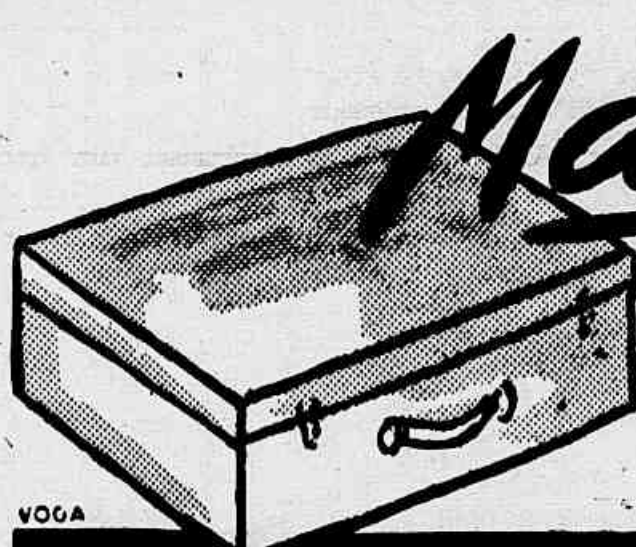
Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**



DE TODOS OS TAMANHOS, DOS MELHORES FABRICANTES

Grande variedade de malas leves e bolsas de lona para avião.

CASA MUNDIAL

Rua da Carioca, 63 • T. 22-2948

Nossa Capa



quenas bonitas, bregeiras, de sorrisos fascinantes. Dusty Anderson, "estrela" da Columbia, é sem dúvida uma das mais perigosas mascaradas da terra do celuloide. Dela oferecemos aos leitores, na sobrecapa deste número, uma interessante pôse. Tipo clássico das foliões de outrora, com a meia máscara de setim, por detrás desse disfarce, julgando-se irreconhecível, quantas diabruras não terá posto em prática!

Ainda a proposito do Carnaval, este ano também racionado em mercê da guerra, incluímos texto alusivo de nossos vários colaboradores. Em separado não podendo ser vendido avulsamente, damos o Suplemento de Guerra, agora oportunissimo, com os quatro mapas de maior atualidade, pelos quais poderão os leitores acompanhar melhor o desenvolvimento das operações nos vários setores da luta.

Seções de modas, uma palpitante entrevista com Agripino Grieco e muito noticiário avulso completam o sumário deste número.

Carnaval em Hollywood quer dizer, antes de mais nada, um desfile de pe-

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

"PEÇO A PALAVRA!"



O sr. Anibal Machado cometeu um grande erro: no Congresso Brasileiro de Escritores, segundo uma queixa da sra. Lidia Mosqueti aos jornais de Pôrto Alegre, foi-lhe negada por aquêlê intelectual a palavra, quando ela a solicitara para protestar contra os discursos pronunciados em francês naquele conclave.

A sra. Lidia Mosqueti surge agora, sem aviso prévio, no noticiário de todos os jornais do Brasil. Ficou-se sabendo então que ela é dada à filantropia, dirigindo em Pôrto Alegre vários estabelecimentos de caridade. A queixosa é ainda membro da Academia Gaúcha de Letras, cuja existência vem de ser assim, também, revelada ao público do Brasil.

Tendo tomado parte no Congresso, a sra. Mosqueti não se divertiu como os outros. E é por isto que ela vem agora, pelos jornais, protestar contra a atitude do sr. Anibal Machado, que não a deixou divertir-se. Segundo as suas alegações, justamente quando ela ia, após assistir calada a várias sessões, dar vasa à sua verbosidade feminina, o presidente negou-se a dar-lhe a palavra, declarando que a assembléia, convidada coletivamente para um "cock-tail", não tinha tempo disponível para ouvi-la.

Os congressistas aplaudiram, e o "cock-tail" foi servido a contento de todos. A sra. Lidia Mosqueti não explicou se participara ou não do "drink" intelectual. Mas falou coisas tremendas contra o Congresso e contra o sr. Anibal Machado. Entre elas afirmou que, se em Pôrto Alegre existe uma "panelinha" literária, em São Paulo está instalada uma "catedral".

E disse mais a "queixosa" que o Congresso, longe de tratar do interesse dos escritores, se restringiu a fazer o elogio dos "maquis" e a apologia de De Gaulle. Saiu então a campo o sr. Anibal Machado com a sua defesa: não conhecia a sra. Lidia Mosqueti, cujo nome lhe era inteiramente estranho. Viera a saber só agora que ela havia participado do Congresso.

Afirma porém aquela senhora que o presidente do Congresso Brasileiro de Escritores lhe negou a palavra quando ela ia protestar.

Eis por que repetimos que o sr. Anibal Machado cometeu um grande erro: negar a palavra a uma feminista.

Com isto, se a sua intenção era deixar passar despercebido um assunto de controvérsia, o resultado foi inteiramente negativo. Sim, pois agora d. Lidia Mosqueti conseguiu o que queria: um motivo para falar, falar, falar.

E como acontece a tôda feminista digna desse nome, a principal função de d. Lidia deve ser falar. Assim, a atitude do sr. Anibal Machado, longe de privá-la de um pretêxo para sua verbosidade, deu-lhe excelente assunto para uma conversa muito mais longa.

Parabens pois à líder feminista de Pôrto Alegre.

RUMO ÀS URNAS



As "manchettes" dos jornais vêm anunciando, em letras gordas, as eleições populares que determinarão, ainda este ano, os dirigentes do destino da Nação.

Segundo um telegrama publicado pelo "New York Times", dentro de poucos meses o Brasil se reintegrará no regime democrático, com diretrizes traçadas dentro do sufrágio universal.

Afirmam alguns jornais que a identificação dos eleitores se fará desnecessária no próximo pleito, bastando a carteira de identidade ou o documento de comprovação profissional para dar direito ao voto.

Ficarão assim todos os brasileiros maiores, homens e mulheres, habilitados a escolher, na disputa das urnas, os candidatos que lhes parecerem melhor credenciados para ocupar as mais altas funções administrativas do país.

A respeito do rumoroso assunto, adianta mais um matutino carioca que o Código Eleitoral que governará o próximo escrutínio já está elaborado, bem como o decreto que o institui.

As notícias informam que a lei é ainda, entretanto, inteiramente desconhecida nos meios políticos do Brasil, esclarecendo, porém, que o alistamento eleitoral, bem como a eleição em si, será presidido pelo espírito prático, que facilitará e simplificará em tudo a realização do pleito.

O assunto está sendo, assim, largamente comentado e discutido em todos os setores da opinião pública, havendo sobre o mesmo as mais desencontradas hipóteses.

A data certa em que a eleição se realizaria foi por alguns dada em Agosto e por outros em Abril.

E, a respeito do fato, a imprensa procurou ouvir todos os velhos líderes políticos, que se expressaram sobre o assunto com as mais diversas hipóteses e as mais divergentes opiniões.

Destas, queremos transcrever aqui a do ministro José Américo de Almeida, por ter sido ela a que mais interessante nos pareceu.

Eis o que êle disse:

"Desejo, como todos os brasileiros, o regresso do Brasil à democracia e, portanto, às eleições. Mas que sejam eleições de verdade, isto é voto direto e secreto, cujas vantagens foram demonstradas pela experiência já realizada. E que se processem também num ambiente isento de qualquer restrição à consciência dos cidadãos e à liberdade de propaganda, para que o seu resultado seja acatado por todos, como um padrão do aperfeiçoamento de nossa vida pública."

NO TEMPO DA CAROCHINHA



O Estado de Minas Gerais, principalmente sua capital, tem sido durante muito tempo a fonte transbordante onde os jornais vão buscar todos os dias os fatos mais pitorescos, muitos dos quais tocam às raias do inverossímil.

Foi em Minas que apareceram galinhas com cara de gente, bodes que davam leite, cabeças de mamutes, e outros blchos de fábula.

Agora nos chega outra notícia de lá: na cidade de Lambari vai se realizar brevemente uma grande exposição de gado leiteiro e zebú.

Sabe o leitor o que quer dizer isto?

Naturalmente que não. Mas, procurando a significação da notícia nos dicionários e nos alfarrábios antigos, podemos concluir que a nota se refere ao seguinte:

Daqui a alguns dias, em Lambari, homens de várias cidades vizinhas levarão a um campo preparado animais estranhos, de ventre arredondado, cabeças retilíneas, nas quais aparecem sempre, postos sobre os frontais, dois grandes chifres agudos. Alguns desses animais que, segundo a crônica, antigamente abundavam em todo o país, trazem às costas uma grande corcova sebácea, que lhes dá um aspecto assaz grotesco e desleigante.

A esses, diferenciando-os dos outros da mesma espécie, dão os entendidos o nome genérico "Zebú".

Outros há, cujo leite dos espécimes femininos era aproveitado, antigamente, para a alimentação da espécie humana, principalmente das crianças e das mães em período de amamentação.

São esses pois os animais raros, representantes de uma espécie quase desaparecida, que desfilarão diante da população privilegiada de Lambari.

Assim, Minas Gerais continua a manter viva a sua tradição de terra dos mais inacreditáveis acontecimentos.

Vemos entretanto, se estudarmos mais detalhadamente o estranho fenômeno, que o mesmo é, como tudo no mundo, relativo ao tempo e ao espaço.

Por certo se surpreenderão grandemente os leitores, ao saber que a tal Exposição de Gado Leiteiro e Zebú, realizada há alguns anos atrás, seria um acontecimento despido de maior importância. Sim, pois, segundo afirmam naturalistas e técnicos, não há muito tempo a carne do chamado Gado Zebú era utilizada na própria alimentação humana. Informam mesmo os especialistas em dietética que ela constitui um alimento rico em vitaminas e outros elementos de valor.

Limitemo-nos pois a transcrever aqui o que dizem a respeito os cientistas. Quanto a nós, comentamos o estranho caso de Lambari sem entrar em considerações sobre a sua veracidade.

Afirmam porém os jornais que a exposição dos raros animais será em breve um fato de domínio público. E o leitor inteligente acredite se quiser...

"LADRÕES CAMUFLADOS EM HOMENS DE BEM"



Sob a epígrafe acima, publicaram os nossos confrades de "O Globo" o balanço das atividades dos "luntas", "punguistas", "vigaristas", "escorchantes" etc. em 1944.

Na reportagem aparece a lista interminável dos meliantes colhidos pelas malhas da polícia durante os 366 dias do ano que passou.

Ali estão discriminados os nomes de batismo e de guerra de tôda uma vasta legião de malandros conhecidos que, para exercerem a sua nociva atividade, se escondem sob honestos disfarces, sendo na aparência, todos êles, os mais inocentes dos mortais.

Mas a argúcia policial descobria sempre, sob a capa de pele de cordeiro, o focinho peludo do lobo. E os meliantes iam todos, um a um, encaminhados ao xadrez hospitaleiro.

Assim aconteceu com Ernesto Ficher Mariz, o "rei dos noivados", assim aconteceu também com Heitor Pícula de Freitas, um espertalhão de renome...

Na lista não aparecem, entretanto, os nomes de muitos "homens de bem" que estão exigindo um lugar de destaque nesse honroso catálogo.

Seria interessante, ao lado do nome do "rei dos noivados", escrever-se, por exemplo, para conhecimento do público o nome dos reis e dos príncipes do casamento da água com o leite, essa festa nupcial que se realiza todos os dias em tantas leiterias e em tantos cafés da Cidade Maravilhosa.

Poderíamos ainda sugerir para a lista em questão uma infinidade de nomes que integram hoje o vasto sindicato da especulação e do câmbio negro.

Apresentaríamos neste caso, nominalmente, ao consumidor, sem máscara e sem "camouflage", tôda essa quadrilha de "punguistas" que calma e pausadamente, "japonêsa" por "japonêsa", vai "batendo" a prestações, durante a semana e o ano, a carteira minguado do pobre.

E postas as cifras em confronto, veríamos no fim, dado o balanço total de lucros e perdas, que, somadas tôdas as "pungas" do ano de 1945, elas não acusariam, para o bolso vasio das vítimas, a décima quinta parte do prejuízo que lhes causara, durante um mês, o lucro excessivo dos fornecedores de gêneros alimentícios; e os assaltos verificados durante o ano em todo o Rio nunca chegariam a alcançar a cifra assustadora acusada pela soma total das "luvas" pagas pelos contratos dos apartamentos de Copacabana.

Vê-se pois, pelo exposto, que bem justo seria um confronto dos prejuízos causados pelos ladrões desmascarados, com os furtos e roubos praticados pelos ladrões de coleite e gravata, que andam por aí em gasogênios de luxo, alardeando a sua honestidade e boa fé.

E justo seria também que o companheiro de quarto de Heitor Pícula ou de Ernesto Ficher Mariz fôsse o homem que nos fornece a carne ao preço de ouro e o arroz ao preço de diamante...

Em verdade êstes não nos batem a carteira de uma só vez, com um jôgo magistral de prestidigitação.

Mas é necessário que se lembre também que de grão em grão... Ali Babá enche a caverna.

UM BOM COZINHEIRO PODE ELEGER UM "IMORTAL"

**DECLARA
AGRIPINO GRIECCO**

DESMASCARANDO AS "PANELINHAS" LITERÁRIAS — AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, A POESIA E O COMÉRCIO — CLAUDIO DE SOUZA & CIA. — OS "FIVE O'CLOCK TEAS" DAS POETISAS — A EVOLUÇÃO LITERÁRIA DO AUTOR DE "CAÇADORES DE SÍMBOLOS" — DE PARAÍBA DO SUL AOS TEATROS DE SÃO PAULO

Escreveu CELIUS AULICUS

Esta não é uma história cheia de ternura e de sentimentalismo: é, antes, áspera e amarga, causticante como o sol do deserto, espinhosa como os cactos selvagens.

E' uma história cheia de ironia ferina, que ouvimos de um homem de cabelos brancos, envelhecido na luta contra o aulicismo e contra a mediocridade laureada, no pequeno escritório de uma casa suburbana, onde vive êsse monstro: Agripino Grieco.

Em sua conversa com o repórter o velho leão da crítica literária revelou-se em tudo o conferencista versátil que o público dos vinte Estados brasileiros não se cansa de aplaudir. Falou, falou muito, contou a sua vida, dissertou sobre sua obra e sobre as dos outros. Mas em suas explanações nem uma palavra inútil pronunciou, nem um conceito desinteressante emitiu.

Tudo o que disse prendia-se estreitamente ao interesse do público leitor, que êle se habituou a servir há muitos anos, através de sua palavra escrita ou falada, esclarecendo a opinião popular, desmascarando ineptos, dissecando idéias, castigando sempre os que mereciam ser castigados, com a força de seu talento e o gume frio de sua ironia mordaz.

Agripino Grieco deixa a residência para o giro de todas as noites no jardim do Meier. E ali, sentado num banco como qualquer outro mortal, fica horas inteiras meditando... e preparando o "material" para o rodapé que deve escrever na manhã seguinte.



POR DETRÁS DO BALCÃO

Antes de relatarmos a conversa de Agripino Grieco com a nossa reportagem, queremos revelar aos leitores a vida e a evolução desse temido carrasco da literatura brasileira, cujo cutelo não perdoa o pescoço de quem quer que seja, coroado ou não.

Agripino é filho de italianos. Nasceu em Paraíba do Sul, e as mais remotas recordações de sua infância prendem-se às histórias dos bandoleiros do sul da Itália, que seu pai lhe contava. Este, após

os trabalhos exaustivos do dia, passado todo atrás do balcão de seu estabelecimento comercial, ia narrando, nos serões sonolentos, os assaltos e os fuzilamentos a que assistira, no vilarejo da Basilicata, quando os bandoleiros românticos percorriam as estradas escuras, rapinando aldeias e carruagens.

Muitas vezes, quando voltava do trabalho, o comerciante trazia para o filho livros velhos de escrituração mercantil, com páginas cheias do movimento de compra e venda. E era nesses livros que o garoto rabiscava as suas primei-

ras produções literárias, início modesto de uma longa carreira de crítico.

E apesar da adversidade do ambiente o menino se apegava à leitura, devorando ininterruptamente, dia e noite, romances de Ponson du Terrail e produções de Camilo.

Muito jovem, já com sonetos publicados no jornaleco que comandava o pensamento de Paraíba do Sul, Agripino aportou ao Rio com um emprêgo na Central do Brasil e muita vontade de escrever.

Em seu pequeno gabinete de trabalho, o crítico mais temido lê as produções de autores novos e velhos. Ele tem sempre uma parcela de benevolência para com os calouros. Mas os antigos não escapam, nunca, ao castigo da sua ironia mordaz e de sua justiça severa. A função de crítico não é a de jogador de "confetti". Com Agripino é "no duro", e quem não gostar que escreva menos.

A sede de saber vibrava em seu coração. E ele, à custa de sacrifícios, estudava no Colégio São Bento, nas horas de folga, em função de simples aluno ouvinte.

Mas quase tudo o que aprendeu deve a si mesmo. As aulas espaçadas a que assistia não lhe podiam trazer grande proveito. Assim, lançou-se às leituras e ao estudo da literatura, varando noites e dias inteiros sobre os livros abertos.

E os livros e a vida iam lhe ensinando o que não aprendera no São Bento.

Isso foi ao tempo em que a boemia literária fazia furor no Rio de Janeiro. Bilac e Coelho Neto, já consagrados, eram os homens do dia. Eram eles que determinavam o que o carioca devia ou não pensar, a respeito de qualquer coisa. E o jovem Agripino Grieco, um moço desconhecido da província, olhava de longe os dois semi-deuses, namorando-os entusiasmado, à distância.

Recordando esse tempo, o crítico conta uma passagem interessante, que bem revela o seu entusiasmo pelos grandes poetas da época:

— Uma vez, deparando com Olavo Bilac em conversa com uma legião de amigos, aproximei-me timidamente, para ver se surripiava, às escondidas, um pouco daquela "verve". Notando as minhas intenções, o poeta calou-se, temendo com certeza que eu ouvisse de graça os seus pensamentos e as suas pidades.

Assim era Agripino em 1910. Um moço desconhecido de Paraíba do Sul, perdido dentro do Rio, sem fortuna e sem amigos que o pudessem encaminhar na áspera estrada da carreira literária.

Mas o rapaz não esmoreceu. Lutou, escreveu, tentou publicar as suas produções, lançando finalmente, após esforços ingentes, o primeiro volume de seus versos de principiante: "Ânforas".

Pelo título pode-se ter uma idéia do que seriam os sonetos do volume — versos românticos, algumas páginas de lirismo inconsequente, algo muito distante das críticas espinhosas do Agripino Grieco de 1945.

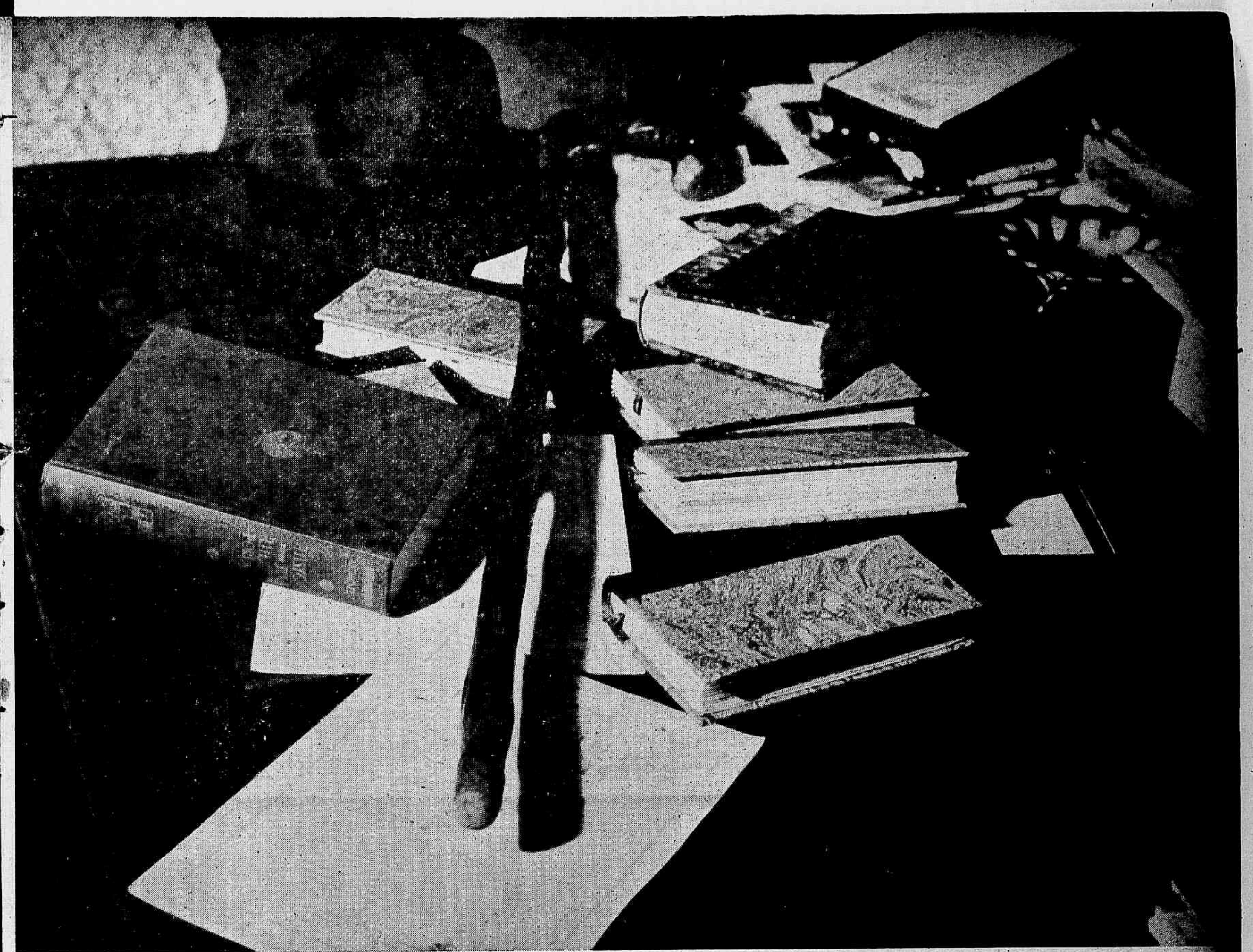
Entretanto, o mocinho desconhecido da província começa com "Ânforas" uma das mais brilhantes carreiras literárias, que iria culminar nas famosas conferências com auditórios lotados e gargalhadas estrondosas coroando sempre cada piada agressiva e irreverente do autor...

Entre o jovem estreante e o velho combatente da crítica, traça-se um longo círculo evolutivo, cheio de obstáculos difíceis e de passagens pitorescas, que dariam motivo a uma das mais interessantes biografias que alguém se propusesse escrever.

"ESTATUAS MUTILADAS" E A IMPRENSA PERIÓDICA

Saltemos agora alguns anos e iremos encontrar o famoso crítico em 1913, saindo da tipografia on-





Os melhores companheiros de Grieco, amigos inseparáveis de tantos anos: Euclides, Castro Alves, o chapéu e a bengala. Esta, é uma bengala histórica; pertenceu a Antonio Torres, que a presenteou ao amigo. Um conselho aos literatos: cautela com a tradição deste bordão... Antonio Torres foi o legítimo antecessor de Agripino: mordaz, franco e causticante a mais não poder. Na exata...

de fora buscar os primeiros exemplares impressos de seu primeiro livro de prosa: "Estátuas Mutiladas", uma coleção de contos românticos, todos passados nos ambientes requintados de palacetes aristocráticos, onde marquesas langorosas amavam poetas pálidos e flôres européias se refletiam em espelhos de cristal da Boêmia. Assim escrevera Agripino, ainda mal chegado de Paraíba do Sul, um livro onde transparecia todo o fausto de Versailles e onde espumava todo o vinho de Champagne.

A este tempo ele nem sequer sonhava em se dedicar à crítica, que viria mais tarde espalhar o seu nome pelos quatro cantos do país e fazê-lo citado por todos, e por todos temido.

A casualidade, porém, fê-lo encontrar um dia este ébrio de gênio que se chamou Lima Barreto, uma glória nacional que a cachaça matou.

Frequentando os dois intelectuais a Livraria Schettino, na rua Sachet, tornaram-se grandes amigos.

Ruy andava então no apogeu da glória. Ele era a maior inteligência do país, o maior gênio da história, e fora dele não haveria salvação. O seu nome, elevado com justiça ao pináculo da glória, decambou depois para a veneração

religiosa de toda uma geração, e tomou o aspecto de um tabú severo, ao qual não se podia admitir crítica ou contestação: sua palavra era uma lei, sua opinião um dogma.

Foi dentro dessa atmosfera de veneração religiosa, quando no Rio de Janeiro se ouvia o nome de Ruy no próprio canto dos pássaros, quando nas livrarias e nos cafés se respirava Ruy, quando Ruy era servido gratuitamente em todas as frases e quando Ruy era tomado de empréstimo em todas as discussões, que Agripino e outros dois lançaram ao público a sua revista. Esta, não se contentava em reproduzir o nome do imortal baiano em todas as páginas e em todas as colaborações: fazia mais, ia além de todas as revistas então publicadas. Trazia na própria capa e nos cabeçalhos internos, o glorioso nome de Ruy. Sim, porque "Ruy" se chamava o periódico.

Escrevendo para "Ruy", o jovem intelectual tinha ingressado no jornalismo. Mas essa foi, como diria o velho Afonso da Maia de Eça, uma "péssima estréia". Isto porque "Ruy" não teria a imortalidade de seu patrono. Morreu muito jovem, recém-nascida mesmo, sendo a sua efêmera passagem sobre a terra assinalada apenas

pela publicação do primeiro número.

Mas a revista havia dado a Agripino Grieco o gosto pelo jornalismo, esse vício tremendo contra o qual moralista algum pensou ainda em se pronunciar.

Pouco depois lançavam, ele e Coelho Cavalcanti, outro semanário, dessa vez uma publicação satírica, com o sugestivo título "Pua".

Acontece porém que, como "Ruy", "Pua" foi um semanário destinado a aparecer apenas uma vez por século. E a nova tentativa jornalística ficou também restrita à primeira edição.

Com isso estava criado o jornalista Agripino Grieco, que passou a fazer parte do corpo redatorial de "Hoje", revista fundada e dirigida por Ferdinando Borla, um italiano chegado não havia muito ao Brasil e que fundara anteriormente o semanário "A. B. C".

Nesses periódicos também colaborava Lima Barreto, que era, naquele tempo, o amigo inseparável de Agripino.

A vida de "Hoje" teve passagens interessantes e pitorescas, que até agora são ainda lembradas na crônica do jornalismo carioca.

Nada ocorreu aí de escandaloso, como quando Grieco secretariou o "Mundo Literário", de Pereira da Silva e Théo-Filho, e esta últi-

ma revista publicou uma carta de Silvio Romero a Almaquio Diniz, na qual Laudelino Freire e seu irmão Felisbello eram atacados sem reservas. Esse número da publicação, porém, mercê do vocabulário irreverente de que se utilizou o autor da crítica, circulou com as páginas em que a mesma se estampava, arrancadas a tesoura.

Um fato que assinalou marcadamente os trabalhos de "Hoje" foi a congestão cerebral provocada no chefe da composição pela letra execrável de Lima Barreto. Eis o caso: acabado o jantar, o compositor se preparou para passar para o chumbo o artigo do famoso escritor. Vendo porém os originais, que se estendiam à sua frente, em garatujas ilegíveis, ficou possuído de tamanha raiva, que desmaiou sobre as caixas de tipos, com as faces congestionadas pela ira.

Assim viveu "Hoje" durante algum tempo, contando sempre com os artigos pontuais de Agripino e os pileques diários de Lima Barreto, cuja letra piorava de hora para hora.

Mas já então o autor de "Anforas" se tornara conhecido e admirado em todo o Rio. O seu primeiro livro de críticas irônicas, "Fetiches e Fantoques", viera à luz com sucesso, seguindo-se-lhe um volume de ensaios de literatura

mais serena, "Caçadores de Símbolos".

E não tendo um dia, por qualquer motivo, podido Tristão fazer a habitual crítica literária de "O Jornal", convidaram-no a substituí-lo.

Celebrava-se uma data qualquer, relacionada à vida ou à obra de Gregório de Matos. Sobre ele escreveu o novo crítico. E tanto agradou o seu trabalho, aparecido na primeira página, que até hoje, uma vez por semana, lá está ele, com o seu vocabulário característico, elogioso raramente, irreverente muitas vezes, mas sincero sempre, mostrando, à luz da imparcialidade, o verdadeiro valor das obras literárias de quaisquer natureza ou escola.

AGRIPINO GRIECCO 1945

Estava então, definitivamente, afirmado o valor do crítico literário Agripino Grieco. E foi assim que ele se consagrou: graças ao seu talento, sem a ajuda de pisto-lões, sem que ninguém lhe desse a mão para guindá-lo ao cimo do barranco.

E é isso o que dá ao crítico autoridade incontestável para falar sobre qualquer obra literária.

Hoje, famoso já, consagrado por todos como o maior crítico do país, Agripino não se prende a esta ou àquela "panelinha", nem se deixa influenciar, como acontece aos seus colegas, pela posição dos autores perante a opinião pública.

Mas o que mais o caracteriza é a sua coragem de dizer sempre o que está errado, seja quem for o autor do erro.

Essa atitude independente, assumida diante de todas as obras a criticar, fez que ele fosse se tornando cada vez menos querido pelos literatos, principalmente por aqueles que se fizeram à custa da auto-propaganda e da permuta de elogios.

Mas o público acostumou-se a procurar o velho crítico, sempre que precisa orientar-se a respeito de qualquer livro. E as conferências realizadas por ele levam aos teatros uma multidão de leitores, ávidos de sinceridade e de crítica desinteressada.

E Agripino Grieco, esse monstro que tem a ousadia de discordar da genialidade dos literatos da elite, vive hoje renegado, longe dos cenáculos e das "igrejinhas" em sua casa do Meier, à distância dos intelectuais e das academias, aci-

ma das intrigas do "Amarelinho" e do "Vermelhinho".

E a vida do lutador transcorre calma, dividida entre passeios pelo jardim suburbano, visitas à Livraria Caxias, conferências em cidades do interior e cumprimentos à vizinhança.

A quem o encontrasse em seu giro de todas as noites pela rua Aristides Caire, poderia parecer que o velho leão, cansado já de muitos anos de lutas contra a ignorância e o mercantilismo, estivesse gozando hoje uma aposentadoria confortadora, sem esforço mental e sem preocupações outras que re-ler os autores favoritos no doce aconchego do lar.

Entretanto tal não acontece. As rugas e os cabelos brancos, longe de abaterem o espírito combativo de Agripino, deram-lhe novas forças para prosseguir na luta e emprestaram-lhe vigor novo para empreender outros combates.

E para nós os novos, é uma triste realidade sabermos que em todo o território do Brasil, varadas as savanas do sul e as selvas do norte, entre as legiões de intelectuais novos e de velhos acadêmicos, encontraríamos apenas este veterano que nos tivesse coragem de dizer verdades em torno da lite-

ratura brasileira atual e dos literatos em particular.

"NÃO TEMOS POETAS"

A nossa conversa com o crítico foi longa e diversa. De início quisemos saber a sua opinião sobre a poesia moderna no Brasil.

Agripino dá-nos a sua opinião:

— Creio que não temos poetas modernos. Podemos ter prosadores modernos. Esses rapazes ligados aos círculos literários do "Amarelinho" e do "Vermelhinho", que se dizem poetas, não podem merecer esse nome. Alguns, não nego, dariam bons prosadores, porém não são poetas. Mas insistem em sê-lo. E o pior é o absolutismo que os caracteriza. Nenhum concebe outro poeta que não seja ele mesmo ou, quando muito, algum amigo ligado à sua "panelinha". E se alguém ousa duvidar de suas palavras, levanta-se, enche o peito e, sem apresentar argumentos ou provas, grita aos quatro ventos: "A poesia sou eu".

— Mas o senhor não acha que há grandes poetas modernistas, como Gold, etc.?

— Há grandes poetas modernistas, como há grandes poetas românticos ou clássicos. Mas os há

As críticas do nosso homem, fortes como o cimento armado e destruidoras como dinamite, são produzidas nessa pequena máquina, onde ele vai escrevendo, com um dedo só, letra por letra, as suas catilinárias tremendas. Os poetas, os novelistas, os ensaístas bisonhos têm merecido dessa "typewriter" grandes ataques construtivos. Agripino acha que os valores exatos resistem a todos os ataques.





O velho leão da crítica literária conversa com o reporter. Ninguém escapou ao castigo. Todos desfilaram na palestra e foram todos sendo impiedosamente feridos pelas farpas agressivas das palavras irônicas de Agripino. Em dado momento pensamos perguntar-lhe: "Por que não se candidata à Academia?". Mas, francamente, faltou a coragem. Que resposta violenta não ouviríamos de Agripino?!

fora daqui. No Brasil existem apenas imitadores de Cendrars, Apollinaire e outros gênios estrangeiros, maus discípulos que se querem impor à custa dos elogios próprios ou dos amigos, para os quais, por sua vez, têm também os seus elogios standardizados. Os adjetivos são de ida e volta...

"Mas o que acontece é que essas agências de publicidade mantidas pelos intelectuais de hoje, não convencem ao público. Eles continuam entretanto a se elogiarem mutuamente, formando verdadeiros sindicatos de propaganda, "trusts" descarados de cabotinismo, que lhes dão, perante as editoras, a posição de donos legítimos da inteligência nacional.

A sua ação, se se restringisse ao benefício próprio, nenhum mal teria. Mas é que ela se torna, verdadeiramente, uma calamidade para o leitor."

— E o senhor acredita na influência funesta dessas "capelinhas"?

— Por que não? Tome por exemplo uma empresa editora, em cuja livraria se reúne uma dessas "gangs" açambarcadoras do livro.

"Se um autor novo propõe à casa a edição de um trabalho, verso ou prosa, teatro ou romance, o original tem que passar impreterivelmente pelas mãos dos proprietários da inteligência. E eles, num movimento instintivo de comerciante ameaçado pelo concorrente (pois não passam em verdade

de comerciantes), desautorizam a obra, às vezes sem mesmo se darem ao trabalho de folheá-la.

— A que atribui isso? Ignorância, má fé ou estupidez?

— A uma mistura de todas essas boas qualidades. Os literatos de hoje, mercantilizados por necessidade ou por vocação, organizaram-se num verdadeiro "trust", que forma uma barreira intransponível em torno do Olimpo onde tomam assento.

A EVOLUÇÃO DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

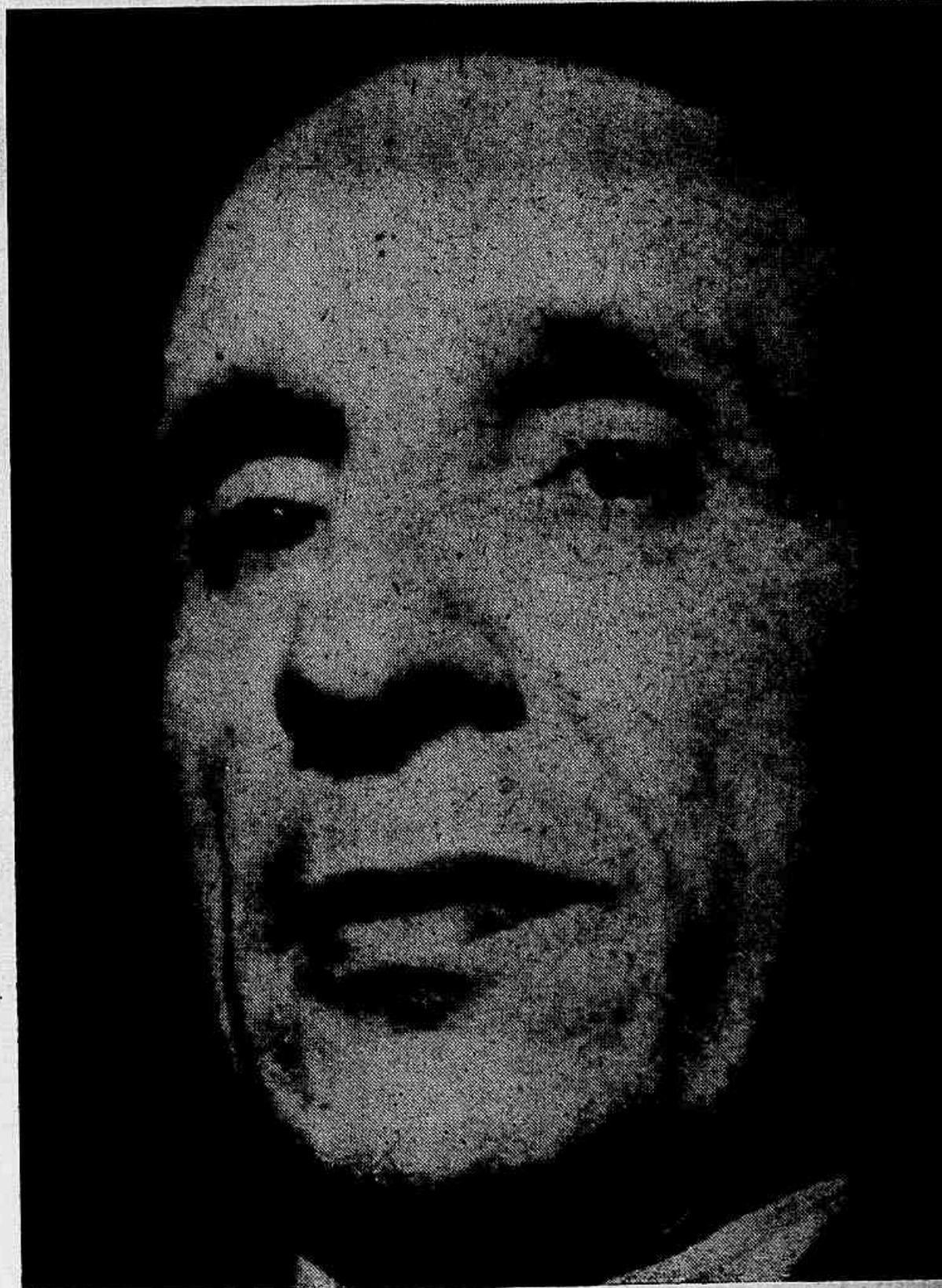
Agripino Grieco quando começa a falar acelera-se como um motor e, ligando as ações e pensamentos, numa palestra agradável e elegante, sem deixar de falar, disserta sobre todos os assuntos, numa perfeita e harmoniosa sequência, sem que o sentido das frases se quebre, sem que os temas se sucedam abruptamente.

Agora ele está diante de nós, os olhos acesos, entusiasmado, "metendo o pau" nos intelectuais.

Tomando fôlego, continua:

— Veja por exemplo Augusto Frederico Schmidt. Ele é poeta? Não. E não o é por um simples motivo: o poeta e o comerciante nunca se misturam. E Augusto Frederico Schmidt é o protótipo do comerciante. E' ele a "Eminência Parda", que está atrás de todos os grandes negócios realiza-

As rugas e os cabelos brancos não concorrem para que o crítico tenha com os intelectuais essa ternura condescendente que caracteriza os espíritos envelhecidos. Ainda notamos em seus olhos o mesmo ardor combativo dos velhos tempos: "Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele..." E quem escreve precisa ser criticado.



dos no Rio de Janeiro. Aciona, por detrás do pano, os cordões que movem os fantoches de muitas empresas industriais e comerciais.

E com êle deu-se um fato interessante: quando escreveu a primeira poesia e a lançou a público,

rém, não se deu. E êle continua, na sua posição de balão cativo, prêso ao balcão do armazem originário. Julga que evoluiu, mas, se tomarmos as suas produções e as examinarmos com cuidado, veremos que a única evolução por

CLAUDIO DE SOUZA & CIA.

O crítico continua a sua catilnária contra os intelectuais:

— E êsse panorama triste é o único cenário que se nos depara, na literatura atual do Brasil. As

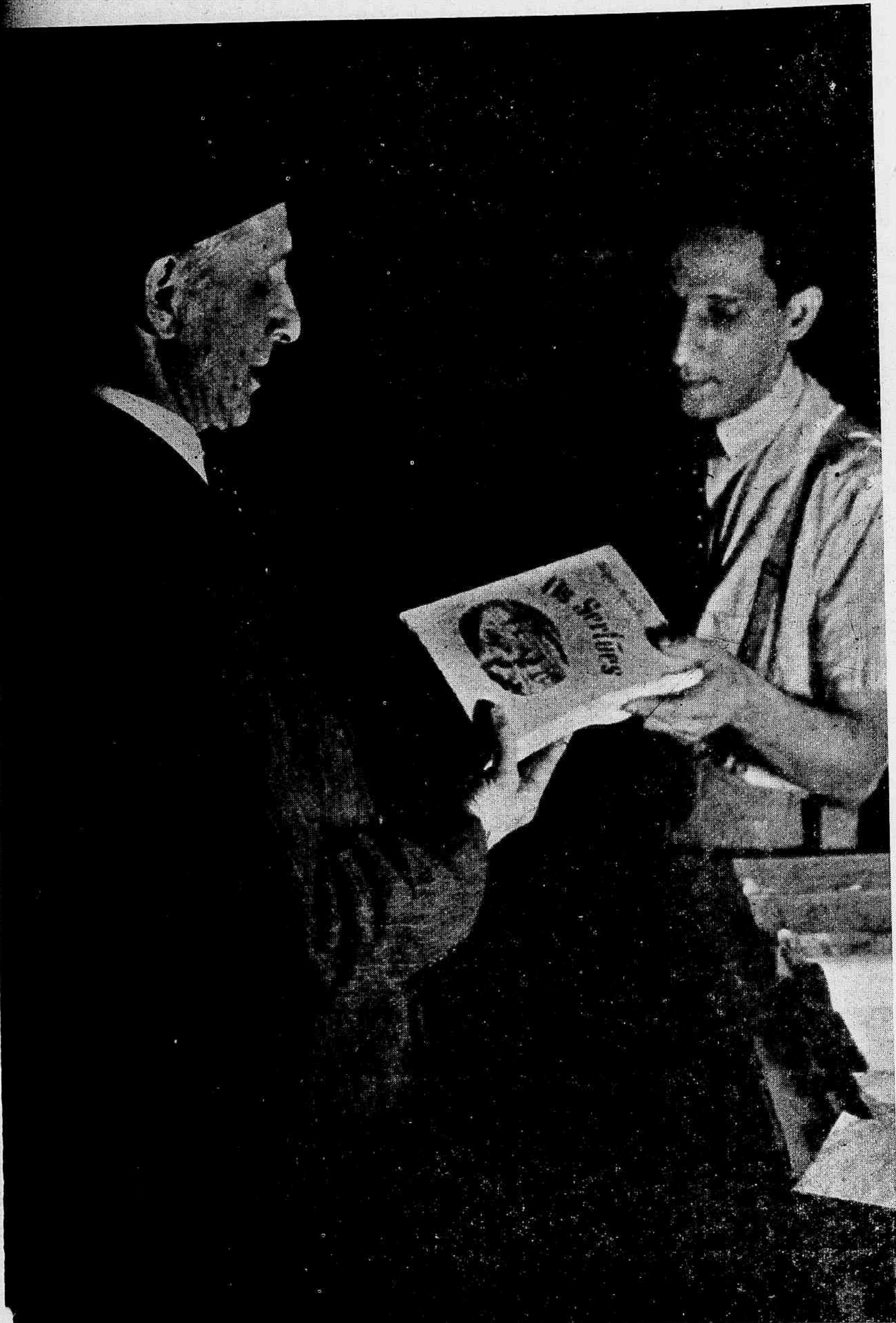
tores de nossas letras. Ao abriremos os jornais de domingo, se não encontramos um elogio a José Lins do Rego, logo supomos uma grande tragédia humana ou um flagelo universal. Ainda êsse é um bom romancista... E nas mesas dos cafés os elogios se trocam, as apologias se permutam. Se os encontrarmos em conversa, êsses literatos dos cafés coloridos são todos gênios. Entretanto, se os lermos, todos se nos mostram medíocres.

— E a Academia? perguntá-mos. Acha que ela seja diferente dos outros círculos literários?

— Se houver diferença — continua Agripino — será para pior. Este espírito de servilismo e de falta de coragem, que degenerou no elogio descabido, é um dos principais traços da linha de conduta dos ocupantes da Casa de Machado de Assis. Ali o que impera é o regime dos pistolões e do mercantilismo. E o pior, o mais doloroso, para mim, literato da velha guarda, é ver homens de minha idade, de cabelos brancos, mendigarem votos para ocupar uma das cadeiras do Petit Trianon. E se os "imortais" não os consideram dignos de figurar entre êles, ou porque o concorrente seja um melhor amigo, ou porque tenha sido melhor recomendado, logo na outra eleição vemo-los novamente candidatos, exercendo a mesma mendicância, curvando a espinha ainda com maior flexibilidade. Assim é, infelizmente, o cenário da avenida Presidente Wilson. Uma casa onde se repete, uma ou mais vezes por ano, o mesmo espetáculo tragi-cômico. E ali, atualmente, ninguém entra porque tenha escrito uma boa obra ou se tenha tornado verdadeiramente digno da imortalidade.

— E Monteiro Lobato?, perguntá-mos. Acha que êle merece a Academia?

— Acho que Lobato já está na fase academizável. Isso não impede, porém, que êle renegue a Academia, pois não precisa dela. Escreveu grandes livros, e isso é o suficiente. Quem consagrou Euclides como o maior narrador de batalhas do hemisfério e como estilista genial foi a epopéia de "Os Sertões", e não a cadeira que ocupou, com o jeitão insociável de sempre, num edifício deselegante... Mas a Academia, onde antigamente ainda se sentavam homens como o imortal autor de "Contrastes e Confrontos", está hoje, como todos os outros setores literários, corroida pelos conquistadores de posições. E ali se entra, não pela satisfação do talento, mas pela satisfação do estômago. Claudio de Souza teve ingresso na A. B. L. apenas porque possui um ótimo cozinheiro: os acadêmicos convidados aos seus jantares, na esperança de que a "boia" se repetisse sempre, não titubearam em elegê-lo. As glórias de sua eleição devem, no entanto, ser repartidas entre o mestre-cuca e o "chaufeur", que se achava sempre à porta do dono do voto mais difícil, pronto a conduzi-lo no automóvel de luxo do patrão. Diga-se, po-



Na Livraria Caxias, no Meier, é que mestre Agripino compra seus livros. Ei-lo aqui, adquirindo uma nova edição de "Os Sertões", uma brochura simples e sem ornatos. A biblioteca do crítico nada tem de ornamental. Ele prefere o conteúdo dos volumes às encadernações luxuosas, e acha imensa graça nos literatos de gabinetes pomposos, solenes mas de miolo vazio, sonhando eternamente com o Petit-Trianon...

pensou que se libertara do comércio e que era, daquela hora em diante, um grande poeta. Tal, po-

êle conseguida foi passar do varejo para o atacado. Isto e nada mais.

agências de publicidade dos autores trabalham incessantemente, o cabotinismo comanda todos os se-

rém, a favor de Claudio de Souza, que longe de estar sinceramente interessado em conduzir o "amigo" no automóvel, desejaria antes passar por sobre seu ventre farto as rodas da limousine. Seria mais uma vaga...

POETISAS E "FIVE O'CLOCK TEA"

— Mas não se pode culpar a Academia — continua Agripino. — O que ali acontece é o reflexo claro do que acontece cá fora. O público desilude-se dos autores porque eles nada de novo apresentam, a não ser a afirmação do seu próprio talento, o elogio de sua própria pessoa.

Um dos poucos escritores independentes e sinceramente brasileiro é Jorge Amado, que com o seu lirismo nos dá a sensação da fuga, da evasão: a fuga do Brasil de Augusto Frederico Schmidt, o retôrno ao Brasil de Castro Alves. Oswald de Andrade é um grande sarcasta, um Pantagruel a devorar mediocridades. Marques Rebelo oferece-nos, em prosa, deliciosas miniaturas líricas... Afinal, as "igrejinhas" se multiplicam, públicas ou privadas, expostas nas terrasses do "Amarelinho" e do "Vermelhinho", ou fechadas nos palacetes da Gávea e de Botafogo. Olhe o caso de Gilka Machado. Ela é, em verdade, o único valor da nossa poesia feminina. Não pode entretanto ser considerada uma poetisa porque, coitada, só faz versos.

E' certo que a poesia de Gilka Machado é uma grande poesia. Mas quem é que se pode afirmar como artista, apenas pela sua arte?

Assim, enquanto Gilka, entregue à luta pela vida e à educação artística da filha, fazia versos nos momentos de descanso, as suas rivais iam recebendo embaixatrizes e jornalistas em luxuosos palacetes, ganhando assim, à custa dos "five o'clock teas" e dos bailes de gala, a celebridade que o seu valor literário, inexistente, não lhes poderia garantir.

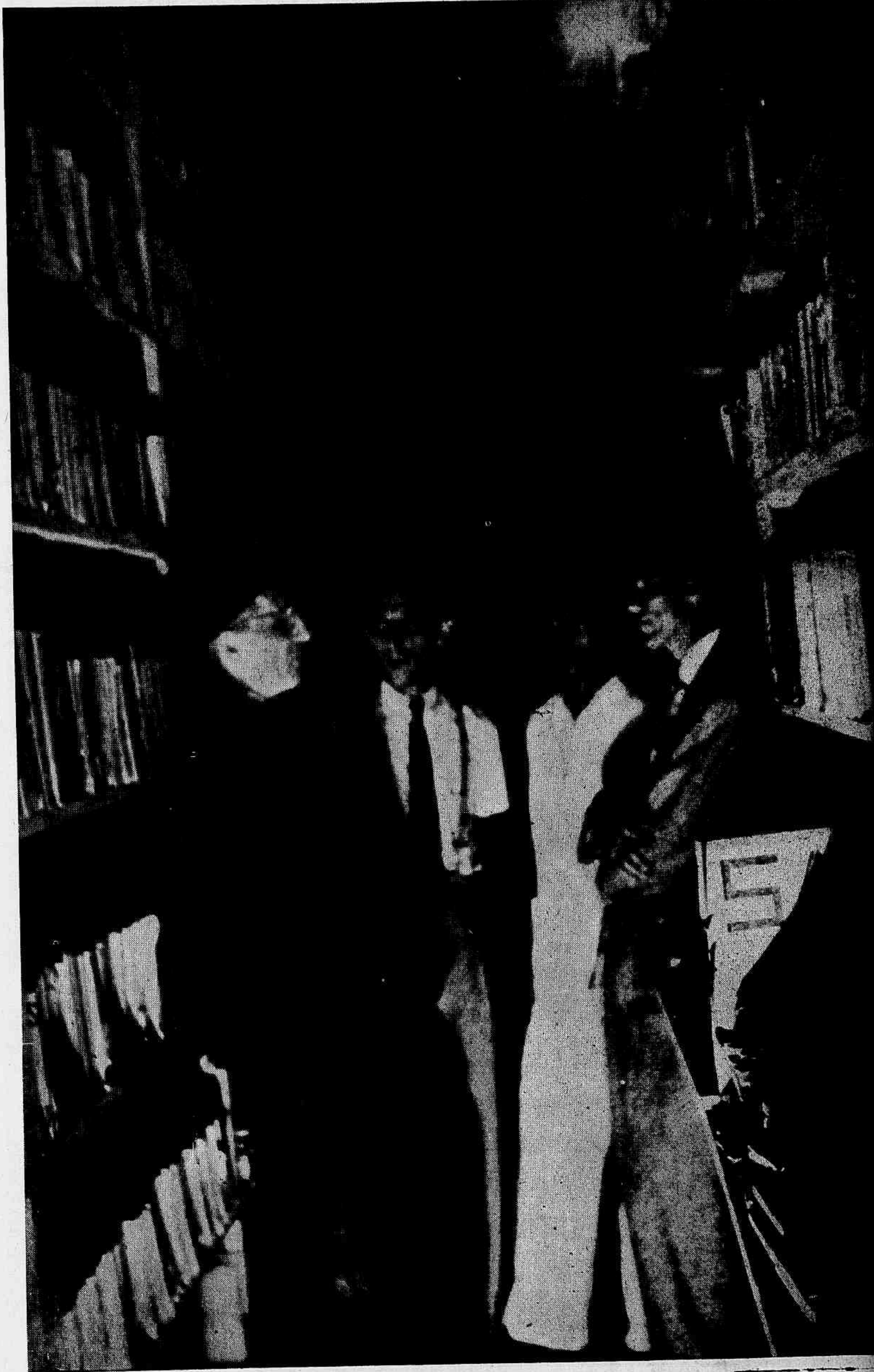
E isso é o que acontece em qualquer ramo da literatura brasileira. Vale quem tem, quem pode oferecer um chá elegante, quem pode manter um bom cozinheiro. Aliás a ternura estomacal dos críticos é coisa muito humana...

Aquêles que só possuem talento e cuja altivez os impeça de fazer literatura paroquial, só encontram

a recepção do silêncio... Este é o caso de Gilka Machado, este é o caso de Afonso Schmidt, de São Paulo, autor de contos que são belíssimos flagrantes da vida, e é o caso do poeta Nilo Aparecida Pin-

Agripino Grieco, que tenho apenas o mérito dos meus entusiasmos desinteressados e não incenso ninguém para receber incenso em troca, permaneço no meu subúrbio. Vou tôdas as tardes conver-

ao intrépido panfletário Antonio Torres. Seguro apenas a bengala, mas sem me apoiar propriamente nela. Mesmo porque, tendo servido a quem serviu, este velho e digno pedaço de peroba não se



Agripino não frequenta as grandes livrarias do centro da cidade, nem tem ingresso livre no Olimpo da literatura moderna, onde os medalhões dão "rendez-vous" e falam de futebol. Ele prefere o ambiente da livraria suburbana, para onde sua presença atrai um grupo de jovens que, por influência sua, já se organizaram numa sociedade literária, em cuja sede Agripino fez uma de suas notáveis conferências.

to, que escreveu sobre Olavo Bilac um soneto digno do próprio Bilac... Quanto a mim, conclui

sar com os rapazes da Livraria Caixias, levando comigo este grosso bengalão que, por sinal, pertenceu

prestaria ao papel de ponto de apoio a alguém que curvasse a espinha...



Reunidos num baile de gala, nos salões do Clube Ginástico Português, os estudantes que terminaram o curso de contador festejam entre si tão auspicioso acontecimento. Na gravura vemos-los tendo ao centro o paraninfo da turma, professor José S. Fontes..



No íntimo desses jovens deve pairar uma grande alegria. Vão, enfim, receber os seus diplomas de contadores. Depois

A JUVENTUDE ESCOLAR



Palavras de encorajamento e estímulo, bons conselhos aos que deixam a escola e vão encetar a longa caminhada exercem extraordinária influência no espírito dos moços. A foto fixa o momento em que falava aos ginásianos o sr. Adalberto Corrêa Senna, representante da diretoria da Divisão do Ensino Secundário.

Fim de ano velho, início de ano novo, altera-se a rotina das escolas. Provas, exames, médias finais, e a alegria daqueles que concluíram seus cursos, na perspectiva risonha de receberem o almejado prêmio. São esperanças que surgem, projetos que se esboçam, realidades que se afiguram cor de rosa aos que transpõem pela última vez os umbrais austeros dos educandários e já divisam próxima a larga estrada da vida. Aos que se dispõem continuar, na ânsia de aprimorar a inteligência e aumentar o cabedal de conhecimentos, é mais uma etapa vencida. Nessas épocas paira, por toda parte, um ambiente festivo; pais, alunos, mestres, todos se confundem, todos compartilham desses momentos felizes que marcam o fim do ano letivo nas casas de ensino e culminam nas festividades de encerramento, enfeitando a cidade, aqui e ali, com o espetáculo belo e comovente da mocidade estudiosa em dias de grande gala, o que a todos contagia e entusiasma. A população escolar da metrópole vai às igrejas render graças a Deus pelos triunfos alcançados, solenes entregas de diplomas se verificam em auditórios repletos, abrem-se os salões para receber a mocidade que confraterniza e comemora os louros conquistados. Tudo é festa, tudo é alegria, tudo é felicidade, envolvendo aqueles que fizeram dos livros e dos bancos escolares o seu mais forte escudo para enfrentar a luta pela vida.

Na M A B E, o tradicional educandário que abriga anualmente mais de três mil crianças e jovens, onde são carinhosa e eficientemente preparados para melhor servirem à Pátria e se tornarem úteis à coletividade, os festejos de fim de ano tiveram, como sempre, esse cunho de beleza e encantamento a que o carioca já está habituado. Tocantes cerimônias foram realizadas, proporcionando a todos, moços que se galardoavam com as suas formaturas, pais que acompanhavam enternecidos as conquistas dos filhos, professores que viam os seus esforços coroados do melhor êxito, a confortadora sensação do dever cumprido.

Dessas festividades de fim de ano da M A B E, REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes que ilustram esta reportagem, e que são um retrato do Brasil que estuda e se prepara para o desempenho do papel que lhe cabe no concerto dos povos civilizados.

Já de posse dos seus almejados diplomas, os ginásianos sorriem para a objetiva da REVISTA DA SEMANA, que fixa, num sugestivo flagrante, esse momento de infinita ventura para a alma desses jovens. Receberam o justo prêmio aos seus esforços em corresponder aos sacrifícios paternos e ao desvelo dos mestres.



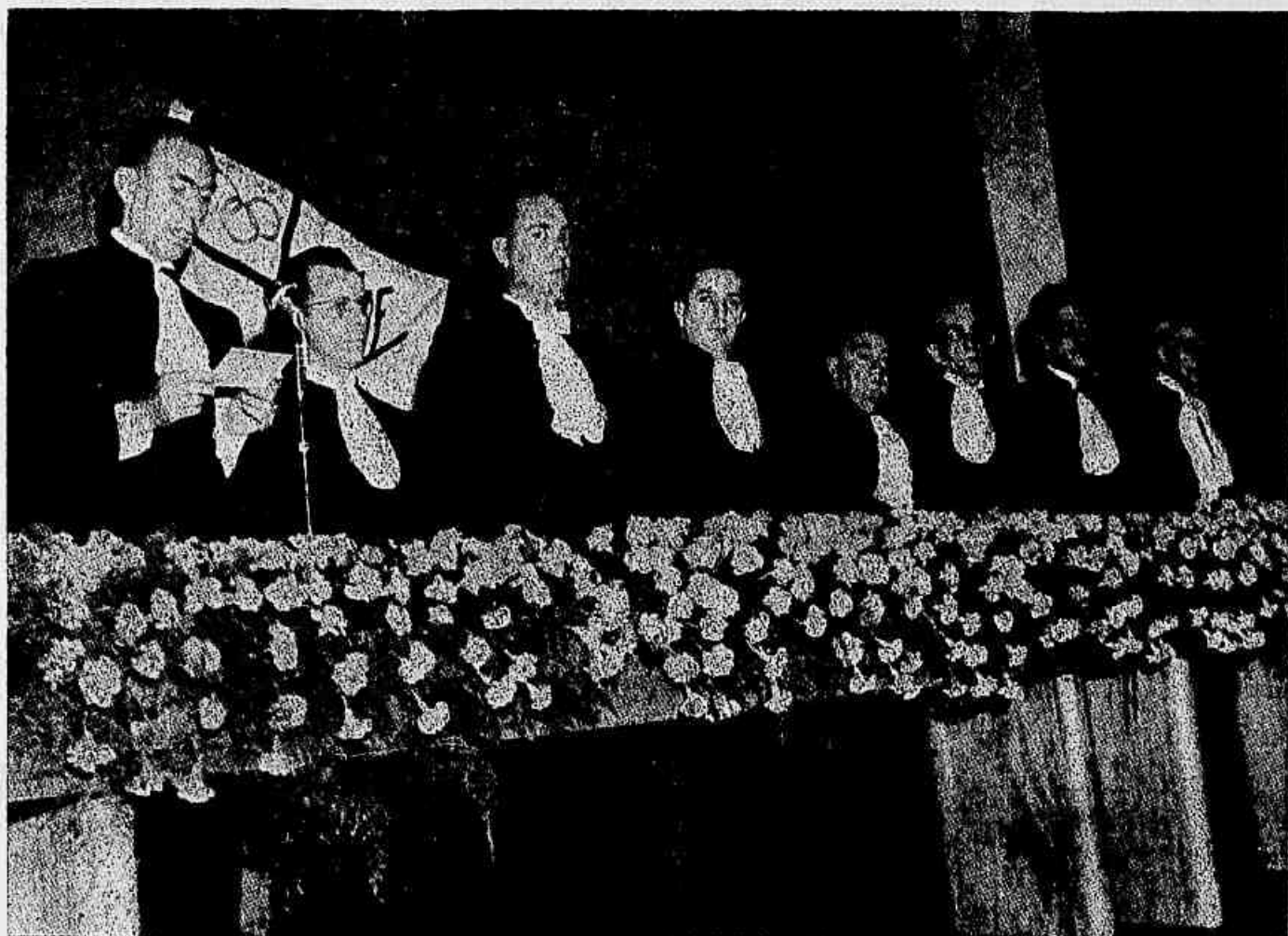


de anos de estudos e sacrifícios, estão habilitados a enfrentar as duas contingências da vida, serenos e confiantes.



A contadora Alzira Vaz dos Santos vai receber o diploma. O seu padrinho, sr. Lafayette Belfort (Garcia, diretor da Divisão do Ensino Secundário, recebe o pergaminho das mãos do diretor geral da M A B E. É um momento que representa para o estudante passagem decisiva da sua vida.

NA SUA FESTA MÁXIMA



A presença, nessas solenidades, das autoridades do ensino, mestres e dirigentes, traduz o apreço e a homenagem dos educadores pelos educandos. Aqui vemos a mesa da cerimônia de entrega de diplomas aos contadores da M A B E, presidida pelo diretor da Divisão do Ensino Comercial. Estão presentes mais os srs. José Sebastião Fontes, diretor geral daquele educandário, Antonio Ferreira Viana Neto, fiscal geral do Ensino Comercial, professores Salvador Chevitaressse, desembargador Mauricio Furtado, Floriano Gonçalves, Louis Aussourd e Aristides Martins, secretário da M A B E.



Dando graças a Deus pela terminação dos cursos, os alunos da M A B E e suas famílias se reúnem na igreja da Candelária, rendendo ao Todo Poderoso o tributo do seu agradecimento pelo feliz coroamento dos seus esforços e da sua dedicação aos estudos. As fotografias ao alto e à esquerda são flagrantes da bela cerimônia religiosa que os estudantes da M A B E, laureados em 1944, promoveram como parte integrante dos festejos de formatura.



TRABALHINHO BEM FEITO! — Um soldado norte-americano olha com satisfação para um tank alemão avariado, com um nazista morto perto dele. O "yankee" pertence a um batalhão de tanks dos Estados Unidos que destruiu seis tanks alemães após uma renhida luta. As máquinas germânicas ficam em petição de miséria, mas acabam fornecendo ferro velho para ser devolvido agora em Berlim, via aérea, com uma respeitável carga de explosivos. E' assim que o propalado poderio invencível de Hitler fica reduzido às suas legítimas proporções.

EVACUAÇÃO AÉREA DOS FERIDOS. — Enfermeiras auxiliam a evacuação para a Inglaterra de soldados americanos feridos em território da França. Eles são cuidadosamente transportados em macas pendentes do teto do aparelho, para reduzir o abalo dos enfermos. Horas mais tarde chegam a Londres, onde os curativos mais eficientes lhes são ministrados.

Uma publicação do gênero da nossa tem que encerrar seu expediente de redação com antecedência de alguns dias da data em que é entregue ao leitor. Por isso, quando estas linhas são redigidas a situação do exército germânico é angustiosa, mas não podemos imaginar o que terá sucedido quando o leitor posar seus olhos nestas mesmas linhas. De qualquer modo, os oitenta e cinco quilômetros que na data de hoje ainda separam as tropas soviéticas da capital nazista hão de ter diminuído consideravelmente, ainda que admitindo-se uma última e derradeira resistência por parte dos fanáticos de Hitler. Não acreditamos que a guerra venha a solucionar-se com a simples queda do baluarte maior que é Berlim, pois o exército alemão há de procurar resistir fora de Berlim, e seria prematuro contar o tempo que nos separa do dia da Paz pela data em que se registrará o colapso da capital germânica. Seja como for, porém, os dias estão caminhando para aquele, maior, da Vitória. E neste momento voltamos nosso pensamento piedoso para a recordação daqueles que em outros tempos admitiam irremediavelmente perdida a causa dos aliados. Como devem estar encolhidos em seu canto, desmoralizados com o malôgro de suas profecias! Quando se deu a queda de Paris, em 40, houve quem escrevesse e assinasse artigos declarando que a vitória dos nazistas era um fato consumado. O tempo incumbiu-se de provar o contrário. Faltava a "virada". E a Hora H da invasão não tem ainda sete meses... Aguardemos, portanto, o que tenha havido de animador, de agora, quando redigimos esta nota, até o dia em que o leitor tomar conhecimento destas palavras.

(Fotos do Serviço de Informações do Hemisfério)

A GUERRA EM MARCHA





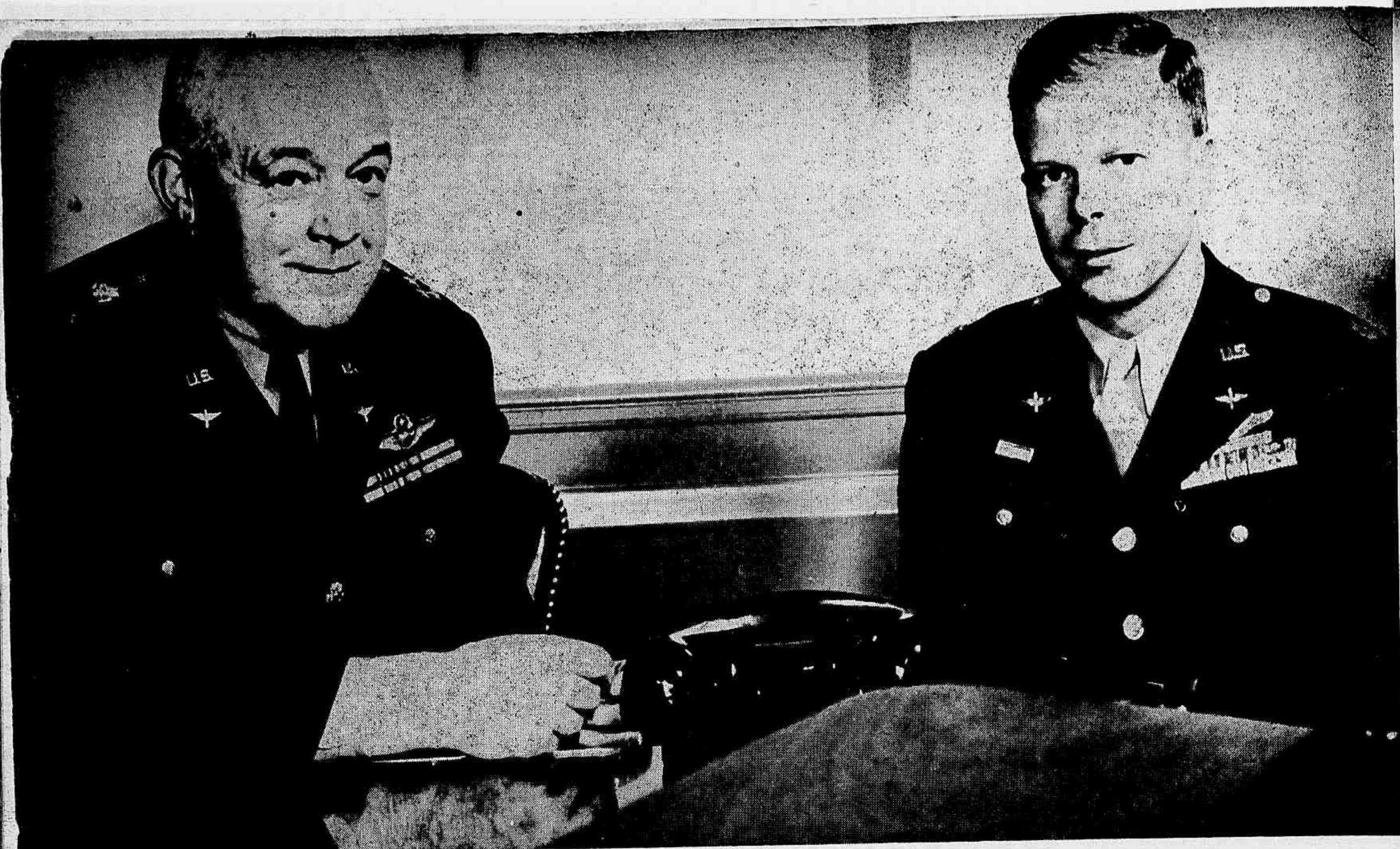
LUTANDO CONTRA A NEVE E OS NAZISTAS. — Um cabo da 5.^a Divisão Blindada de Exército Americano verifica o funcionamento da sua metralhadora calibre 30, que está coberta de neve e assestada para defender, contra os paraquedistas, uma estrada na Bélgica. O mau tempo reinante é o que nos mostra a gravura, mas o cabo não sente frio. E trabalha...



PRONTOS PARA A AÇÃO. — Aviadores norte-americanos repousam a bordo de um porta-aviões, antes de um ataque à baía de Manila. Ataques constantes contra essa baía tornaram possível o desembarque de tropas de terra na ilha de Luzon. Dias mais tarde esses mesmos homens estão voando e metralhando as posições nazistas, de maneira implacável.

ASSIM É A LUTA NAS FILIPINAS. — Árdua, exaustiva e febril, ela tem de ser mantida a todo custo. Na gravura inferior, a guarnição de um morteiro norte-americano repele um ataque japonês perto de Ormoc, ilha de Leyte, nas Filipinas. Os homens tapam os ouvidos, para resistir à detonação das poderosas granadas, enquanto, à esquerda, em primeiro plano, um cabo transmite ao Q. G., a grande distância, notícias locais. Latas, capacetes e capsulas detonadas confundem-se no solo. Exatamente a esse quadro é que os brasileiros denominaram "A cobra está fumando..."

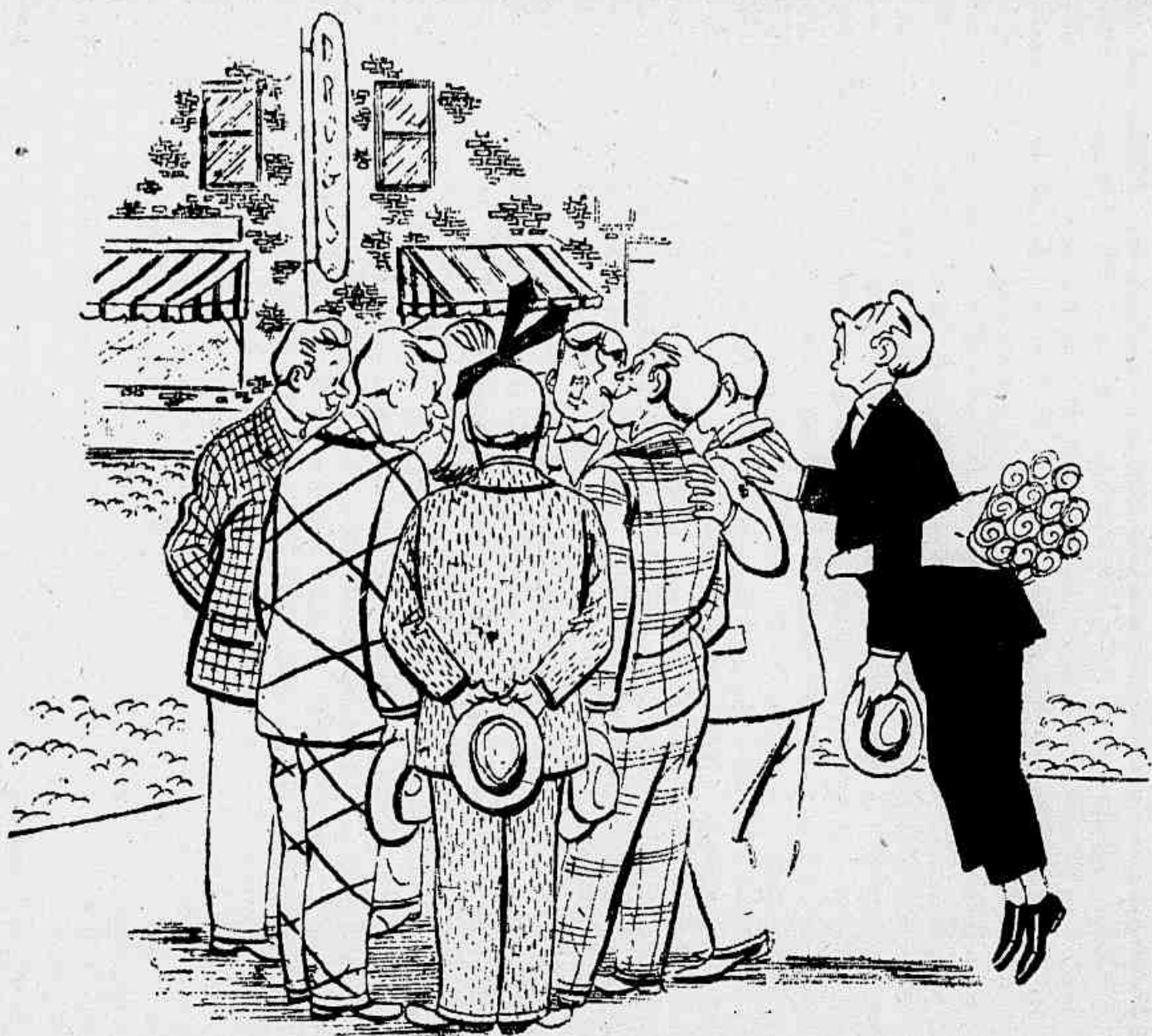




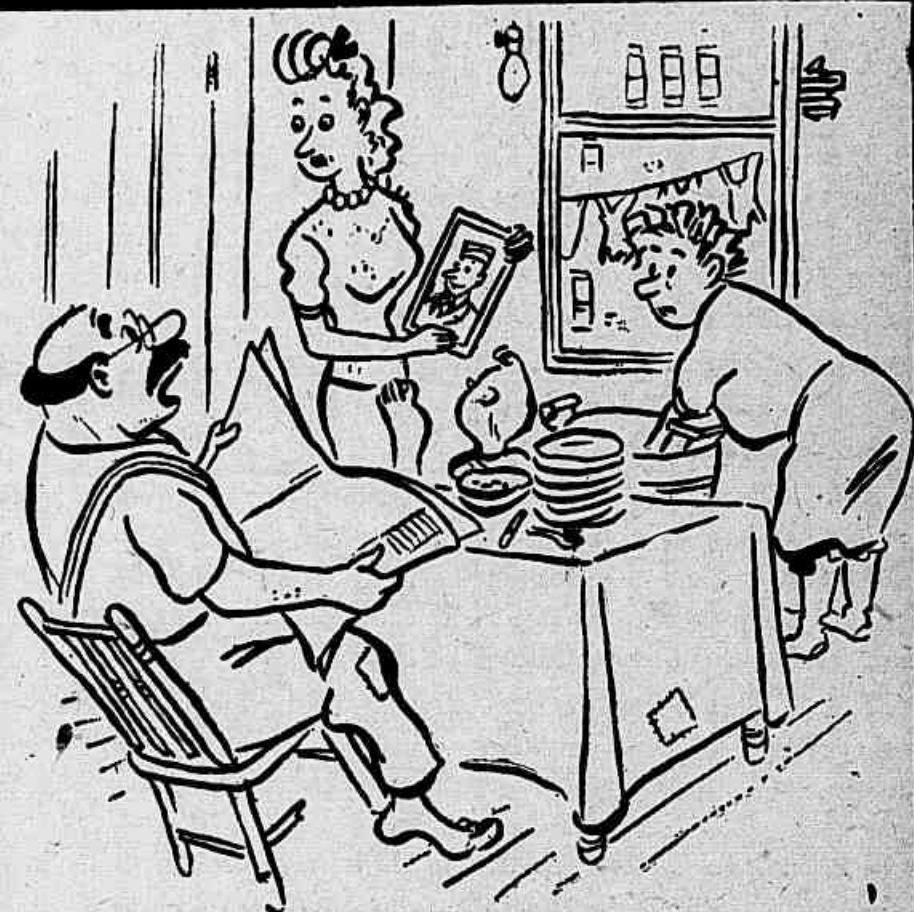
UM "CRACK" NA DERRUBADA DE AVIÕES NIPÔNICOS. — O general H. H. Arnold, comandante em chefe das Forças Aéreas dos Estados Unidos (à esquerda), conversa com o major Bong, de 23 anos, que faz parte da força aérea. O major Bong já abateu 40 aviões japoneses, tornando-se o maior "as" da aviação militar da América do Norte. Voltou recentemente à ação como instrutor de artilharia aérea no Oriente. Quando acompanhava sua "turma de instrução" em recente missão, foi atacado por 20 aviões "zero" japoneses e derrubou dois. Durante sua primeira "tourné" de serviço no Pacífico sobrepujou o capitão Eddie Rickenbakers, "as" da primeira guerra mundial, que tinha um "record" de 26 aviões inimigos derrubados.

Em baixo: uma caricatura de Churchill quando chefe do almirantado inglês, ministro da Marinha Britânica, na outra guerra. Foi publicada pela REVISTA DA SEMANA em 20 de Março de 1915. A direita: a mais recente fotografia do general Eisenhower, cada vez mais garboso e feliz à medida que as suas tropas avançam para a vitória final.



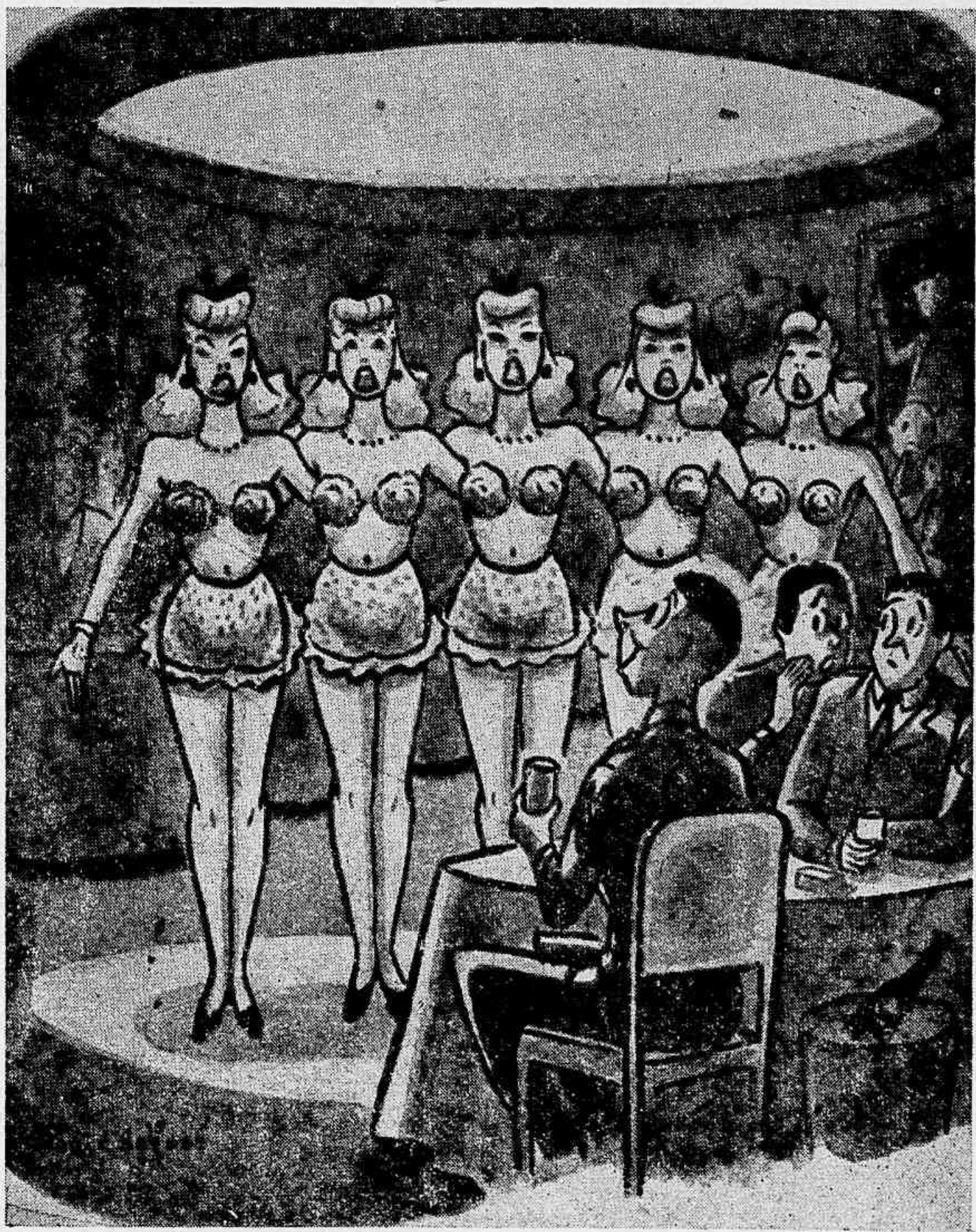


— Desculpa, queridinha, atrazei-me um pouco...

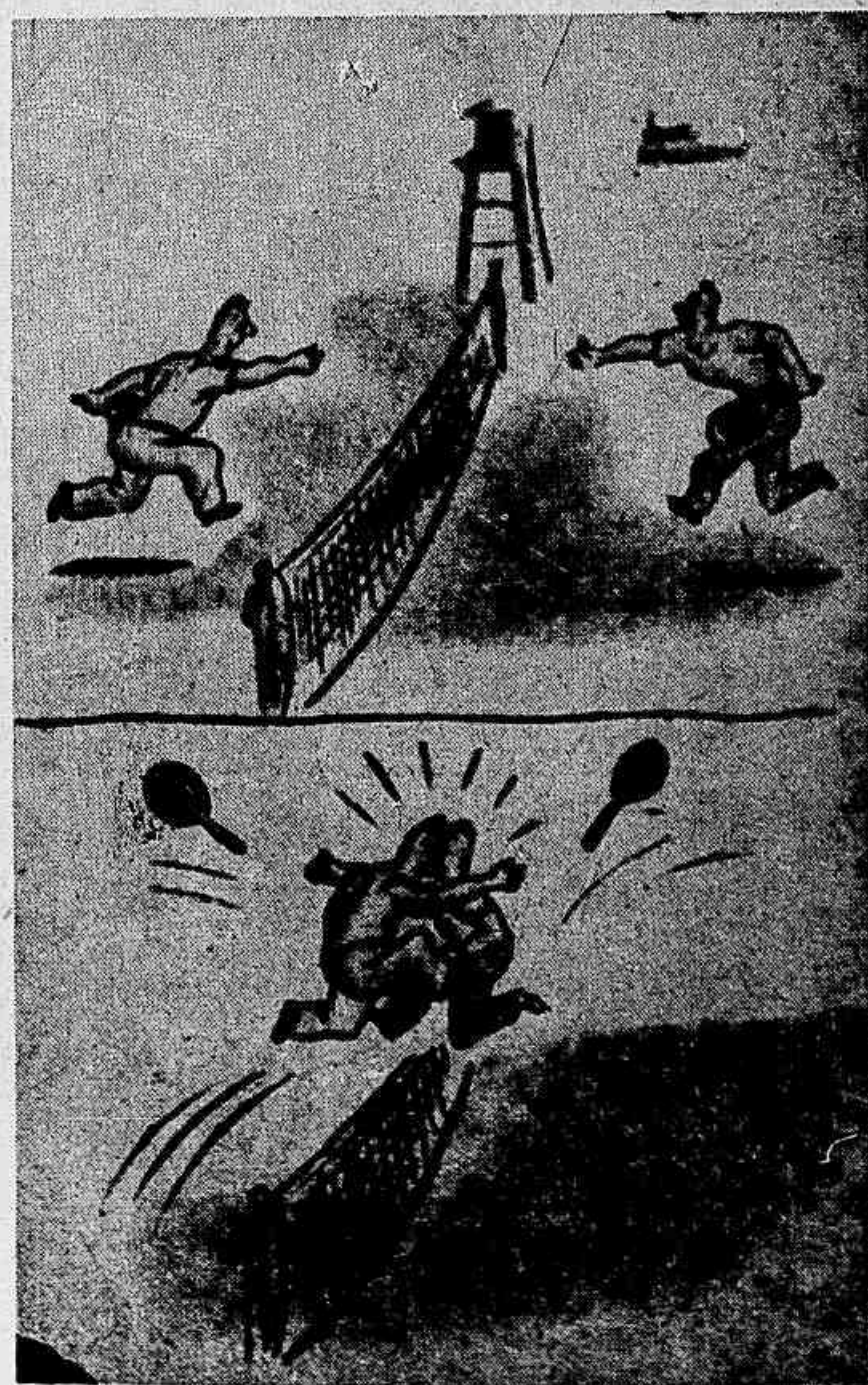


— Está certo, mas afinal, ê'e é mesmo de bô
família?

DE BOM HUMOR



— Coitado do sargento Piludski! Ele não entende uma palavra em inglês.



ESCRAGNOLLE DORIA

CARNAVAL DE MEIA TINTA

COISAS VISTAS — assim Vitor Hugo intitulou livro seu de recordações históricas e lembranças parisienses, o livro todo como "de admiráveis reportagens". Genio ou talento podem transformar reportagens e outros generos secundários em obra literaria perduradora.

Reporter a seu modo, registrador precioso, viveu no Rio de Janeiro, do tempo de D. João VI, o padre Luís Gonçalves dos Santos. Para coevos, mas sobretudo para vindouros, o sacerdote, nas suas *Memorias para servir á Historia do Reino do Brasil*, pintou quadros da vida carioca da entrada nela de D. João Príncipe Regente em 1808 até a sua saída de rei em 1821.

Recorramos a um quadro de Gonçalves dos Santos para dizer neste Fevereiro. Como outros tantos Fevereiros, o presente mês recorda Carnaval. Por altas razões de humanidade o mmesco tríduo de 1945 deveria transcórre em profundissimo silencio, de homenagem a todos quantos nossos na Europa colheu "a imensa aza da morte", na expressão lamartiniana.

De 1808 a 1821, o Rio de Janeiro foi teatro de contínuos espetáculos de variedade. Mal o pano descia sobre um sobre outro diverso se levantava.

A apresentação de carros alegóricos aos olhos dos cariocas, carros bem depois chamados a embasbacar povo em dias carnavalescos, data da época conhecida no Brasil, e mais ainda no Rio de Janeiro, pelo Tempo do Rei.

De tal tempo foi 1817, ano assinalador do casamento de D. Pedro, não mais príncipe da Beira e sim príncipe do Reino Unido, com a arquiduquesa D. Maria Leopoldina, cunhada de Napoleão, áquelas horas conhecendo rigores britânicos em Santa Helena para desconto do bloqueio continental.

Para os desposórios luso-austriacos, estes comuns na casa real portuguesa, a municipalidade carioca ordenou festejos, construindo para eles anfiteatro grande no vasto Campo de Santa Ana.

A 30 de Setembro os vereadores, tratados por senadores, mandaram à rua um bando anunciar os festejos ao povo. Nas portas de membros da corte, da nobreza e do corpo diplomático, parava o bando para entregar-lhes convites e as chaves dos camarotes do Páço, distribuindo ao povo muitos mil bilhetes, de crer disputados para espetáculo gratis, gozado, nas bancadas do Campo de Santa Ana.

Tempo houve para espera da festa, tal tempo proverbialmente dela o melhor. O dia do primeiro regosijo publico seria o de 12 de Outubro, data natalícia de D. Pedro, príncipe duque de Bragança.

D. Pedro Príncipe do-Reino Unido de Portugal e Brasil em 1817, ao celebrar-lhe o Rio de Janeiro as nupcias com a arquiduquesa Leopoldina.

Foto Oscar Mantovani



A's quatro da tarde do citado dia no anfiteatro do Campo não cabia mais ninguém, prova do exato emprego das chaves dos camarotes e dos muitos mil bilhetes, nem faltou gente buscando um lugar de aperto pelo Campo e por suas circunvisinhanças.

D. João VI e sua familia, vindes de São Cristóvão, foram acolhidos na praça com ovações, que nunca faltam a gente alta com ou sem cura do dia seguinte para abrindo-lhes os olhos de repelão sobre a inconstancia das cousas humanas.

Vivas, palmas, lenços ao ar, tudo isto houve a 12 de Outubro de 1817 no Campo de Santa Ana.

Acalmado o alvoroço começou a festa vespertina pela entrada na praça do vistoso carro allegorico representando a America. Formava o carro uma concha de madreperola condusindo dois cavalos marinhos lançando agua pelas ventas e governados por Netuno imperando sobre as ondas mansas figuradas no carro.

Precediam o veiculo vinte e quatro improvisados indios, vestidos a carater, e a dansarem. Os pretensos selvícolas eram moços da cidade que, findas as dansas, tomaram lugar nas bancadas para verem entrar na praça um grupo de ciganos, seis mulheres e seis homens, talvez realmente calons, em todo o caso ricamente vestidos de veludo em vez de seus policromaticos trajes habituais. Sobre um estrado, em frente à tribuna real, ao som de musica executaram aplaudidissimas danças espanholas, particular e saudosamente gratas à rainha, D. Carlota Joaquina, infanta madrileña na rainha lusitana.

Limpa a praça para as cavalladas foram realizadas por quatro grupos de cavaleiros de côres distintivas, nos seus trajes verdes, azuis claros, carmesins, azuis ferrete.

Mereceram aplauso geral as escaramuças e torneios dos que ainda cultivavam a nobre arte da cavalaria unida à de bem cavalgar, a tudo isto muito acostumada a gente de alem mar, a nossa só a espaço conhecendo as cavalladas.

Da praça do Campo deviam ir D. João VI, sua familia e a corte ao Real Teatro. Não os deixou sair o Senado da Camara sem lhes oferecer ligeira refeição servida em baixela de ouro e prata.

No dia seguinte, 13 de Outubro de 1817, a festa do Campo recommençou na praça apinhada de curiosos. Veio-lhes aos olhos, oferta do corpo do commercio, um carro de triunfo á romana com um balanço de talha doirada, obra de Xavier Pereira, maquinista do Real Teatro.

Entrou na praça após a quadriga um complicadissimo carro allegorico — O Triunfo do Rio de Janeiro — oferta da corporação dos ourives de ouro e prata.

Dansarinos e musicos quarneciam o carro de allegoria asiatica, a começar pela caranca mongolica de longos bigodes de frente do carro. Dansarinos voltaram com faixas de seda azul e amarela nas mãos, ao som de musica de pratos a lembrar Asia.

Marceneiros e outros operarios de officios correlativos apresentaram carro, obra do primeiro tenente de engenheiros Domingos Monteiro como executára o carro dos ourives Antonio José. A simplicidade deste nome parece indicar o pequeno da condição social, muito mais enganada que amparada pelos poderosos.

Na praça do Campo finalmente entrou o quinto carro allegorico mandado armar por sapateiros e alfaiates e gente de outros officios. Tal carro, com trinta e seis palmos de comprido, vinte e um na maior altura e dezoito na maior largura, era de vistoso cunho carioca.

Representava a barra do Rio de Janeiro, na parte posterior do carro elevava-se o Pão de Assucar. Da sua base para frente estendia-se avultada concha de madreperola figurando as aguas de Niterói e o concurso dos rios que, para desaguar, vem ter do interior á Guanabara. Na parte inferior da concha dois respeitaveis jacarés lhes estavam sobrepostos parecendo sustentar a concha.

O inventor do carro, Francisco das Chagas Ribeiro, completou o quadro da cena por ele traçada com a presença de ninfas, cujo vestido de seda cõr da carne dava ilusão de nudez, e desalinho após o banho pelos cabelos desgrehados como se saíssem da agua. Ornadas de perolas no pescoço e nos braços, com outras mascaras, as ninfas dansaram, recebendo os mais calorosos aplausos da assistencia.

A' mascarada toda devia succeder espetáculo em tudo diverso, o de uma corrida de touros, costume de gosto peninsular europeu memorado por celebre pagina literaria de Rebello da Silva, *Ultima Corrida de Touros em Salaverra*.

Os mascaras dos carros allegoricos e outros muitos avulsos ocuparam logares nas bancadas da praça, contribuindo para dar a esta aspecto pitoresco e até pinturesco pela variedade de trajes e seu colorido destoante no negrume da massa popular, aqui, ali, acolá entremeiada daquelas figuras decorativas mais de realce em fundo de cõr uniforme.

Um incidente passageiro perturbou a alegria da praça. A um cheiro e fumo de coisa queimada levantou-se alvoroço. Ouviram-se vozes de Fogo. Sobresaltada começa gente a precipitar-se das trincheiras na praça sem tento de andar nela um touro.

D. João VI em descanso de intervalo de espetáculo retirara-se para o interior da varanda a cuja frente bojava a tribuna real.

Havia quem procurasse acalmar o povo pedindo-lhe calma e silencio. Inteirado do motivo do clamor, imediatamente D. João VI, com os seus se apresentou na tribuna, a sua presença contribuindo para desfogo do susto causado por ter ardido uma toalha num botequim inferior às bancadas.

A presença imediata de D. João VI em momento da confusão valeu-lhe uma ovação da gente dos camarotes e outra da popular.

Ficou-se mais um touro para remate da tarde e apagar da occorrença sem maior desgosto, a festa continuada no dia seguinte com o seu carater de meia tinta carnavalesca.

Apresentaram-se então na praça os indios no carro da America e ciganos montados em bonitos cavalos, com ciganas á garupa, indios e ciganos em dansas a precederem cavalladas.

Devia o festejo prosseguir no dia seguinte, domingo, dia proprio para folgarças, mas o domingo 18 de Outubro de 1817 foi de chuva e pois de casa e não de rua.

A segunda feira 19 de Outubro, dia de São Pedro de Alcantara, o tempo concertou para recommenço da festividade do Campo no dia onomastico do Príncipe Real D. Pedro.

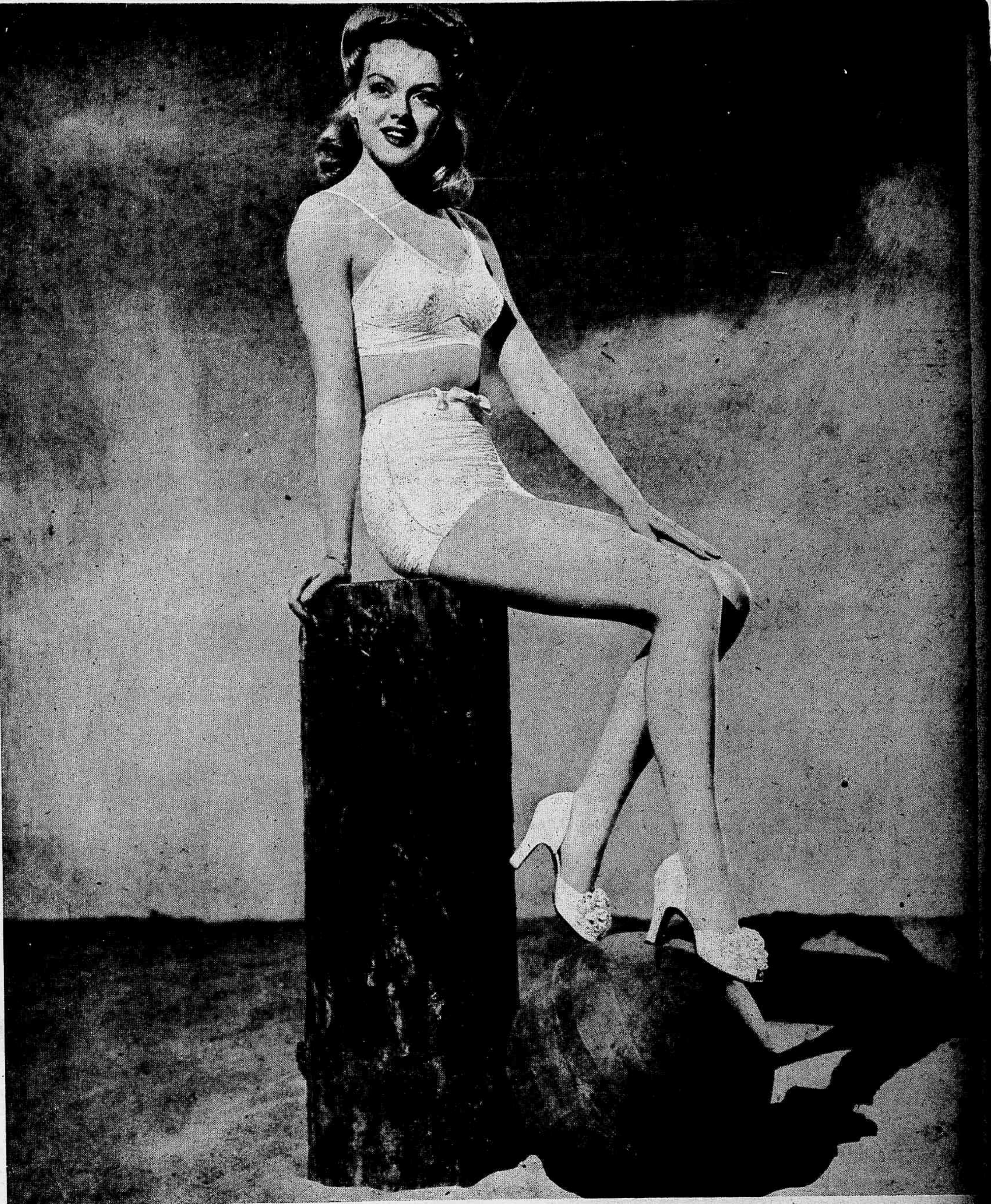
A 21 de Outubro terminaram as festas que durante dias haviam entretido Rio de Janeiro de 1817 por motivos dos desposórios de D. Pedro e D. Leopoldina, esta em diversão da vigorosa etiqueta de corte austriaca.

A ultima festa do Campo foi especie de resumo das festas anteriores, na praça todos os carros allegoricos assim de vista simultanea.

Puzeram-se a dansar por grupos todos os mascaras descidos dos carros e a variedade dos vestuaries, o som de musicas diversas, cada qual de acompanhamento ao seu grupo, formaram aplaudidissimo conjunto.

Encerrou a festa ultima ainda uma cavallada finda por uma escaramuça. Nesta os cavaleiros traziam lenços sobre o hombro, em sinal de despedida, executando variadas figuras e terminando todos em linha. O Senado da Camara deu os vivas do estilo, repetidos pela praça inteira, as senhoras agitando lenços em alva profusão.

A quantos concorreram para o brilho dos successivos dias de festa, premiou D. João VI com varias graças. Ficou o povo com a satisfação de haver se divertido e apreciado um carnaval de meia tinta, em 1817 inaugurador a seus modo do tríduo que futuro Rio de Janeiro tanto apreciaria prolongando-lhe os ecos na propria quarta-feira de Cinzas penitente.



LESLIE BROOKS (Columbia)

A beleza moderna não é mais uma questão de linhas puras e clássicas; não exige que o tamanho da cabeça corresponda exatamente a um oitavo da altura do corpo ou outra qualquer medida complicada e difícil.

A beleza moderna é uma coisa indescritível, que nada tem a ver com medidas e linhas clássicas. Uma mulher com traços perfeitos pode passar despercebida no meio da multidão, enquanto que outra sem qualquer traço puro pode despertar a atenção dos homens e... a inveja das outras mulheres.

Portanto, se você não possui um nariz grego não se apoquente por isso. E não se apoquente também se no seu rosto existem outros traços que para os clássicos seriam defeituosos. Lembre-se de que a história está repleta de mulheres famosas pela sua beleza e pelo domínio que exerceram sobre os homens, e que no entanto possuíam defeitos

físicos bastante visíveis. Cléo de Mérode, por exemplo, era dona de orelhas bastante grandes, que ela habilmente escondia com um penteado por ela própria inventado. Aliás, esse penteado tornou-se popularíssimo na época. Cleópatra, de acordo com os historiadores, foi dona de um nariz bem pouco simpático; a imperatriz Eugênia tinha os olhos muito unidos e o busto um tanto "avantajado"; a extraordinária Lady Hamilton tinha as formas bastante arredondadas... e assim muitas outras mulheres que fizeram furor em suas épocas estavam longe do tipo de beleza clássico e puro.

Quem sabe, portanto, se os seus problemas, comparados aos dessas mulheres, não são insignificantes e até

mesmo imaginários? E' bem possível que você esteja habituada a ouvir comentários como estes, relativos à sua pessoa: — "Ela seria muito bonita se não fossem os olhos... ou a pele... ou a boca... a magreza... etc."

Não leve a sério tais comentários; com inteligência poderá fazer de um defeito um traço marcante da sua personalidade. Aliás, "personalidade" é o que substitui na nossa época a "beleza clássica"...

Tenha pois personalidade, minha amiga; saiba aproveitar-se daquilo que para você possa parecer um defeito, cultive o seu espírito e em breve estará ouvindo, em substituição às frases que enumeravam seus defeitos, esta, muito mais interessante: — "Ela não é bonita, mas tem um "quê" irresistível que agrada e encanta"...

Kitty



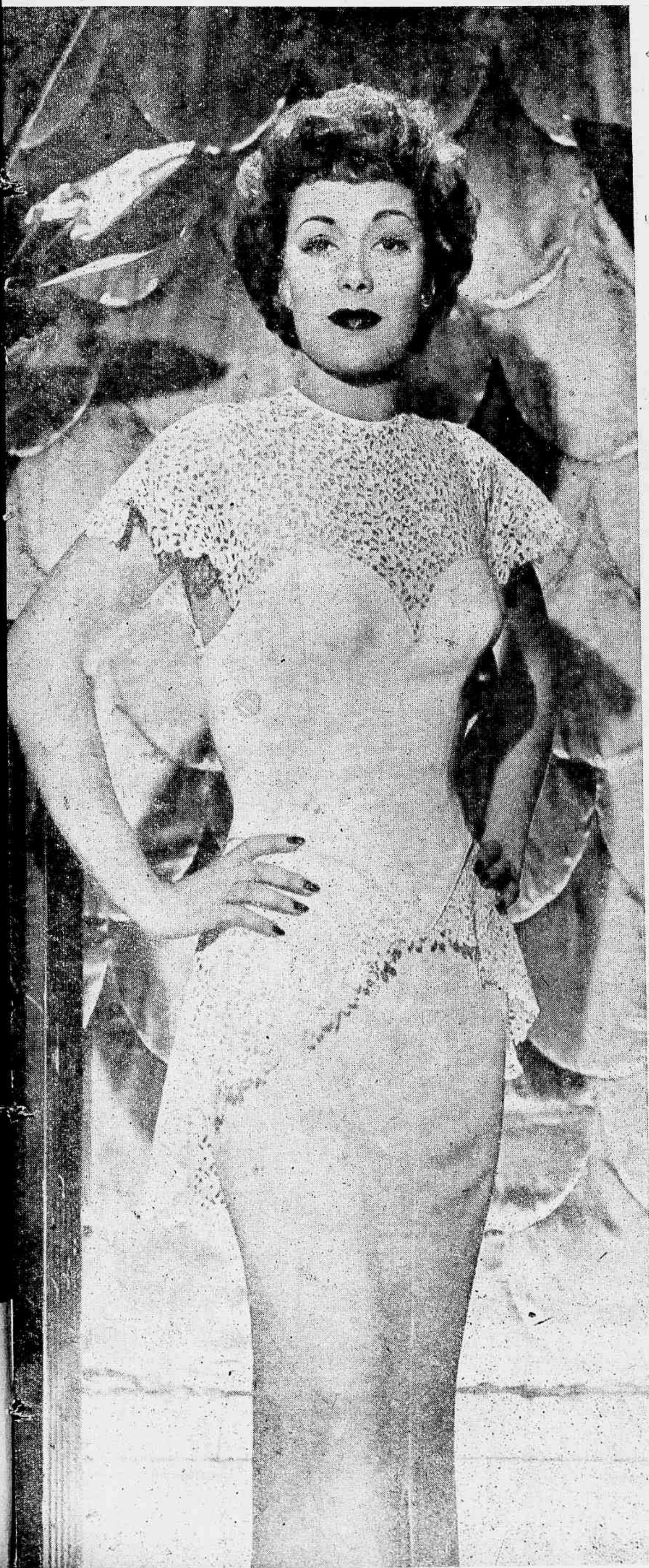
1 Maria Montez, a belíssima "estrêla" da Universal, apresenta-nos aqui um luxuoso pijama, composto de calças de setim ou veludo negro e uma longa túnica em seda grossa estampada. Se você quiser aumentar o luxo do pijama de Maria Montez, poderá fazer a túnica em lamé.



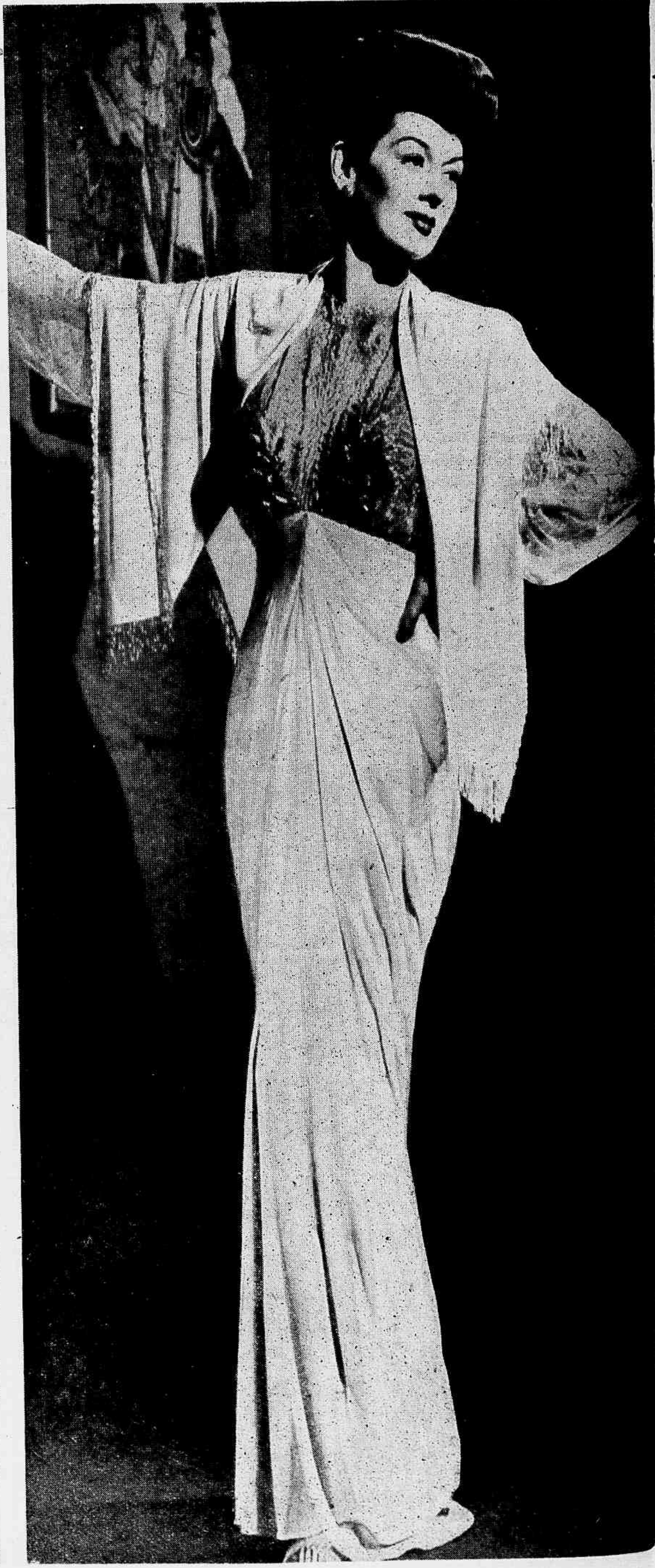
2 Original, sem dúvida, é este modelo para jantar, apresentado por Julie Bishop, da Warner Bros. A saia é ampla, feita em setim com largas tiras em preto e branco, tendo à cintura uma faixa que amarra do lado, deixando cair duas pontas. Como blusa, Miss Bishop usa uma "sweater" de malha preta, enfeitada apenas por um colar de pérolas de cinco voltas.

Quatro modelos

3 Elegantíssimo modelo para noite, apresentado por Jane Wyman, também da Warner Bros. O corpo é ajustado e longo, formando um V para a parte ligada à saia. Uma pala de renda forma a parte superior da blusa, acompanhando o contorno do busto. Da mesma renda é o babado colocado à cintura, alongando-se para trás. A saia é justa, abrindo até a altura da metade da perna.



4 Confirmando a fama de ser uma das mulheres mais elegantes de Hollywood, Rosalind Russel, da Columbia, oferece às nossas leitoras essa maravilhosa "toilette" para noite, em jersey branco e "georgette". A saia é fartamente drapeada; a blusa tem mangas japonesas, compridas e é toda bordada com vidrilhos. Um chale de jersey branco com franjas de vidrilhos é usado como "saída".



FREGUESIA DIFÍCIL DE CONTENTAR

O café do canto fica situado, como geralmente acontece em Paris, no ângulo formado por duas ruas. Não difere em coisa alguma de dez mil outros cafés iguais.

Os biscoitos e os números da "Ilustração" são do ano passado; um homem idoso, de uns sessenta anos, barbeado, repetível e grisalho, exerce as funções de "garçon".

Os frequentadores chamam-no Júlio simplesmente, e beneficiam-se dos direitos da amizade para lhe diminuírem dois ou três soldos na gorjeta.

Júlio, por verdadeira bondade da alma, finge não perceber isso, tanto mais que as perdas são cobertas, e amplamente, pelos estrangeiros.

Foi justamente sobre os estrangeiros que conversámos com ele.

— Juro-lhe, senhor, diz-me confidencialmente Júlio, que os seus compatriotas é que mais me surpreendem. Gente engraçada, esses russos!...

Para começar, observe, senhor, eles nunca chegam sozinhos, como fazem as pessoas dos outros países. Chegam sempre em grupo. Depois, e é justamente o que me deixa pasmado, nunca sabem o que querem... Suponhamos que cheguem franceses aqui. Mal se sentam, pedem:

— "Garçon", quatro quartilhos de cerveja e uma metade!

Aí está. E' tudo. E' claro. E' preciso. Levo-lhes quatro quartilhos de cerveja e uma metade, e corro para a outra mesa. Aí está um anarquista espanhol com uma rapariguinha do bairro. Pedem-me logo dois beneditinos... O senhor daqui imagina a cena! Eu não faço política mas tudo o que lhe posso dizer é que esses anarquistas bebem como esponjas... Depois, é um motorista que chega. Esse também não é mais exigente que os outros: um café simples e uma aguardente pequena. Bebe, volta a seu taxi, e desata a correr. Mas, eis seus compatriotas que chegam! Seis homens e duas mulheres.

Eu não digo coisa alguma; olho-os. São cavalheiros e damas muito distintos... Mas por que começam eles colocando todas as mesas juntas, como se se tratasse de uma boda e de um banquete?

E as cadeiras? O senhor sabe que quando eles se põem a arrastar as cadeiras, não sobra mais lugar para as pessoas que querem passar...

Paciência, digo com meus botões, isso deve ser um costume da terra deles... E corro-lhes ao encontro:

— Que desejam os cavalheiros e as senhoras?

E eis que a coisa começa!... Ninguém sabe o que quer.

Fazem uma algazarra dos diabos e não pedem coisa alguma.

Eu fico à espera; aguardo as ordens; afasto-me, volto, atendo aos pedidos de uma dúzia de outros clientes, mas quanto aos russos, continuam a não poder se decidir...

Por fim chamam-me:

— Uma laranjada para esta senhora e nós vamos pensar. Vamos, "garçon".

Vou buscar a laranjada. De repente:

— "Garçon"! "Garçon"!

Todos oito gritam em coro.

— Que é?

— A senhora mudou de opinião. Não quer mais uma laranjada, quer um sanduíche de presunto.

Trago o sanduíche de presunto e fico à espera, enquanto o patrão faz uma cara mais humorada atrás do balcão... Evidentemente não há de ser um único sanduíche para oito pessoas que o enriquecerá. Mas que posso eu fazer! Ei-los que chamam:

— "Garçon"!

— Cavalheiros?

— Dê-nos o cardápio.

Essa agora! Fico desconcertado. O cardápio? O cardápio no café do canto? Faz quarenta e dois anos que o patrão recebeu como herança o negócio e nunca lhe pediram o cardápio.

— Perdoem-nos, não temos cardápio; mas se os cavalheiros e as senhoras desejarem posso dizer-lhes de cor o preço das consumações.

— Nesse caso, respondem-me, traga-nos um "calvados", um café com creme, um quartilho de cerveja, um ovo estrelado e um Dubonnet com licor de groselha...

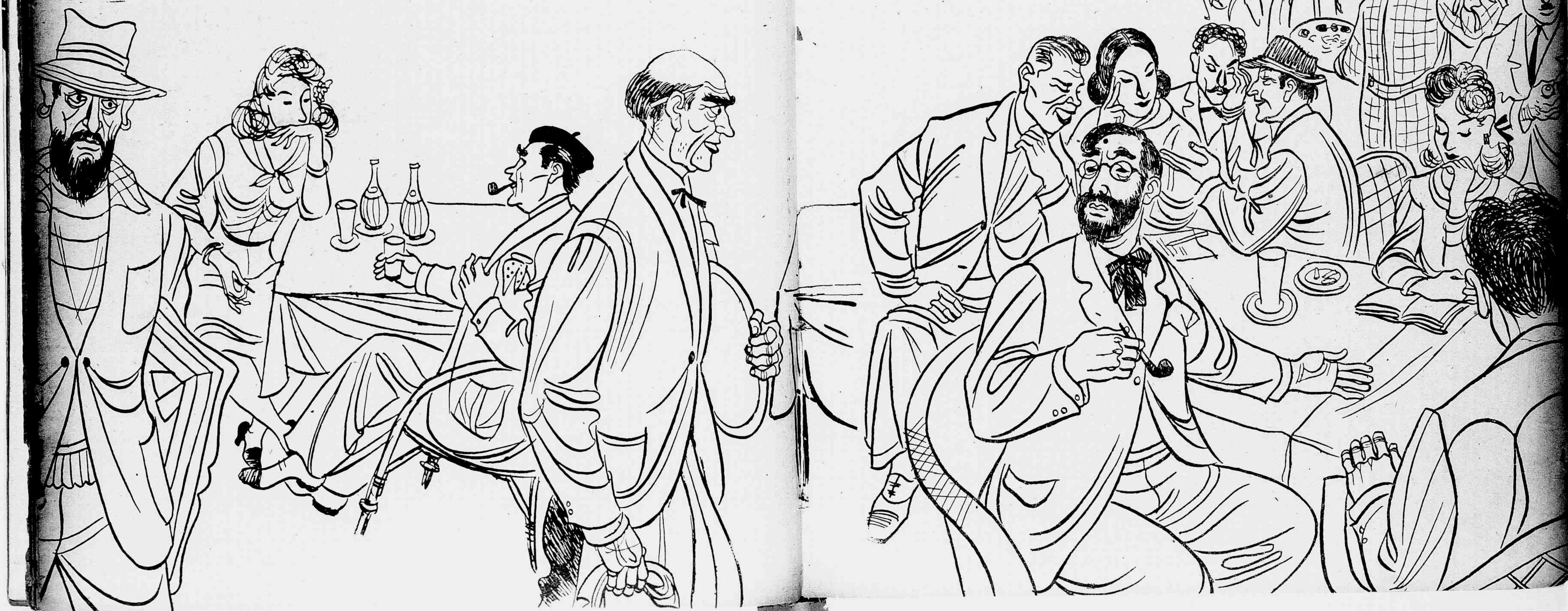
Demônio! Eu, senhor, não faço política; mas tudo o que lhe posso dizer é que os senhores têm partidos e programas diferentes! Cada um de seus compatriotas pede uma coisa diferente... Não acha o senhor que quando vamos a um café devemos saber se queremos beber ou comer e se preferimos coisas quentes ou frias! Afinal, vejamos!...

E' verdade que nenhuma nação dá gorjetas tão grandes quanto a sua, mas também os senhores dão um trabalho louco às pessoas.

Júlio não teve tempo de terminar a conversação porque chamavam-no: era um anarquista espanhol e sua Dulcinéia que pediam pela décima vez seus beneditinos.

— Pelo menos esses sabem o que querem! Concluiu o sr. Júlio fazendo esvoaçar seu guardanapo.

Conto de
DON AMINADO
Ilustração de
José Antonio



VARIAÇÕES EM TÔRNO DE UM CONCURSO

Por DJALMA MACIEL

Terminado o "Campeonato Brasileiro de Calouros", que Almirante durante alguns meses conduziu com acerto ao microfone da Nacional, entraram logo em função, conforme estava prometido, os elementos selecionados naquele memorável concurso de méritos artísticos. Isto, indubitavelmente, completa e firma o êxito da iniciativa, varrendo quantas dúvidas surgiram por aí, sopradas maldosamente pelos inimigos de Henrique Foréis, sobre a honestidade dos prêmios prometidos aos concorrentes. Melhor ainda do que fora anunciado, a P. R. E-8 aproveitou outros além dos dois primeiros colocados, manifestando, assim, não só um alto critério de justiça para com esses rapazes e moças esforçados em longo programa de **tests** musicais e radiofônicos, mas, também, uma vontade louvabilíssima de enxertar sangue novo numa organização de **broadcasting** onde predominam autênticos medallhões. O "campeonato" realizado por Almirante e a liberalidade da Rádio Nacional marcam, dessa maneira, um incidente de consequências promissoras na radiofonia indígena, embora — **ça va sans dire** — não sejam portentos os cantores aprovados através de tão severo exame de aptidões. Mesmo não sendo fenômenos de interpretação de nossa música popular, os pupilos de Almirante apresentam qualidades e conhecimentos especializados em sua arte, de todo ignorados pela maioria dos "astros" e "estrêlas" dos microfones brasileiros. Na pior das hipóte-

ses, ninguém poderá dizer deles o que o D. A. S. P. diz dos extranumerários regidos pela filosofia profunda do seu Estatuto: — não são cantores "a título precário", não são sambistas "provisórios", nem estão ali, ao microfone da Praça Mauá, encostados transitoriamente a um emprêgo, aventurando definição de vocações. São cantores por concurso.

Entretanto, como sempre acontece, aliás, com os bons exemplos, o vitorioso empreendimento da Nacional e de Almirante está demorando a encontrar imitadores. O espírito de rotina ainda é muito forte no meio. Senão, veja-se o caso da Rádio Globo, cujas realizações no sentido de melhorar o nível do **broadcasting** brasileiro, constantes e numerosas, guardam todavia o tabú dos "cartazes". No que toca ao aspecto artístico propriamente dito, a P. R. E-3 quer construir um belo arranha-céu exclusivamente com material de desmontes... Por outro lado, nas demais estações a reação da publicidade aos programas sensatos e criteriosos impede que se repita — talvez até com maior êxito — o concurso efetuado pela Nacional. Chanchada é o que o público prefere, e tolo é quem contraria o público — dizem três dos mais felizes **clowns** da cidade, proclamando, todos os dias, esse critério do interesse monetário absoluto, que é, de fato, a base econômica do nosso rádio.

Em todo o caso, ficou o exemplo. E uma curiosa observação feita à margem do prêmio: — os laureados, compelidos a cantar sambas caxingós, sob o pretexto de que esta é a "legítima expressão da música popular brasileira", uma vez na posse dos respectivos contratos e pacotões de pelegas, estão demonstrando, nas audições subsequentes ao concurso, que interpretam de forma mais segura as canções seresteiras, as toadas regionais, os foxes de letra traduzida e adaptada! Deve ter sido enorme o desapontamento dos sambiquaras... Porém, não vejo por que moças e rapazes instruídos sobre rudimentos musicais, sabendo o que é ritmo e o que são tonalidades, capazes de interpretar ou adaptar à primeira vista, gostariam das composições reles ora circulantes naquele gênero, de melodias simplórias, de "letras" abomináveis — composições de "maestros de caixa-de-fósforo" e poetas de inspiração orelhuda. O certame de Almirante teve, por isso, outro resultado prático admirável: — traçou a fronteira exata entre o exibicionismo e a verdadeira tendência para a arte; mostrou que, quando se trata de apurar valores reais, não corre aos estúdios a massa dos **habitués** dos "programas de calouros", e deu outro golpe na afirmativa apressada e desconhecida dos Beethovens da Casa Nice, de que a salvação é impossível sem samba.

Alô... Alô...

"Numa valsa, que vem perdida no folheto dos sambas, há uma rima assim:

"Quando pego no menú
Como todo mundo,
Olho o preço do peru
Como todo mundo."

Se a intenção fugiu à febre internacionalista e o poeta quis nacionalizar o vocabulário, está muito bem, sendo então rima. Como a pronúncia é "mení" (u francês), o verso deveria ter sido escrito assim:

"Quando pego no meni
Olho o preço do Peri..."

Será a última conquista da Rádio Globo: — Jorge Tavares, o cancionista da Rádio Tupi, já contratado pela P. R. E-3.

Graziela de Salerno está realizando uma esplêndida série de recitais ao microfone da P. R. A-2, do Ministério da Educação, apresentando belas canções do folclore internacional, escritas por ela própria. São audições que satisfazem ao gosto artístico mais exigente.

Anselmo Domingos, cronista do "Diário da Noite" e antigo redator da Tamoio, é o novo diretor artístico desta estação. Conhecedor dos problemas de nossa radiofonia, moço, inteligente e dinâmico, Anselmo Domingos por certo dará novo impulso à velha P. R. B-7, ora incorporada à cadeia dos Diários Associados.

De uma interessantíssima carta, do sr. João Lopes de Mesquita Filho, publicada pelo cronista Roberto Ruiz, extraí o seguinte adorável trechinho:

De Rádio

DIRCINHA BATISTA, agora na Tupi. Novamente em grande forma. A boa estrela da irmã de Linda voltou a brilhar. E as irmãs Batista estão em grande cartaz.

JORGE AMARAL, um locutor sóbrio, avesso à retórica e ao exagero. É um dos bons elementos da Rádio Globo, aproveitado também como rádio-ator.



O "METRO" DE LONDRES

De G. L. Goves Copyright B. N. S.

O sistema de transporte subterrâneo de Londres consiste em uma rede de vias-férreas construídas de varias vezes dentro dos últimos oitenta anos. Nem todas estas linhas são subterrâneas em toda a sua extensão. Algumas correm pela superfície do solo em alguns pontos. Todavia, de um modo geral, passam por baixo da superfície a profundidades que variam de menos de vinte pés a quase 250 pés. A extensão total destas linhas é de 220 milhas, e são geralmente empregadas para viagens rápidas de um a outro ponto de Londres ou entre o centro e os subúrbios. Por estas linhas subterrâneas viaja diariamente cerca de um milhão de passageiros.

A primeira estrada de ferro subterrânea foi inaugurada em 1863. Este tunel foi construído escavando-se da superfície do solo e revestindo-se as paredes á medida que o mesmo ia sendo aberto, de modo que este se encontra a pouca profundidade da superfície. Uma grande parte do sistema de linhas subterrâneas de Londres foi assim construída até cerca de sessenta anos atrás quando surgiu a idéia para a construção de um tunel a uma profundidade muito maior, na camada conhecida em Londres argila azul, que se encontra sob a superfície do solo em uma área bastante grande dessa capital. Esta foi considerada como uma idéia revolucionária, mas posta em prática com todo o sucesso por James Greathead, um engenheiro civil, cujos trabalhos e invenções revolucionaram os sistemas de construção de tunel no mundo inteiro.

Na construção deste tunel, o primeiro entre os construídos a grande profundidade em Londres, Greathead serviu-se de dois inventos que foram mais tarde usados em quase todos os trabalhos subsequentes desta espécie, o sistema de revestimento que tem o seu nome, e o forro interno de ferro fundido que forma a estrutura permanente do tunel.

Na construção de um tunel como o acima mencionado, em primeiro lugar, faz-se um exame minucioso da superfície do solo de uma a outra extremidade da linha. Feito isto, o engenheiro saberá, ou poderá calcular, a posição exata e o nível em qualquer ponto da linha projetada, e isto não somente em relação aos outros pontos da linha, mas a tudo quanto se encontra na superfície do solo como estradas, casas, rios, canais, etc., por baixo dos quais terá que passar o tunel.

Em seguida introduzem-se brocas em determinados pontos do solo até a profundidade por onde deverá passar a futura estrada. Estas brocas, que são introduzidas a distancias variadas, porém nunca superior a meia milha uma da outra, constituem a base para todos os trabalhos de escavação do tunel. No fundo de cada um destes poços tem então início os trabalhos de abertura do tunel. Precisam ser abertos dois tuneis, um para a linha que sobe e outro para a linha que desce. Estes tuneis possuem geralmente um diametro de doze pés, exceto nas estações onde faz-se necessários uma largura duas vezes maior.

O serviço de escavação é auxiliado pelo sistema de revestimento Greathead. Este é na verdade uma espécie de suporte móvel destinado a sustentar as paredes do tunel a medida que este vai sendo aberto. Este aparelho consiste num resistente cilindro de aço, de diametro um tanto maior que o diametro do tunel depois de acabado, na parte traseira do qual encontram-se uns dispositivos mecanicos acionados por força hidraulica que movem o cilindro para frente a medida que progride o trabalho. A escavação é feita por mineiros, por meio de pás pneumáticas, pois a argila azul de Londres é uma substancia muito resistente, mas não bastante para que dispense o suporte.

O suporte permanente do tunel é feito por meio de um forro de ferro fundido. Este revestimento é feito em diversas partes separadas, as quais, depois de unidas por parafusos, formam uma espécie de anel. Cada um destes aneis é então unido ao outro por parafusos, formando assim parte de uma estrutura continua de grande resistencia e rigidez. O tunel de uma estação é construído da mesma maneira porém em maior escala afim de se prover o espaço necessário para a plataforma e o trem.

Após terminado o tunel há ainda muito que fazer antes que se possa usar a estradas. O leito precisa ser instalado, bem como as linhas telefônicas e os sinais. Nas estações, há ainda que se fazerem as decorações, instalar as luzes, etc., enquanto que na superfície ou um pouco abaixo, precisam-se instalar os guichês, e as escadas para o acesso a estação.

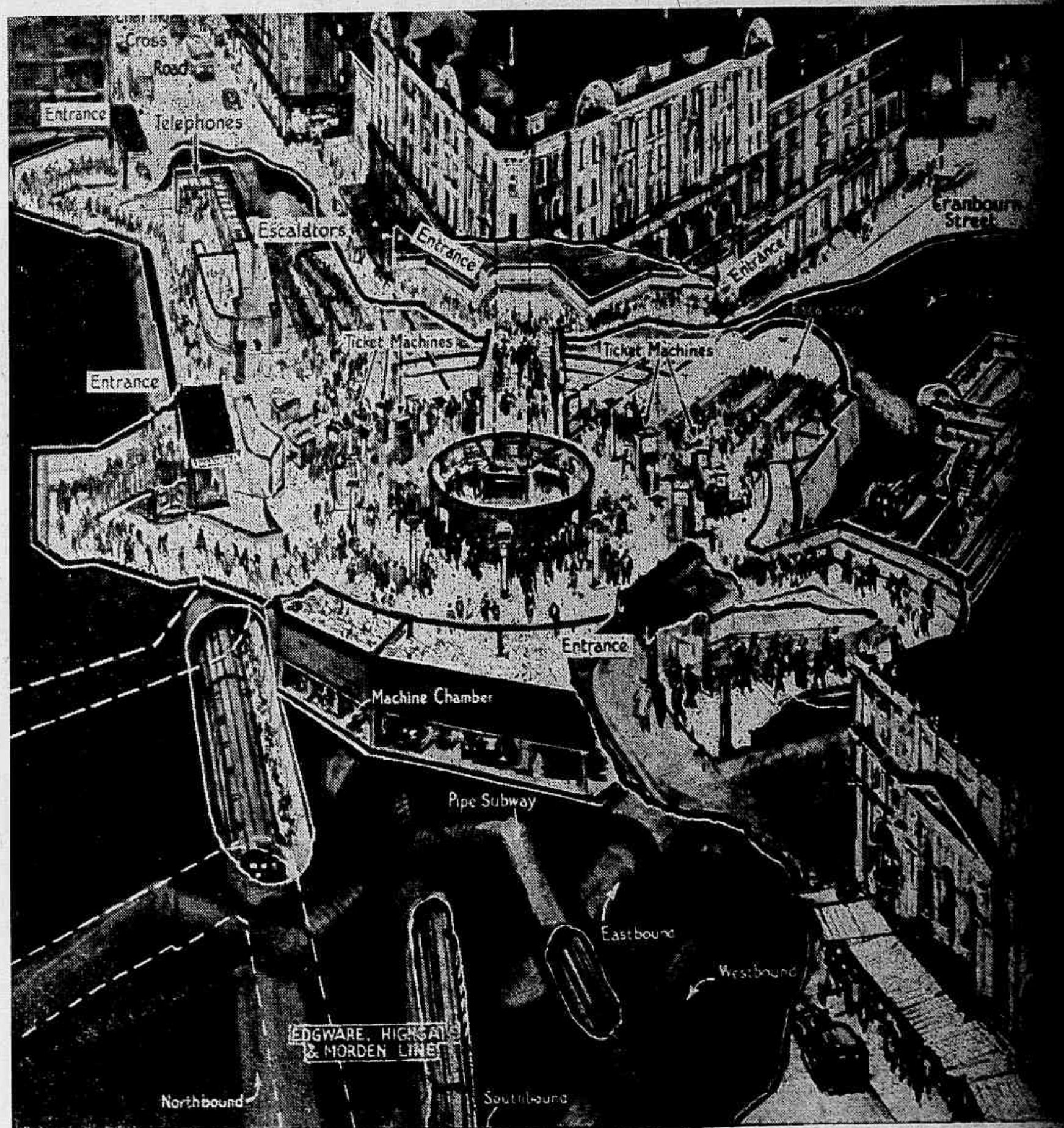
Finalmente, precisam-se fazer as ligações entre os guichês e as plataformas das estações em baixo. A principio isto era feito por meio de elevadores, agora, porém, está sendo feito por meio de escadas moveis, que transportam os passageiros para os carros, e dos carros para fora das estações.

Eis aqui um resumo de como se constroem um destes famosos "tubes" do sistema de transporte subterrâneo de Londres através os quais viaja uma média de um milhão de pessoas por dia.



A ESTAÇÃO DE WOOD GREEN, COM UM DOS MODERNOS TRENS ELÉTRICOS PARADO Á PLATAFORMA.

DIAGRAMA DA ESTAÇÃO SUBTERRÂNEA DE LEICESTER SQUARE, EM LONDRES.



PRIMEIRO DE ABRIL

Conto de
MICHEL DAVET

Foi um primeiro de
Abril magnífico mas...

ELA arrancou o último dia de Março e a folhinha ficou marcando segunda-feira, 1.º de Abril. Era uma fonte de infinitas sugestões. Marília pensou em passar um troço numa amiga. Quem escolheria? Julia? Não. Julia era muito séria, muito compenetrada e poderia levar a mal a brincadeira. Marília começou a passar em revista todos os nomes de pessoas que haveriam de achar graça em um 1.º de Abril bem pregado, e seus pensamentos acabaram por se fixar em Paulo. Nada mais natural. Não havia momento de liberdade, de divagação que não fosse logo ocupado por aquele nome, que vinha se instalar confortavelmente na cabecinha da moça e que, com toda a firmeza, recusava-se a sair. Tinha, escondido no fundo do seu armário, um retrato d'ele, que coriara de uma revista ilustrada. Toda vez que tinha uma hora livre corria para o quarto e, trancada por dentro, punha-se a admirá-lo. Ninguém, entretanto, sabia do seu amor. Para que contar, se ririam dela? Garota, você ainda nem acabou o curso ginasial e já está pensando em namôro. Deixe isso para mais tarde. Era injusto, monstruoso, mas era o que diziam. Pensavam que amor tinha idade. Mas o amor nasce inesperadamente e, às vezes, até ridiculamente nos corações mais jovens e nos mais velhos... Ai, ai!

O telefone era uma tentação. Ousaria? Por que não? Como seria engraçado! Discou o número.

— Alô!

— Ah! E' você, Paulinho?

— Olá, miúda, como vai? Que é que há de novo?

— Eu preciso falar com você.
— As ordens.

A voz d'ele era meio zombeteira.
— Não, mas é sério.

— Se você soubesse como eu estou sério!

— Bom, você quer brincar...

— Não, fora de brincadeira...

— Está bem, escute!

— Que foi?

— Não sei como começar...

— Isso até parece clichê de quem vai dar uma facada! Você está na pindaíba, miúda?

— Nada disso. Que bobagem!

— Bem, então, não sei...

— Mas como eu ia dizendo...

— Você ia dizendo alguma coisa?

— Ia.

— Que era?

— Bem, olhe Paulo, eu não gosto de violar confidências, mas...

— Quer um remédio simples e eficaz? Não viole.

— Se você soubesse de que se trata...

— Você está me fazendo curioso...

— Pois bem, é o seguinte: eu conheço uma garota que está apaixonada por você.

Ela ri. Mas o riso nada tinha de zombeteiro, desta vez. Era satisfeito, quase como se aquilo fosse uma coisa inevitável, uma coisa que se devesse esperar.

— Quem é ela? E' bonita?

— Muito!

— De onde me conhece?

— Da praia.

— Hum...

— Não. Não, adianta pensar que é alguma que notou, porque ela me diz que você passa por ela sem ver...

— E' mesmo? Eu devo estar ficando cego. Que mais?

— Ela me disse que quer seu telefone.

— Meu telefone?

— E'. Ela me disse que quer falar com você, sem você saber quem ela é...

— Que história complicada!

— Puxa, Paulinho, você não entende nada! Como é que você quer que uma moça chegue pra você e diga, sem mais nem menos: "eu gosto de você!"

— Eu não posso dizer isso a ela?

— Pode. Você é homem.

— Isso é história velha. Diz a ela para falar para mim.

— Eu vou fazer uma coisa. Vou dar seu telefone, mas não digo que lhe avisei de modo que...

— Que eu aproveito a informação. O. K., miúda, obrigado.

— Posso dizer a ela para telefonar hoje à tarde?

— Não. Hoje, não, que eu vou sair.

— Mas se não for hoje logo de uma vez, ela é capaz de desistir.

— Você tem certeza de que ela fala?

— Tenho, sim.

— Está bem, então eu espero.

— Bye, bye...

— Tchao, miúda.

tava apreensiva. Que diria ele? Paulo, por sua vez, ao compreender que era 1.º de Abril, resolvera tirar uma desforra. Diria a ela que não deveria ter feito aquilo, porque o magoara muito. Ele a amava. Depois, quando ela estivesse quase acalando, diria que era 1.º de Abril. Era cruel, mas ela também brincara com sua vaidade e devia pagar.

Marília, ao avistá-lo, disse:

— Boa noite, Paulinho!

— Olá, miúda. Então, onde está meu sonho dourado?

— Quem?!

— A morena da praia.

— Ah! Ela não falou?

— Não.

— Então foi porque não teve coragem.

— Ah!

— Pois é. Ela é muito tímida.

— Escute, miúda, você não devia ter feito aquela brincadeira...

Ela começou a rir.

— Como é que você sabe?

— Ora, então não olhei logo depois para a folhinha?

— Ah!

— Você tem essa mania, miúda. Gosta de brincar com a gente, mas às vezes suas brincadeiras mexem com a gente lá por dentro...

— O que? Que história é essa de mexer lá por dentro?

— E' isso. Você me fez ficar triste. Porque eu confesso que, hoje à tarde, por um momento pensei que era você a morena da praia e fiquei esperando que você me telefonasse com voz disfarçada, mas você não falou. Eu sei que pode parecer pretensão, mas a gente quando gosta de uma pessoa pensa logo que é correspondido e...

— Paulinho!

— Pois é. Eu não queria dizer isso. Você me obrigou. Eu fiquei tão triste...

Era estranho. A brincadeira estava ficando séria. Não era possível! No entanto... Os olhos dela tinham-se aberto desmesuradamente. Uma expressão de felicidade e de ternura brilhou, vitoriosa.

— Paulinho!

Ele apressou-se em terminar a brincadeira.

— Pronto. Acreditou. Eu sempre disse que você era vaidosa. Depois do seu 1.º de Abril, o meu. Você pensou mesmo que eu estava apaixonado por você?

A luz que brilhava, alegre, nos olhos dela, desapareceu. Ela murchou completamente. Logo, já não podia mais conter as lágrimas que corriam. Disse:

— Com licença...

E saiu correndo para o jardim. Ele seguiu-a. Nunca pensara que...

— Miúda! Vem cá, meu bem, onde é que você se meteu?

— Vá-se embora!

Ela aproximou-se. Enlaçou-a.

— Que é isso? Então não se pode brincar com você? Você sabe que eu sou louco por você! Por que acreditou que eu não gostava? O 1.º de Abril era aquilo: eu dizer que não gostava de você...

Ela levantou os olhos cheios d'água para ele:

— Jura?

— Juro!

Ela riu baixinho:

— Eu não sabia... Pensei que...

— Essa menina é bôba...

Ela tornou a rir:

— Vamos dançar?

Amanhã avisaria às colegas que também tinha namorado...

— Você gosta mesmo de mim, Paulinho?

— Gosto, miudinha.

E, naquele momento, era sincero.

Ela soltou uma gargalhada, alegre.

Naquela noite encontraram-se na festa de aniversário da irmã d'ele. Marília es-

PETROPOLIS E DEUS

No teclado verde das colinas o sol vai compondo a sinfonia dos matizes e, de quando em vez, há como que um "smorzando", um pianíssimo naquele esplendor. E a luz se difunde, se fluidifica, como se aquela vaporização luminosa fôsse a própria alma do sol.

Por
JESY BARBOSA



Das profundezas daquele silêncio, onde as florestas são como braços de gigantes a espargir perolários de cintilações, sobe um clamor que os ouvidos não ouvem mas o coração escuta. Um clamor que é como uma prece, que é como um salmo: — são as montanhas que gritam o nome de Deus!...

do dia, tudo se estende na pauta da paisagem, e são como notas musicais na composição dos hinos de Deus!...

E no alto das penedias, no fundo negro das florestas, no baixo relêvo das planuras rendilhadas de sombras e na interrogação das encruzilhadas e na angústia dos horizontes, tateando, indecisa e ansiosa, nossa alma encontra enfim o alfabeto capaz de ilustrar a sua cegueira e vai lendo, como num missal descido dos céus, o grande segredo de Deus!...

E a estrada se estende, abrindo o leque das curvas num deslumbramento incansável, num inesgotável suceder de maravilhas, e o caminho se desdobra como uma escada capaz de nos levar ao Céu!...

Em cada curva do caminho as clareiras se alargam ou as colinas se fecham, como se a Natureza, a cerrar e a descerrar os braços, celebrasse um ritual qualquer.

E há um riscar de relâmpagos dentro de nós. Como um pirilampo gigantesco, a verdade palpita e transvoa nos corredores sombrios do subconsciente, num esvoaçar de clarões que quase nos enlouquecem. E a vertigem cada vez mais nos empolga como se o perfume do Paraíso nos envolvesse numa ebbrie divina, como se tudo aquilo fôsse apenas um velário. E esperamos, de olhos aflitos, que, súbito, se descerre a grande Revelação!...

Parece-nos incrível que aqueles degraus de veludo das colinas não sejam os degraus do Creador, que alguma coisa espantosa não surja daquelas galerias onde as sombras são os fantasmas da luz; parece-nos incrível que tanta beleza não seja o pórtico do Céu!...

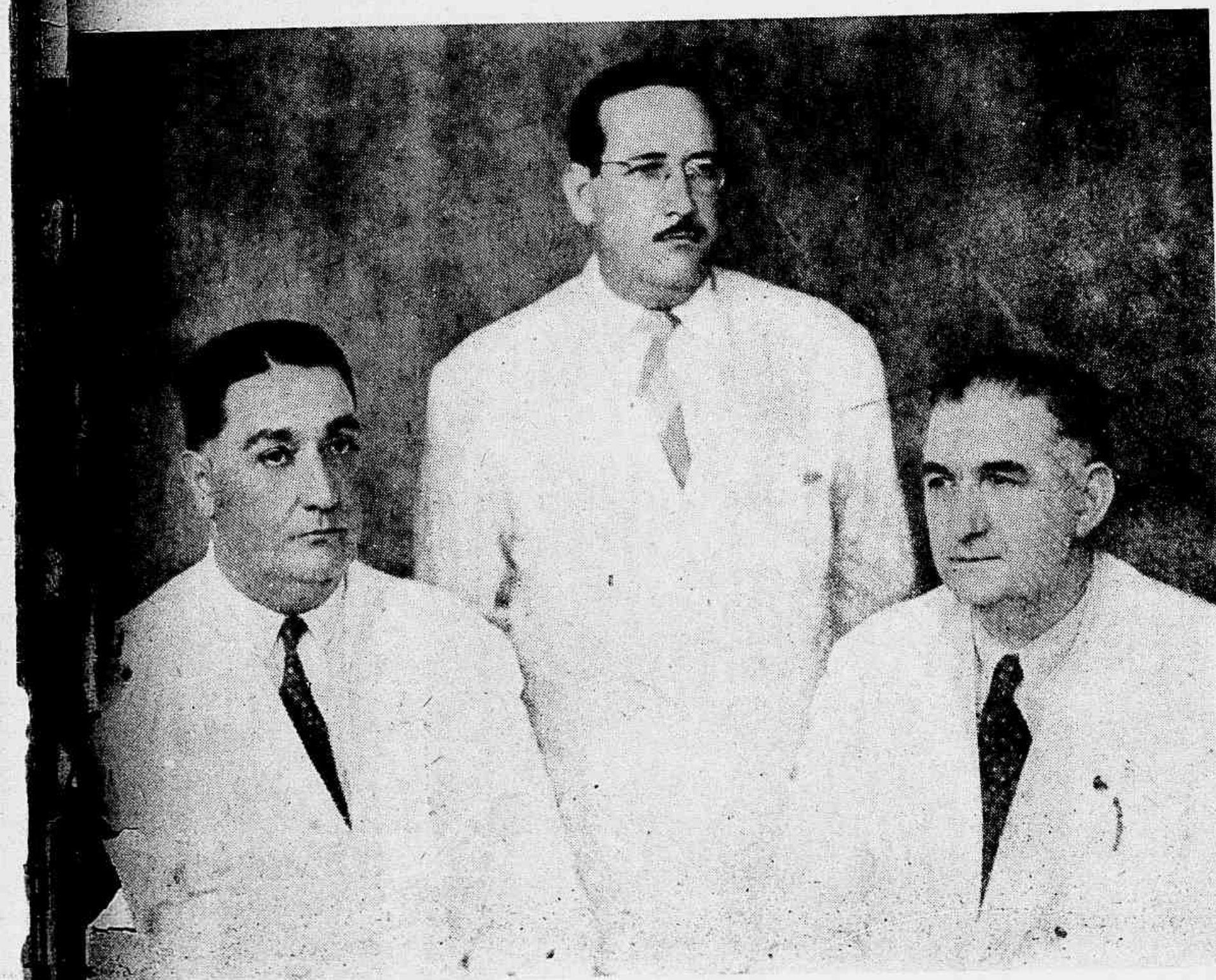
Árvores felizes, de galhos fartos, árvores de galhos nus e retorcidos; árvores inquietas, prontas a bailar ao menor toque da brisa; árvores solitárias no ápice dos montes desertos, crucificadas no vácuo, entregues ao estoicismo de sua solidão; árvores amorosas de galhos tão entrelaçados que os vendavais separam; árvores cheias de desalento, de galhos recurvos, de expressão abatida; árvores gloriosas, de galhos atrevidos roçando no seio das nuvens; árvores milionárias, cujas flôres são moedas de ouro; árvores pequeninas, folhinhas onde o beijo do sol é uma pílula de luz; gramas veludosas como cabeleiras verdes, onde o vento tem desmaios de carícias; florinhas tímidas agarradas às pedras da estrada, tremendo de medo da aragem que passa; flôres arrogantes, de pétalas abertas à glória

Até que, num declive mais forte, como a página de um livro colorido que se volta, Petrópolis surge diante de nós sorrindo o sorriso enflorado dos jardins, como que a se desculpar de nos haver arrancado àquele idílio com Deus. E as hortênsias, rolando do alto dos montes na escala azul dos tons cerúleos, consolam-nos, confortam-nos da nostalgia infinita que aquelas visões magníficas nos deixam no coração: — a nostalgia, o desconforto de ter sentido Deus tão de perto e não O termos em nossa mão!...





A "REVISTA" EM JAÚ. — Três ilustres representantes do executivo municipal da adiantada cidade paulistana. A esquerda, o sr. Antonio Neves de Almeida Prado, e, à direita, o sr. Mario Ferraz Maaglhães, antigos prefeitos de Jaú. Ao centro, o sr. Luiz Liarte, atual chefe executivo da terra do café por excelência.

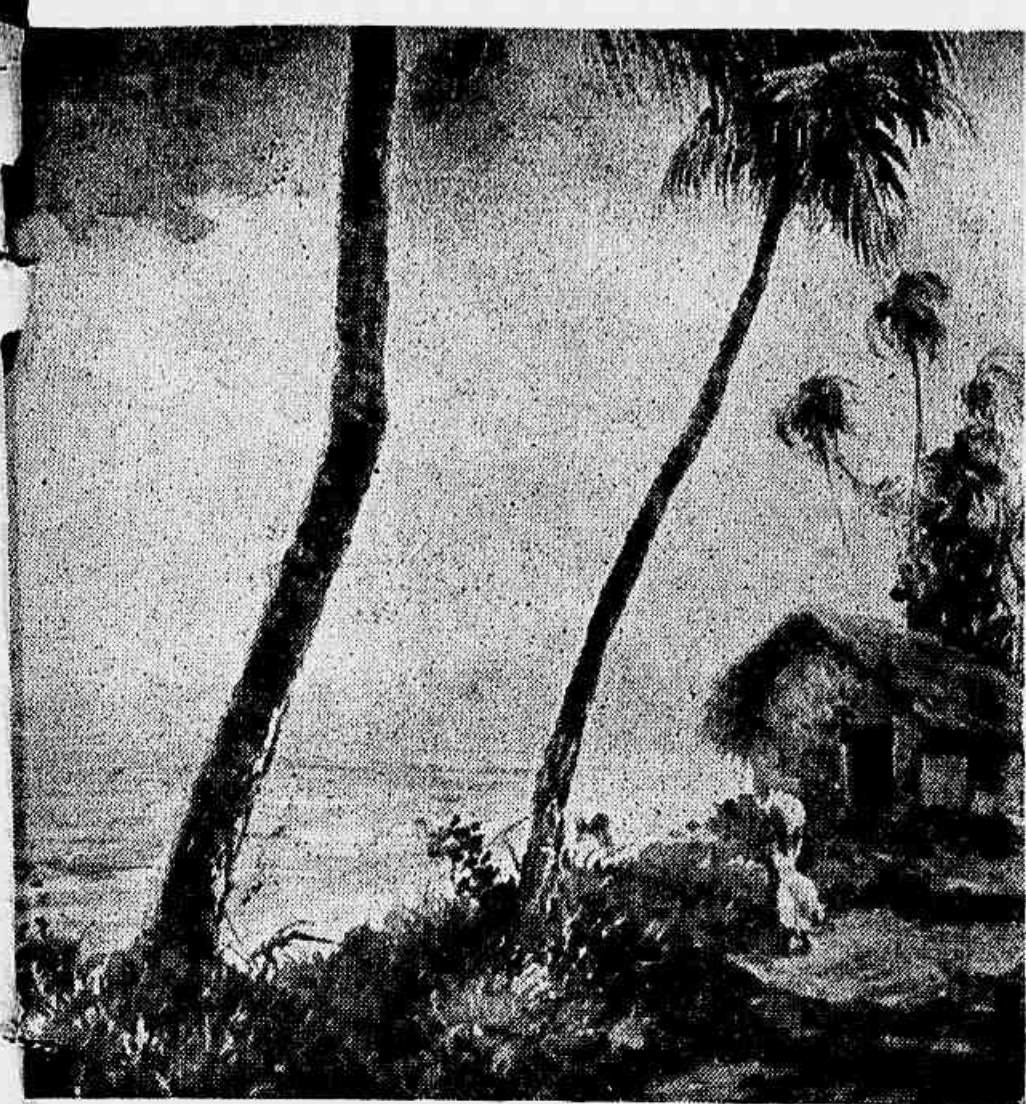


FULGENCIO BATISTA EM SÃO PAULO. — A visita do ex-presidente de Cuba ao Brasil valeu por acontecimento cívico dos de maior relêvo nestes dias de comunhão inter-continental mais intensa. Em São Paulo reproduziram-se as manifestações de aprêço e as homenagens espontâneas do povo, corroborando as das autoridades ao eminente visitante. Na véspera de prosseguir viagem quis o general Fulgencio Batista, por seu turno, tributar a homenagem de sua admiração aos heróis da Independência do Brasil, depositando uma corôa no monumento do Ipiranga. Na gravura ao lado, o estadista cubano frente ao monumento, ladeado por autoridades de São Paulo, e, no "clichê" superior, s. excia. depositando a corôa no pedestal.

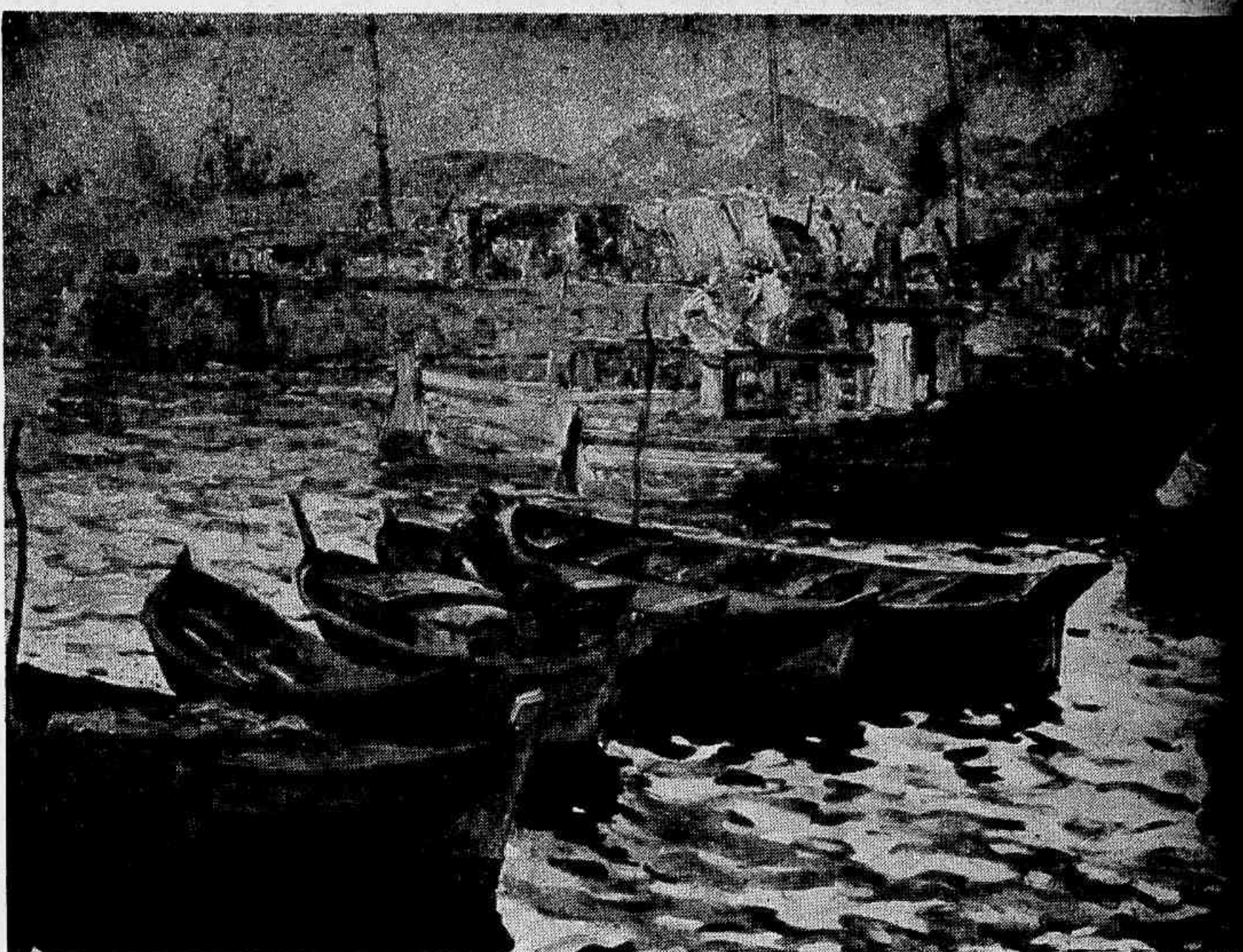
FIGURAS E FATOS

Casamento da sta. Ruth Rodrigues Nitzsche com o sr. Mario Rodrigues de Azevedo, na igreja do Sagrado Coração, a 20 de Janeiro próximo passado. Os noivos, elementos da sociedade carioca, fixaram residência nesta capital.



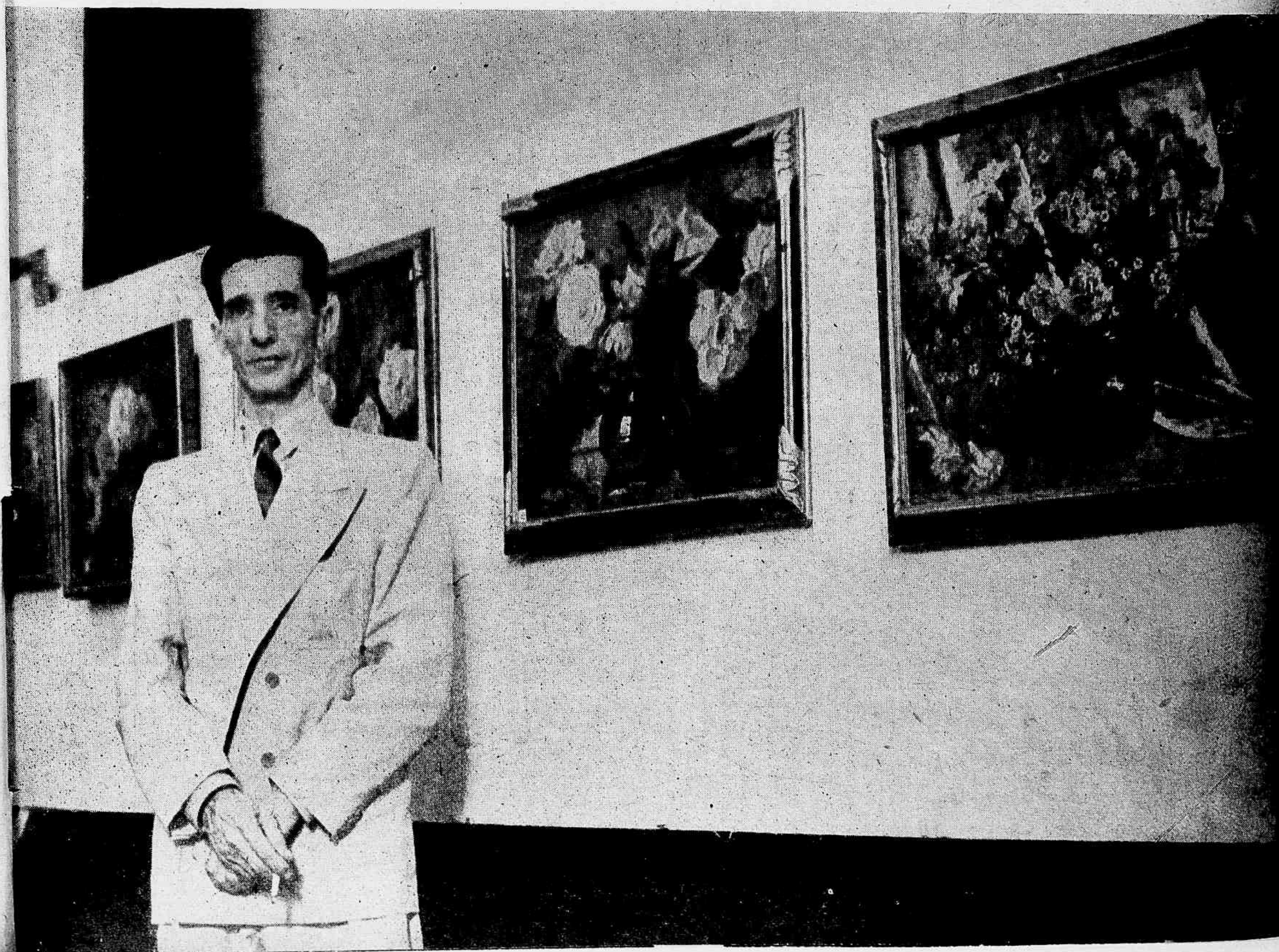


A R T E S P L A S T I C A S



Mario Tullio é um artista veterano. Veterano e de incontestáveis qualidades, que se revelam, muito pronunciadamente, nas suas esplêndidas aquarelas. Sua exposição, levada a efeito na segunda quinzena de Janeiro, constituiu, sem favor, um legítimo acontecimento. As telas de Mario Tullio, expostas no Museu de Belas Artes, mereceram francos elogios e reafirmaram a classe de pintura desse homem que desde a adolescência a ela se dedicou, e da pintura fazendo uma razão de ser da própria exis-

tência. Sobre ser um artista de méritos reconhecidos, ele representa ainda, para os que militam nesta publicação, motivo de legítimo orgulho, de vez que Mario Tullio já colaborou demoradamente nas páginas da **REVISTA DA SEMANA** quando iniciava sua carreira. Damos acima a reprodução de dois dos bons trabalhos expostos agora no Museu e, em baixo, um flagrante do artista junto aos seus quadros.





MR. ROBINSON APRECIANDO AS BELAS-ARTES. — Num intervalo de filmagem, Edward G. Robinson, que agora terminou, na Columbia, um novo filme, "Mr. Winkle Goes to War", foi visitar a Galeria de Arte Contemporânea, recentemente fundada em Hollywood. Na gravura, o artista cumprimenta o pintor-sargento Diamondstein.

A MAIS RECENTE FILMAGEM DE DEANNA DURBIN. — Na gravura superior, a sempre querida "estrêla" da Universal no traje com que se apresenta em seu novo filme, "Vivo para cantar". Uma nota original: Miss Durbin vai aparecer de cabelos claros — e parece que não ficou feia nem nada...



Hollywood, Fevereiro (via aérea). — A grande notícia cinematográfica da semana diz respeito aos propósitos da 20th. Century-Fox iniciar uma filmagem com Tyrone Power dentro de noventa dias. E no entanto o marido de Annabella continua exercendo seu serviço de guerra. Uma de duas: ou a Fox admite que dentro de três meses tenham sido desmobilizados os pilotos "yankees", pelo menos os artistas cinematográficos, ou conta como provável a obtenção de uma licença para o galã de "O Cisne Negro". Por sua vez a Metro acredita que antes de Junho terá estreado o primeiro filme da nova fase na carreira de Clark Gable, e então ficará provado que o cinema americano não encontrou substitutos, durante a guerra, capazes de esquecer êsses dois tão famosos e ainda menos de suplantá-los. Os "astros" masculinos revelados nos últimos cinco anos têm um feitio artístico diferente, e muitos continuarão em cartaz quando voltarem do "front" os mais famosos. Outros, porém, vão ter a carreira interrompida. Quando Clark Gable e Tyrone Power estiverem de novo em contacto com o público, será uma incógnita muito séria a carreira dos novatos.



A VOLTA DE ETHEL BARRYMORE. — A dinastia dos Barrymore talvez não venha a manter-se por muito tempo no cinema americano. Morto John, temos ainda Lionel, cuja saúde, visivelmente abalada, o impede de trabalhar com assiduidade. E a pequena Diana, filha de John Barrymore, não registrou o sucesso que se devia esperar. Agora, porém, teremos de volta a outra irmã Barrymore, a velha Ethel, cujo reaparecimento se fará no filme "Apenas um coração solitário", com Cary Grant, da RKO. Velha, sim, mas a mesma esplêndida comediante.

GRÁFICAS DE HOLLYWOOD

MERLE OBERON, QUASE-EX-MRS. KORDA... — Um telegrama deu-nos ciência de ter a atriz Merle Oberon requisitado divórcio do produtor Alexander Korda. Mas o caso não foi ainda divulgado. Na gravura, a "estrela" em companhia do diretor Charles Vidor. Merle Oberon nos trajes com que posou "Os amores de George Sand".

A SENHORA ORSON WELLES TEVE UM "BABY"! — Semanas antes de receber a visita da cegonha, Rita Hayworth terminava a filmagem de "Tonight and Every Night", na Columbia. E o pessoal do estúdio a presenteou com um equipamento completo para recém-nascido: banheira, objetos de "toilette", perfumes e, naturalmente, fraldinhas...





O paraninfo, prof. dr. Eduardo Lopes Rodrigues, cercado por alguns dos bacharelados, homenageados e autoridades presentes à Colação de Grau.

Um estabelecimento de ensino superior que se está impondo à admiração pública

Colou grau mais uma turma de Economistas da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro — primeira escola superior do bloco que constituirá a Universidade Mauá.

Ninguém desconhece que as mais profundas transformações que o mundo contemporâneo tem atravessado são principalmente de caráter sócio-econômico. Há assim a exigência da presença de pessoas especializadas em assuntos econômicos, para serem solucionados os problemas decorrentes daquelas modificações.

Convidados para assistir à colação de grau dos bacharelados de 1944, foi pois com prazer que comparecemos ao Palácio Tiradentes. E ficamos de tal modo impressionados com a disciplina e ordem reinantes na solenidade e, principalmente, com o brilhantismo de que se revestiu o juramento prestado pelos novos economistas que resolvemos fazer uma visita à Faculdade.

Em sua sede, à avenida Rio Branco 114, 10.º andar, fomos recebidos pelo recém-diplomado bacharel José do Patrocínio Machado de Oliveira, que nos mostrou as bases sólidas em que repousa a situação privilegiada do modelar estabelecimento de ensino.

Tôdas as salas de aula têm uma parede que se abre, completamente, numa enorme janela, o que proporciona arejamento máximo e vista belíssima. Mas o melhor da Faculdade — disse-nos o bacharel José do

Patrocínio — não reside em sua instalação. Sua verdadeira pedra angular é o primoroso corpo docente que possui, constituído por professores admitidos através de rigorosos concursos, e representando cada qual deles um dos maiores expoentes nas respectivas esferas de ação.

Possui também uma biblioteca especializada, contendo as melhores obras sobre Economia, Administração e Finanças, assim como revistas (nacionais, inglesas e americanas) que tratam dessas ciências. Isso permite aos alunos e professores estarem a par dos progressos verificados nesses setores.

Considerando que o ensino exclusivamente teórico é ineficaz, a Faculdade, além de dissertações, promove visitas a instituições e realiza trabalhos práticos com os seus alunos, que também fazem estágios no Gabinete de Estudos Econômicos do Ministério da Fazenda e no Instituto de Economia da Associação Comercial.

A alta eficiência resultante desse conjunto de circunstâncias pode ser rapidamente aquilatada pelo fato de os alunos da Faculdade já terem levantado três primeiros lugares em concursos do D. A. S. P., no curto período de quatro anos, além de outro haver levantado também um primeiro lugar no C. P. O. R. do Exército. Desejamos ainda assinalar que um dos diplomados — Genival de Almeida Santos — exerceu, em 1943 e parte de 1944, a presidência da U. N. E. — órgão máximo dos universitários brasileiros; e que a Secretaria de Estudos Econômicos dessa mesma entidade, assim como a Secretaria Geral da U. M. E. (órgão dos estudantes universitários, no Distrito Federal) foram regidas por alunos da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro.

Isso demonstra como o Estabelecimento está conseguindo atrair as nossas elites estudiosas!

No intuito de estimular o estudo das ciências econômicas e administrativas, a Faculdade concede valiosos prêmios aos seus melhores alunos, inclusive auxílios em dinheiro, para compra de livros, sendo contemplados os seguintes alunos:

1.º ano: Adail Queiroz de Vasconcellos; 2.º ano João Soares Neves e Hugo Brasil Cantanhede; 3.º ano: Mário de Mattos Pimenta, Alberto dos Santos Foz e José do Patrocínio Machado de Oliveira.

Reconhecendo o valor do trabalho que a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro vem prestando ao Brasil, diversas firmas desta praça distribuem, anualmente, prêmios de alguns milhares de cruzeiros aos mais destacados alunos da Faculdade.

Todo aquele que se interessa pelos problemas econômicos e sociais, observados segundo um ângulo despido de empirismo, não pode deixar de levar em consideração a realização da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro.

Visitá-la é ter uma visão nítida da elevação do ensino econômico-administrativo em nosso país.



O bacharelado Mário de Mattos Pimenta recebendo cumprimentos da Direção da Faculdade, por haver alcançado o 1.º lugar em sua turma.

VINGANÇA

Novela de
HUGH KAHLER

O bandido olhou para o homem que se postara à sua frente, e disse:

— Não o conheço.

O outro riu:

— Seria de estranhar que você me conhecesse, visto como é a primeira vez que me vê. Tenho, entretanto, uma carta de apresentação para você.

Dusty redarguiu:

— Não confio em cartas de apresentação.

Mas seu interlocutor não perdeu a calma.

— Meu cartão de visitas confirma o que eu disser.

E, dizendo isso, passou para o outro um pequeno cartão. Dusty abriu a boca espantado.

— Mas...

— Sim, eu sei. Todos pensam que eu estou na cadeia ou morto. Faz muito tempo que não apareço. Mas, como vê, estou vivo e são.

Dusty não era tolo. Admitia facilmente a possibilidade de um embuste, e se há coisa que um bandido não perdoa é um embuste. Eles, que vivem a embulhar os outros, têm uma espécie de orgulho de levar sempre a melhor a qualquer oficial do mesmo ofício.

— Ainda não conseguiu convencer-me...

O outro tornou a rir.

— Você sabe de alguma coisa sobre Martin que só você e ele sabem, não é verdade?

Dusty ficou perplexo.

— Um caso particular, esclareceu o outro.

— Sim.

— Pois bem; se eu lhe contar esse caso você ficará satisfeito? Terá, então, certeza de que sou Charles Martin?

Dusty assentiu.

— Pois bem. Certa vez você descobriu uma carta. Essa carta tinha sido perdida por mim, que era, então, o gangster que mais influência tinha nesta cidade. Você foi levar a carta ao meu esconderijo e foi recebido por um de meus asseclas. Interrogado, respondeu que queria falar comigo pessoalmente. Não quiseram deixar você entrar. Em vista disso você retrucou que se eu quisesse a carta viesse buscá-la.

— Você pode ter sabido disso por outra pessoa...

— Mas se eu lhe disser que a carta era de uma moça chamada Molly, que tratava de um caso que nada tinha que ver com trapagens e que começava com um tratamento carinhoso, que eu não preciso repetir?

Dusty deu-se por vencido:

— Acredito-o.

O outro sentou-se ao lado dele na mesa e pediu um uísque. Em seguida comentou:

— E' estranho que depois de trabalharmos tanto tempo na mesma cidade só agora venha a conhecê-lo.

Dusty assentiu:

— E'... mas essas coisas às vezes acontecem...

A noite caiu rapidamente. Um vulto seguia apressado por um beco, escondendo-se nos cantos mais escuros. De vez em quando olhava para trás, querendo verificar se estava sendo seguido. E, se bem que não avistasse ninguém, continuava a caminhar furtivamente e com o mesmo passo apressado. Um sexto sentido segredava-lhe que era vigiado. Mas não podia deixar de fazer o que estava fazendo. Era preciso, de qualquer maneira, avisar Molly, e um bilhete seria perigoso de mais. Não havia mensageiro em quem ele confiasse. Era preciso, portanto, ir ele mesmo. Virou bruscamente à esquerda e entrou numa casa que ficava perto da

Antes tarde do que nunca, refletiu o bandido quando chegou a hora da vingança

esquina. Era um edifício escuro e feio. Enfiou uma chave na fechadura e entrou no hall. O interior era surpreendente, em vista do aspecto da casa pelo lado de fora. Um luxo de mau gosto, mas inegável, e coisas que haviam custado caro e que, pelo arranjo sem gosto, brigavam umas com as outras, de maneira desagradável. Dusty, porém, não prestou atenção — nunca prestava, aliás — à decoração. Passou para a sala de visitas, onde uma jovem, evidentemente a dona da casa, estava sentada numa poltrona, lendo um romance policial e comendo bonbons.

— Molly!

— Dusty! Que é que há? Você parece que viu fantasma!

— Foi um fantasma mesmo que eu vi. Você precisa sair daqui agora mesmo. Há perigo!

— Você está bêbado!

— Quisera estar! Vamos. Arrume suas coisas. Uma maleta só, e partamos quanto antes.

— Sem mesmo explicar por que?

— Não há tempo para explicações!

— Por que essa fuga? Vamos, diga! A polícia o persegue?

— Pior, muito pior: Martin está aqui na cidade.

— Você está doido! Charles já morreu há muito tempo!

— Assim pensava eu até esta tarde. Ele veio ver-me.

— Mas você não o conhece pessoalmente.

— Ele me provou irrefutavelmente que é Martin.

— Como?

— Falando em você, naquela carta.

A moça empalideceu. Não disse mais uma palavra. Correu para o quarto e arrumou rapidamente uma valise. Por cima do vestido vestiu um casaco escuro

e pôs um chapéu preto. Quando acabou de preparar-se disse:

— Vamos.

Dusty abriu a porta cautelosamente e saiu seguido por Molly. Não havia ninguém na rua. Ele suspirou. Na esquina da outra rua um taxi esperava-o. Entraram e ele disse:

— Estação do Oeste.

Quando o carro partiu falou:

— Já comprei as passagens. Aqui está o bilhete. Você toma o primeiro trem e segue para Chicago. De lá toma um avião para San Francisco. Eu fico.

Ela olhou-a espantada:

— Você não vai também?

— Não. Ele tem uma idéia louca de que eu posso ajudá-lo a achar o miserável que lhe roubou a mulher!

— Oh!

— E eu preciso ficar aqui para evitar suspeitas.

— Você tem certeza de que ele não sabe de nada?

— Absoluta. Você o conhece e sabe que, se ele suspeitasse de alguma coisa, não haveria de falar comigo com a calma com que conversou esta tarde. Viria logo de revólver e não me daria tempo para dizer "ai!".

O automóvel corria nas ruas desertas. Era cedo ainda, mas naquele bairro nunca havia movimento àquela hora. Depois do anoitecer todas as pessoas honestas recolhiam-se debaixo de chave, com medo dos bandidos, e estes ainda não tinham saído porque era cedo de mais.

— Chauffeur, você devia ter dobrado para a esquerda!

— Pare o carro!

— Pare!

Não foi preciso repetir a ordem: o carro parou; mas antes que Molly ou Dusty pudessem fazer qualquer coisa, um homem mal encarado já entrara no veículo, com um revólver na mão e o carro já disparara pela rua abaixo, a toda velocidade.

— Quietinhos, disse o gangster.

Martin tinha um sorriso irônico nos lábios. Era conhecido aquele sorriso. Dusty nunca o vira, mas já lhe tinham falado dele. Precidia, invariavelmente, as crises de fúria, muito mais perigosas porque não eram transbordantes ou violentas. Martin matava nipoicamente, com a mesma calma aparente.

— Sentem-se, disse Martin.

Molly levou a mão ao coração e Dusty arregalou os olhos.

— Sentem-se, já disse.

A voz tornara-se cortante.

De repente, Molly começou a falar rapidamente, atabalhoadamente.

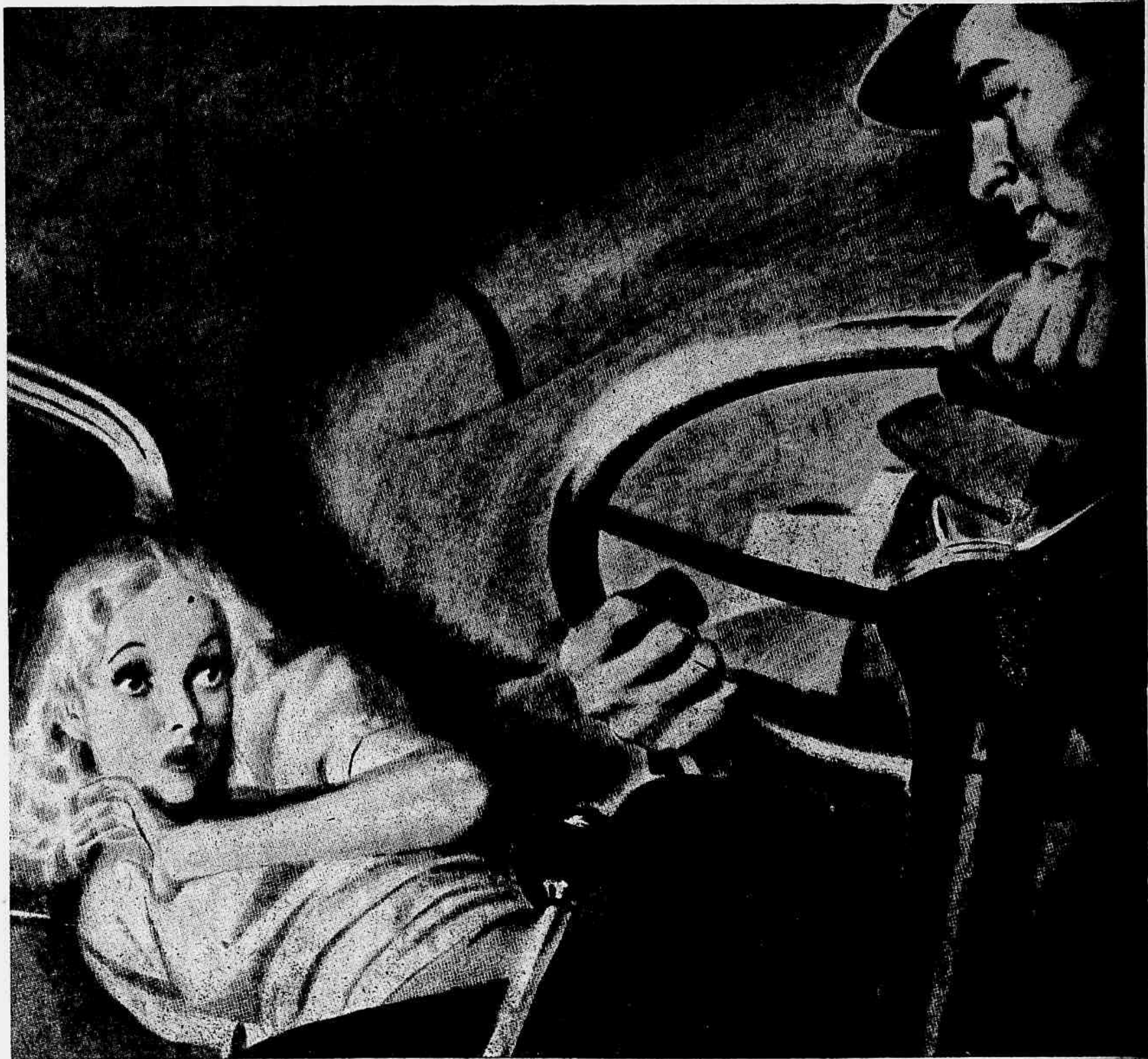
— Escute, Charles, você está enganado. Andaram enchendo seus ouvidos de tolices a meu respeito. Eu pensei que você estava morto. Foi por isso que aceitei a proposta de Dusty. Ele foi bom para mim. Mandou construir uma casa especialmente para eu morar. E se eu pensava que você estava morto, que mal havia?

O marido não respondeu. Sorriu novamente. Depois, com voz assustadoramente fria, disse:

— Você sempre foi uma mentirosa de primeira classe, Molly.

Ela ia protestar, mas ele olhou-a e o olhar bastou para fazer com que esquecesse os protestos. De nada serviriam. Ele

(Continua na página 44)





Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"
ENO

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**

**DÓRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL

Livros

A VERDADE SOBRE A HISTÓRIA DA AERONÁUTICA, por José Garcia de Souza (2.^a parte) — Rio de Janeiro, 1944.



Piloto aviador, membro da *Aviation Writers Association* e do *Institute of Aeronautical Sciences*, consultor para a América do Sul da *Aeronautical Digest Publishing Corp.* o Sr. José Garcia de Souza não representa apenas o tipo do profissional sapiente, consagrado, em tudo autorizado. Empreendeu este largo trabalho historiográfico também ou principalmente como patriota ardoroso e adepto apaixonado da aviação quer militar quer comercialmente falando.

Na presente segunda parte da sua obra, começa o Sr. Garcia de Souza rendendo ampla e alta homenagem ao Sr. Getúlio Vargas, o "amigo da aviação" cujas iniciativas e toda sorte de bons serviços, cujas viagens aéreas pelo país e ao estrangeiro narra com abundância de pormenores, não perdendo ocasião alguma de salientar a importância da ação e da influência do Chefe da Estado. O segundo capítulo é mais especialmente consagrado ao Aero Club do Brasil. Vem aí o louvor das suas grandes figuras: Sr. Vitorino de Oliveira, seu "idealizador e fundador"; Irineu Marinho, seu fundador também, diretor da *Noite*, o jornal que instituiu os primeiros prêmios para a aviação no Brasil; almirante José Carlos de Carvalho, seu primeiro presidente.

Dai por diante, como até aí, não cuidou o autor de separar os fatos ou as etapas da aviação brasileira pela ordem rigorosamente cronológica. Preferiu vir relacionando os acontecimentos com os seus resultados futuros e comparando, para elucidação dos progressos obtidos, o que se fez nos primeiros anos ao que hoje se faz ou é possível fazer. Todas as matérias estão expostas por entre copiosa documentação. Observa-se sempre o cuidado da boa orientação e da justiça. E fotografias em profusão enriquecem o volume que, em amplo formato, vai a 630 páginas.

SOL DO OCASO, versos de Laert Wanderley Navarro Lins — Rio de Janeiro, 1944.

O Sr. Laert Wanderley Navarro Lins não faz o menor caso do conceito em que qualquer pessoa, individualmente, possa ter a sua individualidade de poeta. E não o manda dizer em nota do editor; ele mesmo o declara de maneira a não deixar a menor dúvida: "A mim só me interessa a opinião do público, que é a única força capaz de destruir ou consagrar um poeta. Aguardo, pois, o seu julgamento!"

Como, porém, o Sr. Lins enviou o presente livro à REVISTA DA SEMANA, talvez, por exceção, deseje saber a que o seu respeito pensa o encarregado destas notícias literárias. Diremos, por isso, que o *Sol do ocaso* nos deu a impressão de obra espontânea, sincera, tão digna como muitas outras da atenção dos críticos. Vejamos como o poeta celebra a súbita e enlevadora ventura da sua vida:

*O Mundo se tornou menos tristonho,
Para mim, que vivia a trabalhar
Quando Deus, logo após meu matrimônio,
Seis filhinhos me deu para criar.*

*Enriqueceu meu lindo patrimônio.
Com pérolas de brilho singular.
Que envolvem na luz mística de um sonho,
A docura bendita de meu lar!*

*Seis pérolas, por certo, de valor
Tão grande que jamais a amarga dor
Teve, no peito meu, prantos e ais!*

*Pérolas?!... as mais puras e do Oriente
Que farão refulgir, constantemente,
As bênçãos sempiternas de seus pais!*



SEGREDO, versos de Maia Ronal — Edições "Cruzeiro" — Rio de Janeiro, 1944.

Maia Ronal é um pseudônimo que na própria estréia se consagrou. Todos os órgãos da opinião literária acolheram o trabalho de biografia e de crítica introspectiva *Um que falhou* como revelação dum verdadeiro escritor. Agora se sabe que Maia Ronal é uma escritora. Uma bela, elevada e esmerada poetiza. Os seus versos ditosamente reúnem a formosura do espírito, a riqueza do sentimento, os primores do gosto. Não se limitam a fazer ouvir "um salú entre ruínas e túmulos". O salú é um pássaro assombioso. Assobia veemente, comunicativamente, mas assolia apenas. E na poesia de Maia Ronal, pelas emoções que traduz e a forma como as exprime, há um canto de amor executado por uma nobre orquestra. Instantaneamente essa música nos envolve e penetra, vinda dum intimidade para outra intimidade. E o segredo que ela traz consigo logo aos primeiros versos se faz conhecer e compreender.

A última página contém até mais que um segredo: um enigma. Dá-se, porém, um prêmio a quem o não decifrar:

*Já que agora és somente uma sombra querida,
O' tu, cujo carinho envolvente eu perdi,
Aceita ao menos que a canção tão comovida
Onde ponho a tremer minha arte e minha vida
Vibre ainda por ti.*

*Inebriada ou curiosa, a tua alma distraída
Escutou, disculpou os versos que escrevi.
Ignoraste, porém, que a voz desconhecida
Relatava o que alliva, assustada e tolhida
A ti mesmo encobri...*

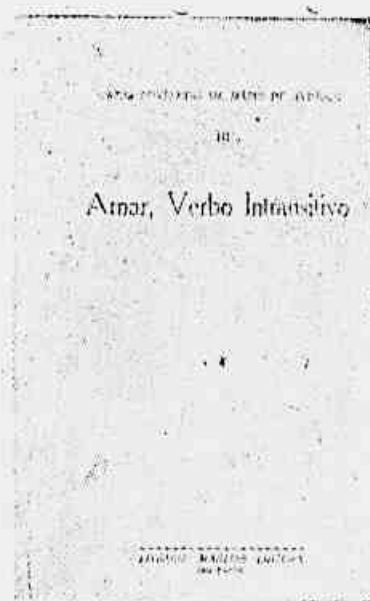
*Fogos-fúlios tombando em tua campã escondida,
Estes versos, aos quais meu segredo prenda,
Reflexos de uma ardente história incompreendida,
Revelarão a se extinguir na despedida
O teu nome que amei, mas nunca proferi.*

*No entanto, nome oculto entre ritmos e versos
em vão sempre dispersos
sob um disfarce esquivo ou uma reserva extrema,
nunca hás de ver que inteiro estás nesta canção
onde meu coração
resume ao murmurar-te o mais íntimo poema.*



Novos

AMAR, VERBO INTRANSITIVO, idílio de Mário de Andrade — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1944.



Idílio chama o Sr. Mário de Andrade à história doméstica e urbana contida no presente volume. Tal, porém, não é a acepção literariamente, classicamente dada ao termo. O escrupuloso, acendrado Doutor Frei Domingos Vieira ensina: "Pequeno poema, semelhante à écloga, que trata geralmente de assuntos pastoris". O sentido da palavra evoluiu, naturalmente, estendendo-se a todas as correspondências de meiguice e enlevo. Mas, por enquanto, ainda não passou daí. Lexicógrafos cheios de tolerância e dos mais modernos, como os autores do *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*, definem: "Pequena composição de caráter campestre ou pastoril; amor poético e suave". Ora, do que no livro do Sr. Mário de Andrade se trata é da paixão, mais apropriadamente da paixoneta do adolescente Carlos pela instrutora alemã que o pai lhe arranhou com um objectivo entre afectuoso e prático: evitar que a outra criatura, de menos digna categoria e até talvez patologicamente perigosa, coubessem as primícias daquele amor iminente.

Paixoneta, preferimos dizer, atendendo à condição de inconsistente ou efêmero. Com efeito, ligeira circunstância poderia modificar ou extinguir; enquanto, porém, durou, teve exaltações, violências, consternações, angústias, desesperos. Outro leve incidente ou mero acaso seria capaz de a converter em tragédia. Como nas pessoas grandes. E em verdade, a pessoa grande do caso, a loura e serena Fraulein, apesar de meticulosamente orientada quanto à comédia que vai representar e embora a princípio se mostre do mais cínico profissionalismo, passa a agradar-se de veras do impetuoso, ingênuo brasileiro a iniciar. Deve persistir ainda nessa mestra de estudantes púberes alguma coisa da antiga Gretchen, contra a qual, nos últimos lustros, tanto doutrinarão, na Alemanha, achando perniciosas as suas tendências de facilidade afectuosa, ternura compassiva e apego familiar, pedagogos, sociólogos, toda a sorte de educadores e de patriotas. O herói de *Amar, verbo intransitivo* não chega, porém, a fazer-se querer pela governante teutônica com o sentimentalismo exigido pela essência lírica da nossa gente. E, por entre as conferências dos genitores interessados — a mãe, à primeira revelação, revolta-se, mas depois conforma-se, colabera — as desconfianças instintivas da irmã imediatamente mais nova e a angélica incompreensão das outras crianças, a intriga se desenvolve até à partida da Fraulein, despedida porque o seu papel findou ou se tornou inútil, e ao desvio da atenção do jovem amoroso para outros objectos mais ou menos interessantes — e de confiança.

Até que ponto se poderá julgar plausível ou verossímil aquela combinação dos pais na sociedade paulista da nossa época? Que se deverá concluir, com a fabulação da história narrada pelo Sr. Mário de Andrade? Mas, pelos modos, tão pouco vale para ele o bom efeito moral do livro como a pureza da linguagem em que o escreveu. Os seus cuidados de autor consistem, parece-nos, em observar os costumes caseiros duma gente da burguesia afortunada; interpretar as aspirações e ansiedades daquela juventude que se estréia; adivinhar o que se passa na inteligência e na sensibilidade das crianças; pintar cenários e aspectos; falar das coisas que toda a gente vê mas poucos sabem contar — e tudo isso ele faz, com desenvoltura, agudeza, intensidade de toques flagrantemente, espírito comunicativo, espírito em suma. Verdade seja que escreve num português desgraçado... Ele mesmo, porém, declara, a páginas 42: "Depois do almoço as crianças foram na matinê do Royal. Estou falando brasileiro." E, como essa língua brasileira ainda não tem gramática, qualquer pessoa, depois de tal atestado, poderá escrevê-la à sua vontade e afirmar que está certo.

COMENTÁRIOS FILOLÓGICOS, de Mário Bouchardet, 4.^a edição. — Livraria Zélio Valverde, editora — Rio de Janeiro, 1944.



Vai na quarta edição esta obra de estudo da língua portuguesa. E em verdade merece aquele êxito excepcional.

O Sr. Mário Bouchardet iniciou a sua carreira literária, de acordo com o preceito de Théodore Gautier que ele, então nos "primórdios da juventude", de certo ainda não conhecia: *Lisez le dictionnaire!* Fazia isso instintiva, espontaneamente. A sua ânsia lexicófila tinha que se limitar a uma só obra — ânsia que ele hoje classifica de "mania", obra a que, com bastante desdém, chama "o dicionarete de Roquete". Depois, submetendo as suas finanças a uma ginástica cujo segredo só os que foram estudantes sem pais ricos ficaram conhecendo, adquiriu os dois vastos volumes da 1.^a edição do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Imagina-se o júbilo, a orgia intelectual do primeiro manuseio daqueles dois tomos que continham não sei quantos mil vocábulos além dos registrados pelas mais copiosas obras do gênero! Não tardou, porém, o moço a anotar correntes, mais ou menos consagradas, da boa linguagem, vernáculos, e não constantes do dicionário *recorde* C. de Figueiredo. E não hesitou: escreveu a Cândido, dando-

lhe parte da série de descobertas que realizara. Gentilíssimo e sobretudo preocupado com o enriquecimento do seu vocabulário, o grande filólogo português respondeu, agradecendo... e pedindo mais. Depois disso, tinha o Sr. Bouchardet que adquirir a paixão do neologismo.

Só Fialho de Almeida lhe ofereceu um rol de palavras arranjadas à pressa, sem o escrúpulo da necessidade do seu emprego nem da lógica da sua formação: "advinhante, arcabouçar, açoevar, azoragante, autoerasta, açambarque" etc. A semelhança de d'Annunzio ou mais comparável aos discípulos extremados de d'Annunzio, o panfletário dos *Gatos* recheava o seu estilo daquelas fáceis invenções de linguagem. Não raro se contentava em mudar o sufixo duma palavra, pela persuasão de haver criado, imposto aos escritores futuros uma palavra sua, dele. E a caça àquelas deformações ou arbitrariedades enchia de prazer o jovem Bouchardet que, mais tarde, naturalmente se havia de entregar a mais largos estudos para alcançar mais proveitosos resultados.

O presente livro atesta bem o caminho que ele percorreu através das suas próprias observações e conclusões e por entre as lições de João Ribeiro, Mario Barreto, Afonso E. de Taunay, Said Ali, Ayres da Mata Machado Filho, o já citado Cândido e outros mestres consagrados. O Sr. Mário Bouchardet pertence à categoria pouco numerosa, e dir-se-ia que cada vez mais abandonada, com a qual os estudiosos do idioma realmente podem aprender.

J. L.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Mantemos A EXCELENTE QUALIDADE de



Johnnie Walker

mas, lamentavelmente, não podemos aumentar a nossa produção. Rogamos, pois, aos nossos Amigos que tomem suas providências, afim de obterem a MAIOR VANTAGEM de cada garrafa.

John Walker & Sons Ltd.,
Scotch Whisky Distillers,
Kilmarnock, Scotland.

Nasceu em 1820 —
mas continua na moda.



A MAIS PERFEITA OBRA DE
ARTE EDITADA NO BRASIL

Valioso na ilustração, completo na documentação e único no gênero, é um notável estudo da pintura no Brasil

Luxuosamente apresentado - Impresso em papel couché especial - Form. 32 x 23 - 416 pgs. - 312 ilustrações

JOSÉ MARIA DOS REIS JÚNIOR

HISTÓRIA DA PINTURA NO BRASIL

EDITORA "LEIA" - SÃO PAULO

Distribuidores: EDITORA ATLAS S/A

R. 7 de Abril, 34 - 4.º - Tel. 4-2974 - S. Paulo

R. Araújo Porto Alegre, 56 - 4.º - Tel. 42-7535 - Rio

Todo aquele que se ponha a estudar as instituições culturais inglesas fica imediatamente surpreendido pela estranha variedade que há entre elas: escolas públicas, particulares, provinciais, católicas, anglicanas ou dissidentes, cada uma delas com seu sistema próprio, organização própria e métodos próprios, todas elas cooperando para a formação da juventude dentro de um mesmo ideal que lhes é comum — o serviço à comunidade de que fazem parte.

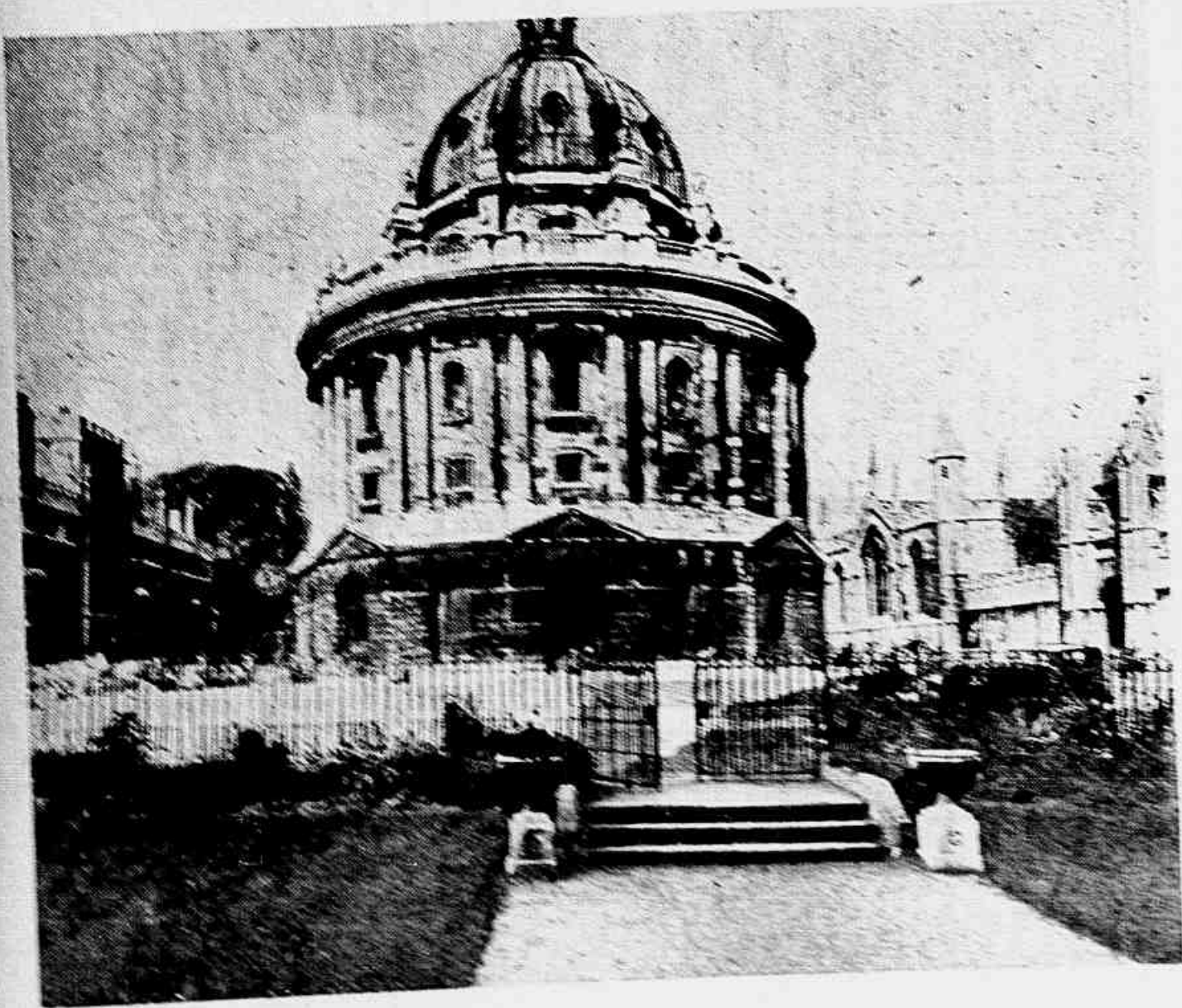
Mas onde essa variedade se torna mais visível, dando lugar a oposições curiosas e a verdades fecundas, é nas universidades, nos círculos elevados, em que se educam os futuros dirigentes da nação. Deixando-se de lado as universidades da Escócia, que gozam de um regime particular, há presentemente na Inglaterra dois tipos distintos de universidades: o tradicional, exemplificado por Exford e Cambridge, e o moderno, de que são exemplo a Universidade de Londres e outras do país, fundadas no século XIX e na parte do século em curso.

O tipo tradicional, adaptado e reformado para fazer face às necessidades da época, alcançou no país uma perfeição não superada em nenhuma outra parte. Assim é que hoje pode ser afirmado que Oxford e Cambridge são, em seu gê-

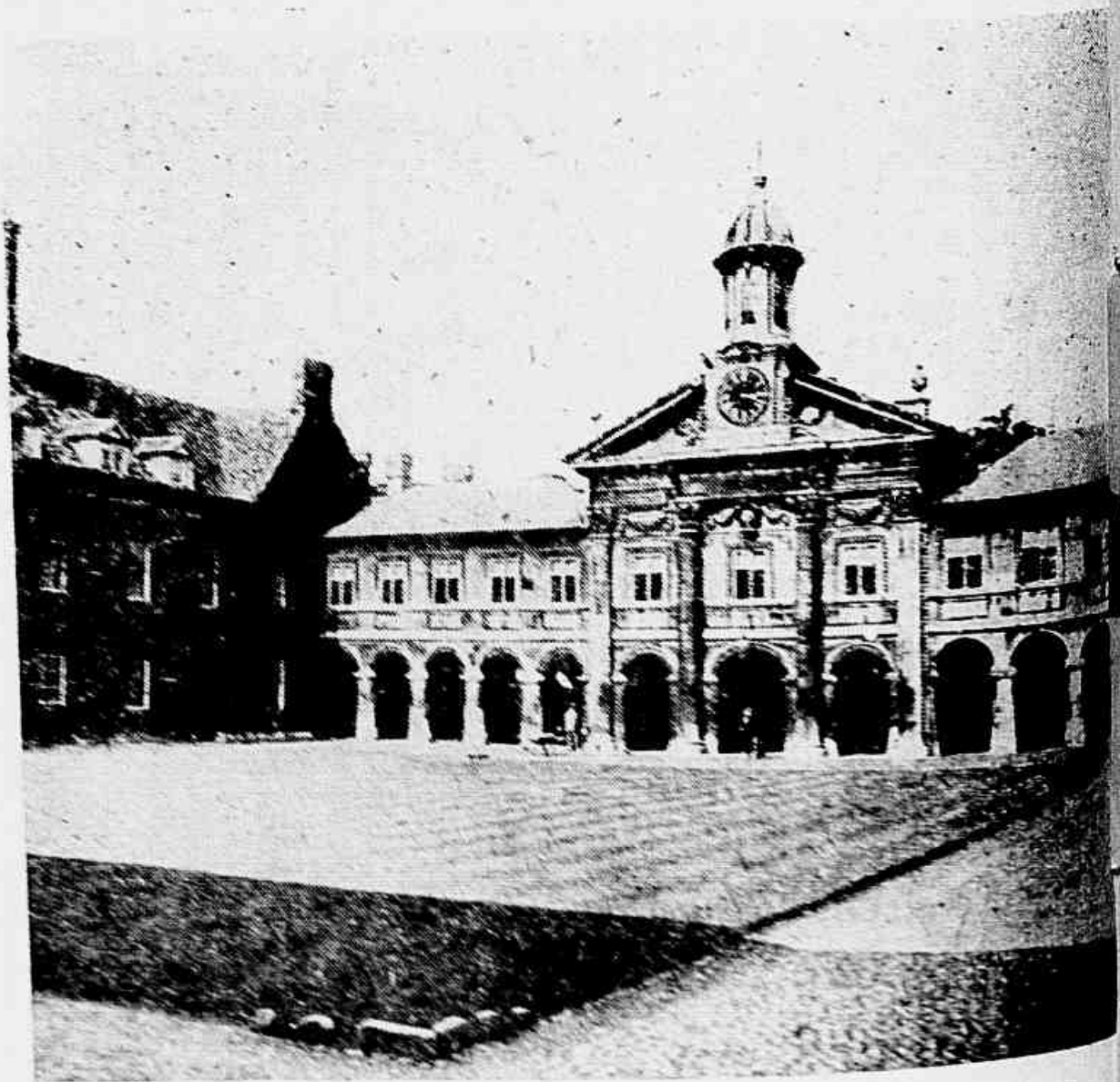
VARIEDADE

nero, o que há de melhor no mundo. E nessa afirmação não vai o mínimo exagero. Mas aquele que, baseado nisso, julgue que o tipo de universidade moderna não se desenvolveu na Grã-Bretanha, ficará agradavelmente surpreendido ao encontrar em Liverpool, Manchester e Birmingham, mas sobretudo em Londres, uma universidade que pode rivalizar com as mais modernas

Porta do St. John's College, Cambridge.



A capela Radcliffe Biblioteca Bodleiana Oxford



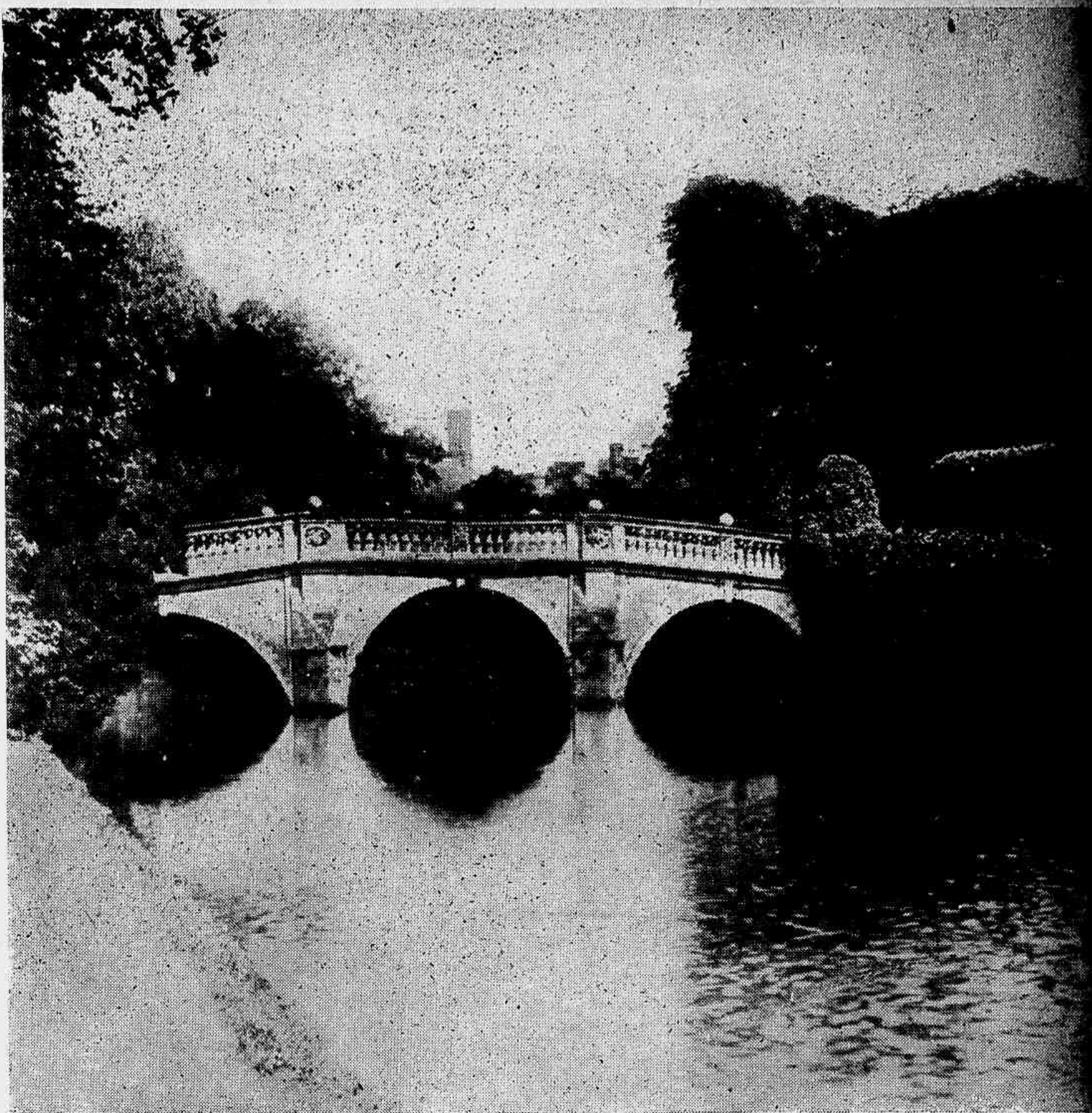
Emmanuel College Cambridge

do restante da Europa e que realiza o tipo da universidade de grande cidade de maneira perfeita, tal como acontece com a de Paris.

Essa variedade existente entre as instituições culturais inglesas redonda naturalmente em maior riqueza e intensidade na vida espiritual do país, já que não existe ninguém que não esteja ligado a algumas delas. Assim, se nos interessa a vida de colégio, no qual todos os estudantes vivem juntos, em íntimo contacto com os professores numa cidade tranquila, silenciosa e exclusivamente académica, vamos a Oxford ou Cambridge. Se, ao contrário, preferimos a universidade cujos estudantes formam-se na atmosfera agitada da grande cidade, em contacto com as realidades da vida, procuramos a Universidade de Londres. Se queremos colégios cujos estudantes professam todos uma religião, encontraremos Christ's Church, exclusivamente anglicano, Champion Hall, exclusivamente católico, e Mansfield College, exclusivamente conformista. E, ao lado deles, encontraremos outros cujos alunos professam as mais diversas religiões. Nese regime de liberdade desenrola-se o ensino na Grã-Bretanha, com frutos notáveis pelo seu sazonamento e pela sua variedade.

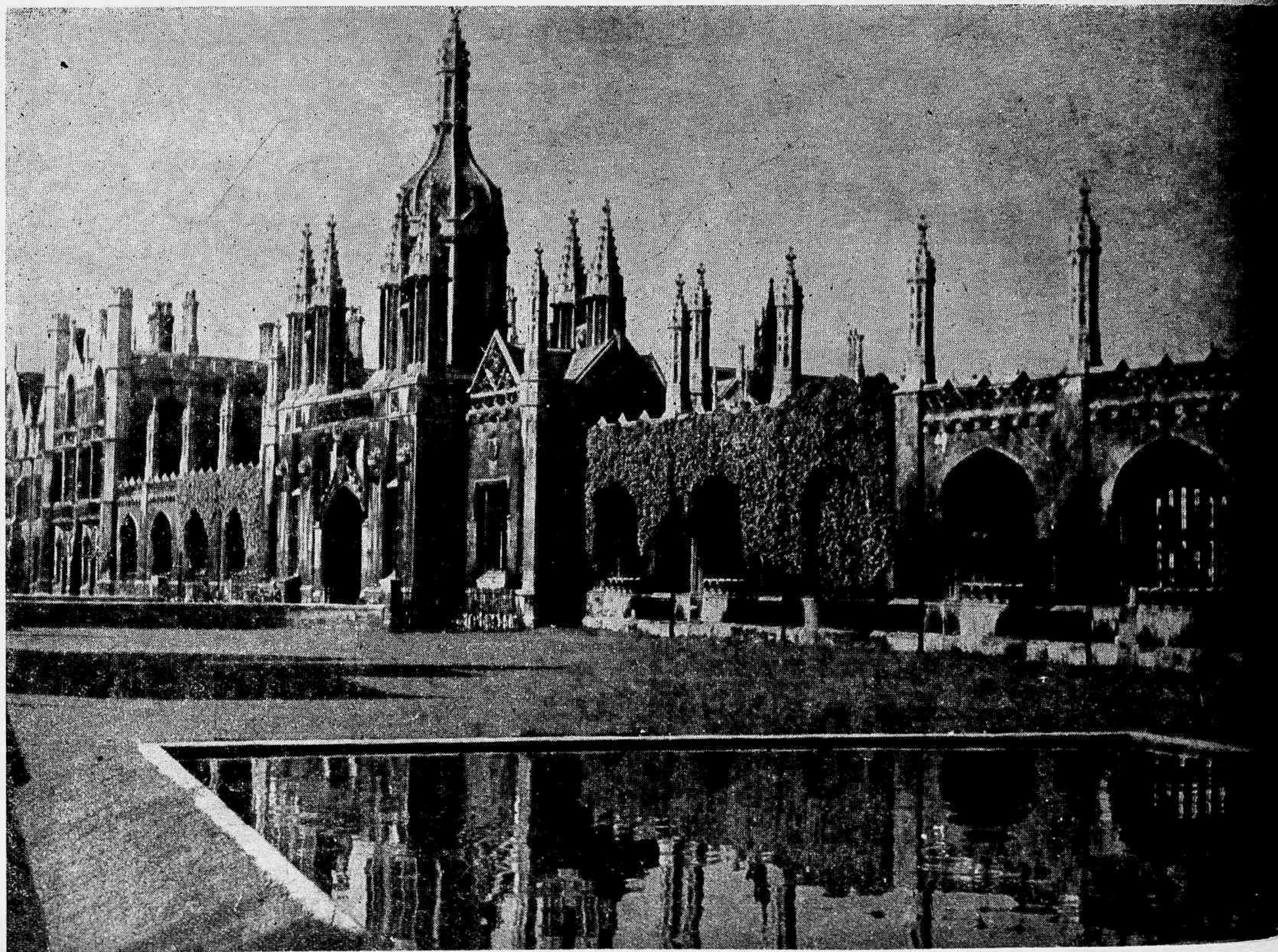
Martin Antolinez

E RIQUEZA



Ponte Clare Bridge. Cambridge.

Aspecto, em conjunto, da famosa Universidade de Cambridge.

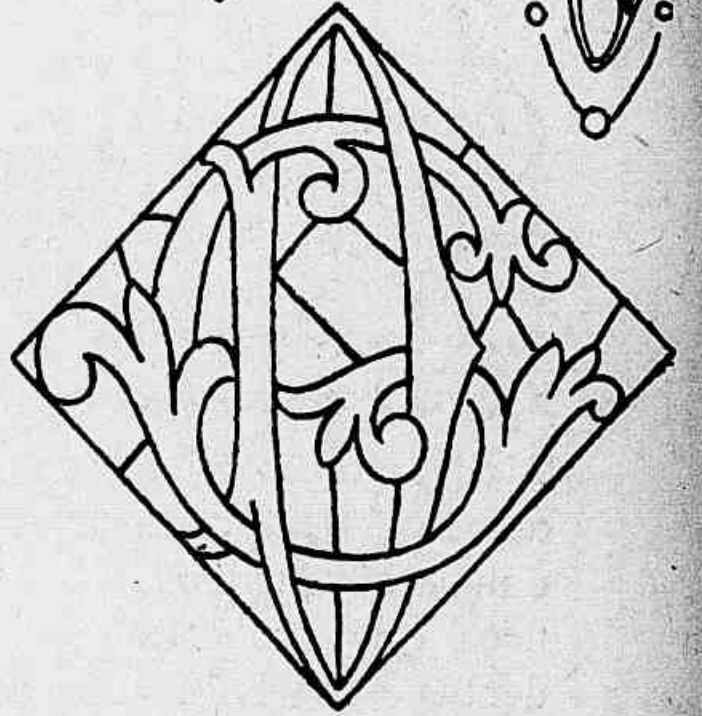
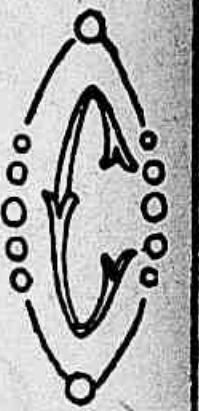
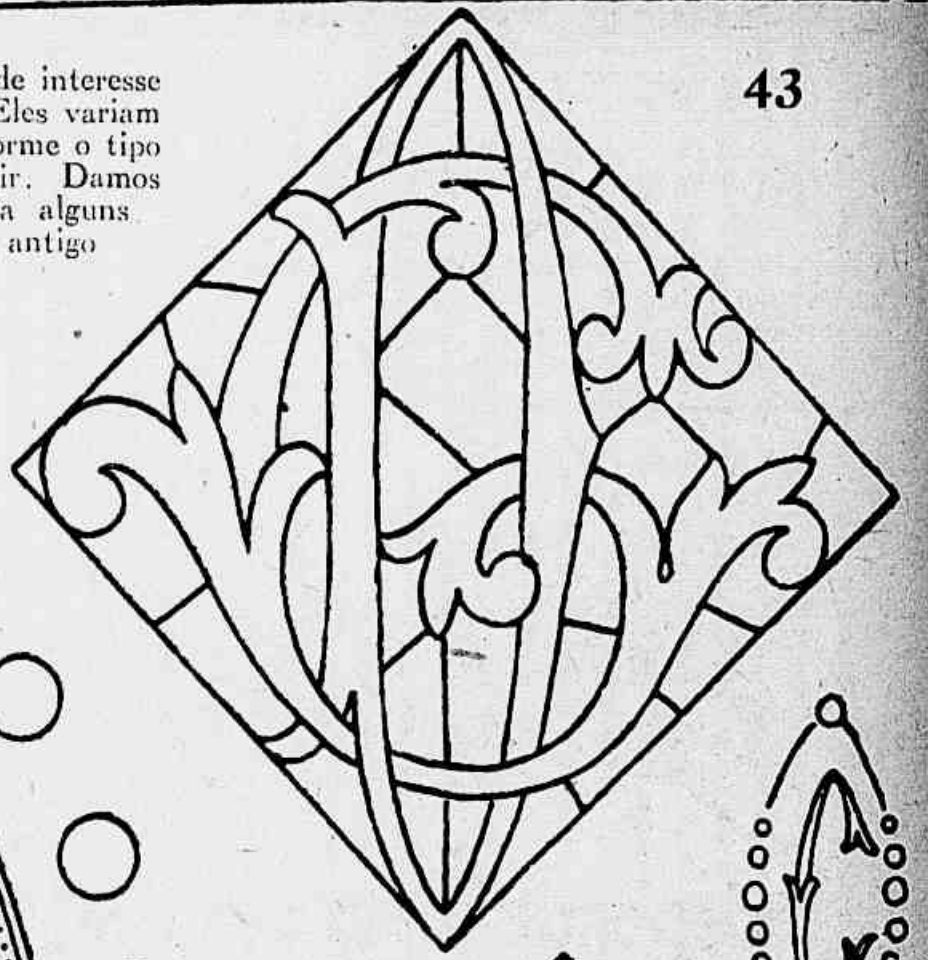




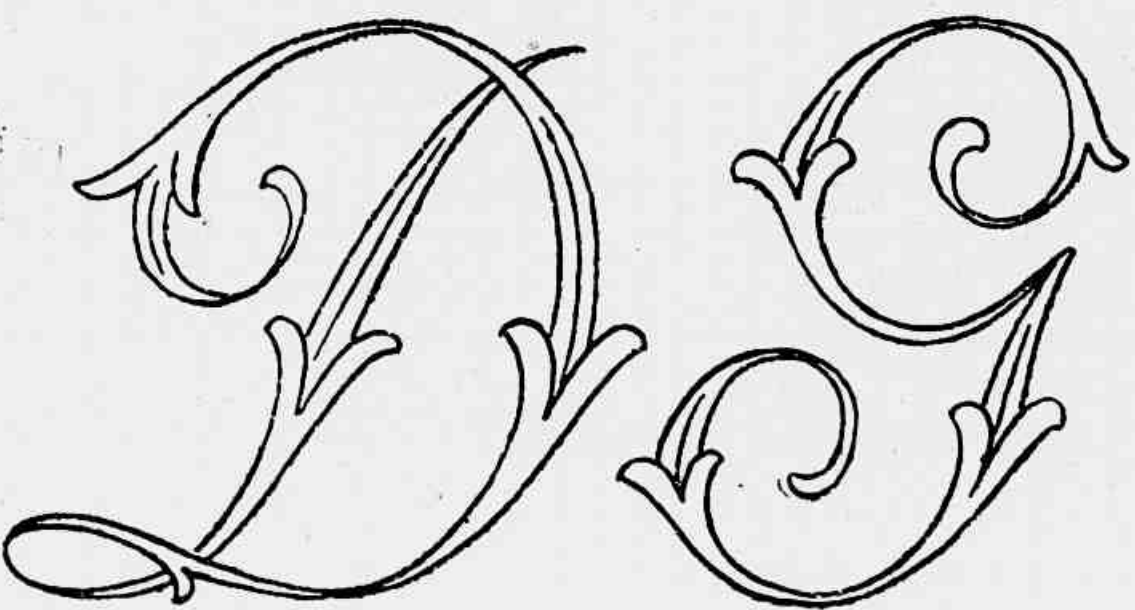
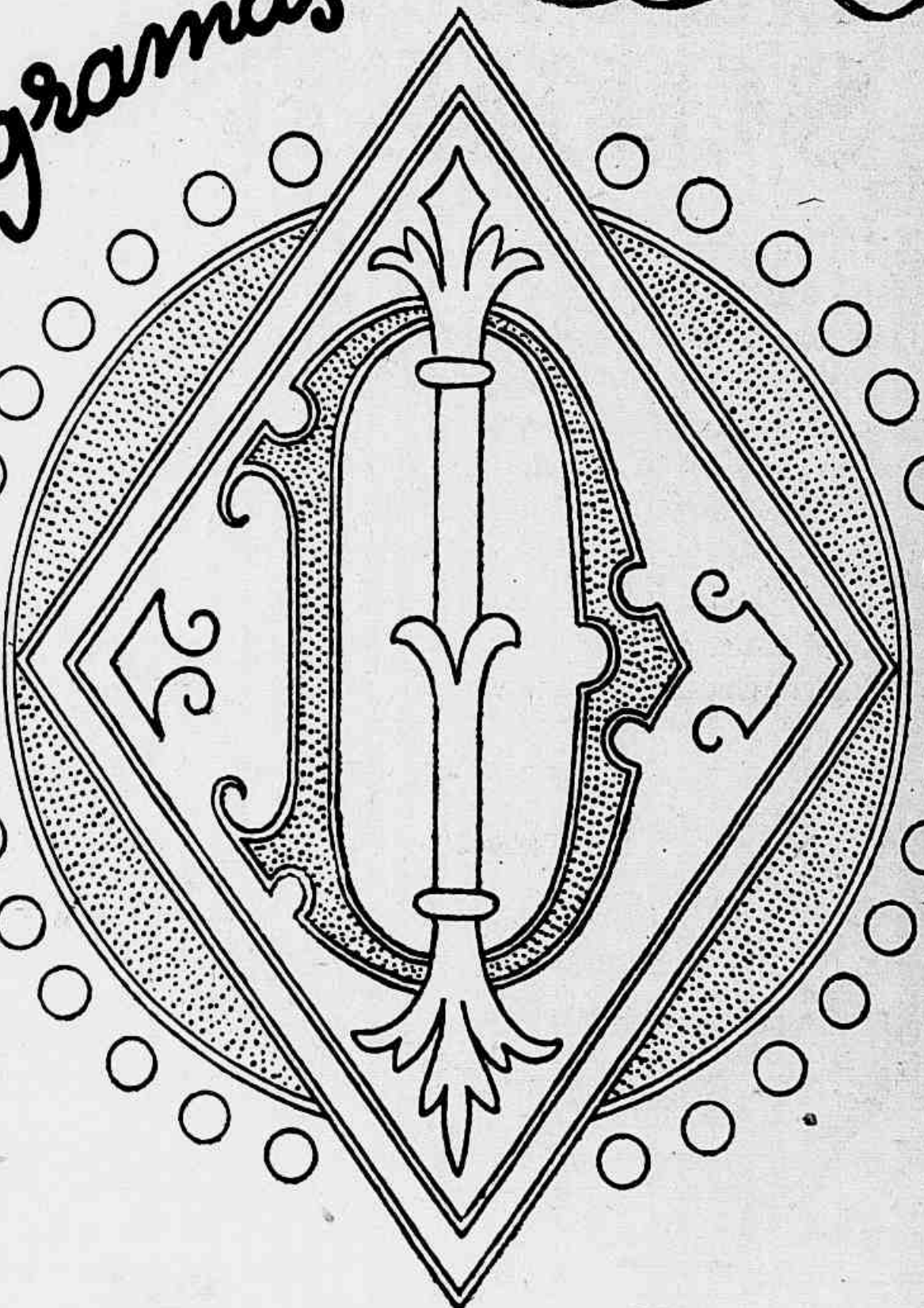
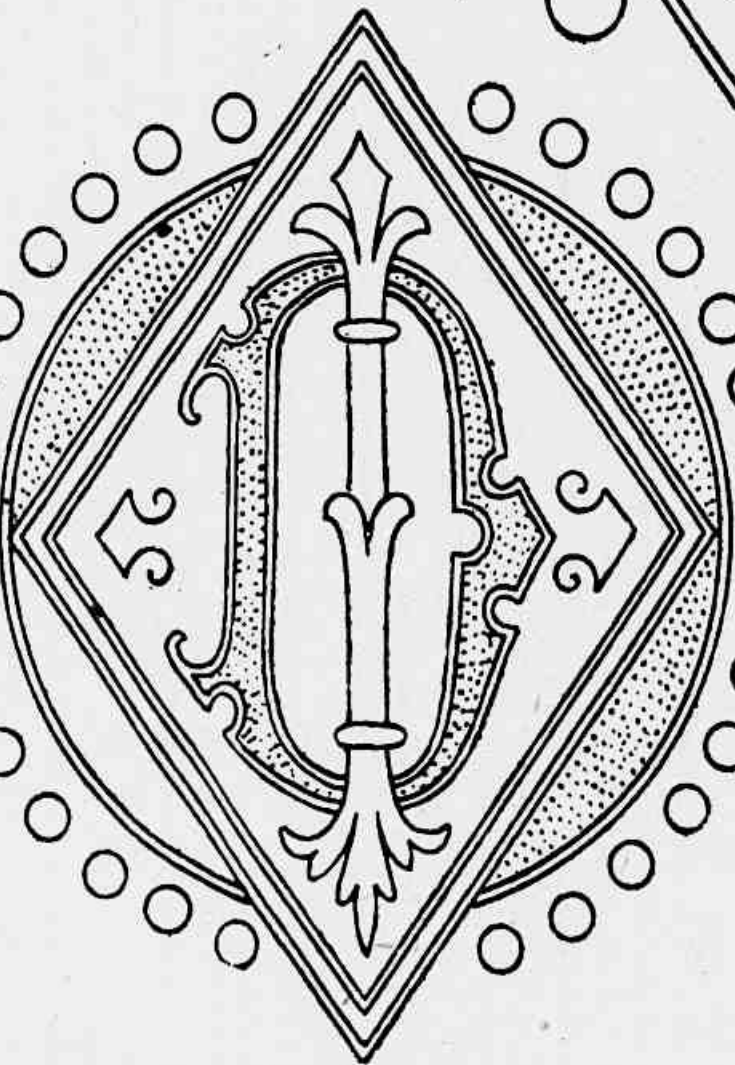
Blusas

- 1 — Blusa de seda branca. Na frente uma aplicação do mesmo tecido. Babados plissados, também do mesmo tecido.
- 2 — Blusa de linho branco com gola original enfeitada com *piqué* branco com *festonné* e *pois* em cores vivas.
- 3 — Muito graciosa esta blusa em forma de colete na frente, com três laços de veludo e pregas horizontais. 4 — Uma aba irregular e drapeada dá um ar diferente a esta blusa em seda mate. *Clips* na cintura e ao alto no decote.
- 5 — Blusa estampada com recorte original marcado por um *viez* branco. 6 — Blusa em cambraia branca, *viez* bordado em cores, ligeiro *drapé*. 7 — Elegante blusa para a noite em *lamé* dourado com rosas aplicadas. *Viez* em *lamé* em tom unido com apanhados dos lados. 8 — Blusa de cambraia com um babado drapeado acompanhando o recorte.

Os monogramas são sempre de grande interesse para as que preparam seu enxoval. Eles variam ao infinito de estilo e tamanhos conforme o tipo de roupa para a qual vai servir. Damos às nossas leitoras, nesta página alguns muito bonitos, e em estilos, antigo e moderno.



Monogramas



VINGANÇA

(Continuação da página 37)

tinha um plano e nada, nada havia de desviá-lo. Molly conservava ainda a cicatriz das surras que lhe dera somente porque ela sorria para um homem.

Qualquer que fosse a decisão tomada, Martin não parecia, entretanto, ter pressa em pô-la em prática. Estava se divertindo com os dois, brincando sadicamente de gato e rato.

— Vocês gozaram bem a vida esses anos, não é verdade?
Molly ia novamente protestar, porém

novo imperioso olhar do marido impediu-a.
— Patifes!

A palavra cortou o silêncio interrompido pelas respirações opressas dos dois culpados.

"Gato" era um ladrão de primeira classe. Pode parecer estranho para quem não conhece os labirintos do crime essa

10 de Fevereiro de 1945

classificação, mas entre latrões há uma aristocracia em tudo semelhante à existente em outra parte da sociedade. Em tudo semelhante, disse bem, porque até de privilégios idênticos goza a classe entre os que roubam. Assim, Brick não se ofendeu quando "Gato" lhe deu um pontapé e ordenou que trouxesse uma cerveja. Era privilégio dos poderosos oprimir. E Brick, de certo modo, tinha orgulho do pontapé de "Gato". Era, afinal de contas, uma honra merecer a atenção do grande "Gato", ainda que fosse para ser punido.

— Essa cerveja não presta para nada! disse "Gato", derramando o copo.

— Onde anda Dusty?

Brick ficou muito espantado:

— Não soube?

— Não soube o que?

— Dusty resolveu entrar para o bando de Martin.

— Que Martin?

— Charles Martin.

"Gato" deu-lhe um outro pontapé.

— Não me venha com mentiras, seu bicho fedorento! Martin já morreu.

— Não morreu. Todos pensavam que já tivesse ido desta para melhor, mas esta tarde mesmo ele apareceu aqui no café para falar com Dusty.

"Gato" não se dignou mostrar ao subalterno a sua surpresa. Aquilo, entretanto, viera estragar-lhe um plano. Levantou-se, sem mais uma palavra, e saiu.

— De certo modo, inspetor, é mais fácil apanhá-lo agora. Apanhar aos dois. Mas a vinda de Martin aumentou o perigo, é claro.

O inspetor olhou para O'Leary.

— Mas seu disfarce é excelente.

— Porém não enganará Martin. Ele me conhece pessoalmente.

O inspetor levantou as sobrancelhas.

— Isso é mau...

O'Leary sugeriu:

— Que acha o senhor de uma prisão?

— Como?

— Suponhamos que o "Gato" fique preso até que Martin saia da cidade...

— Por que tem a certeza de que ele sairá?

— Porque já ouvi falar sobre o plano dele...

— Sabe qual é?

— Com detalhes, não; mas tenho a certeza de que é um roubo em várias cidades. Uma organização monstro.

— Bem, tome as providências para que todos saibam que "Gato" foi preso.

— Sim, senhor.

— E já que a personagem que você criou para vigiar o "bas-fond" de perto está supostamente na cadeia, é bom que você não saia de casa.

O'Leary cumprimentou o chefe e retirou-se.

O riso de Martin fazia aparecer os dentes, grandes e saudáveis, dentes de lobo. Afogados. De repente, ele se voltou para os dois e disse:

— Não vou mandar matá-los.

Molly olhou-o surpreendida. Martin tornou a rir.

— Esperavam morrer, não é verdade? Confessem que a surpresa foi boa.

— Pois bem, foi.

Martin andou para cima e para baixo, depois parou novamente.

— Sabem por que?

Molly fez sinal que não.

A beleza depende tanto dos dentes!

O seu sorriso é o seu maior encanto... um sorriso que os seus dentes brilhantes, alvos e saudáveis, tornam radiante! No entanto, a nossa "civilizada" maneira de viver dificulta-lhe manter sempre lindos esses dentes.

A alimentação é importante. Escolha os alimentos que contenham as vitaminas e minerais adequados... e alimentos sólidos que proporcionem exercício aos dentes e gengivas. Visite periodicamente seu dentista, para exame.

...e faça questão de um dentífrico que seja puro e inofensivo...

Use o
**Creme Dental
SQUIBB**

Há de gostar do sabor... e da sensação de admirável frescor que lhe inundará a boca! Mas, o que é muito mais importante, o Creme Dental Squibb limpa com segurança. Não contém nada que estrague o esmalte ou irrite as gengivas — nenhuma substância áspera ou adstringente. É fabricado por uma casa que desde 1858 vem fornecendo produtos de qualidade às classes médica e odontológica. Experimente um tubo... hoje!



PROCURE O SÊLO DA
CASA SQUIBB... PORQUE
SQUIBB É UM NOME EM
QUE SE PODE CONFIAR

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 300

— Porque eu não gosto mais de você. Ela sentiu-se aliviada.
— Pois é. Se Dusty tivesse me pedido para me divorciar de você para que você pudesse casar com ele, eu teria acedido. Não me interessa mais por você. Mas não gosto de ser enganado, e por isso resolvi passar um susto em você.

Depois de uma nova pausa ele disse:
— Pode ir para casa sem medo, Molly. Ela levantou-se e, aproximando-se dele, disse:

— Você não é mau, Charles. Sempre amigos, não é?
Ele olhou-a bem nos olhos:
— Claro.

Sem saber por que, ela sentiu um calafrio na espinha ao encontrar o olhar dele. Parecia o olhar de uma fera, mesmo quando queria parecer manso.

— Você, não.
Dusty encarou-o.
— Não me perdoou?
Martin riu:
— Que medo! Já disse que esqueci aquilo outro. Agora vamos tratar de negócios, entende?
— Ah...

— Você vai ser meu sócio. Tenho um plano formidável para ganharmos dinheiro...

O outro pareceu interessado. Então Martin, curvando-se um pouco, delineou o plano, em voz baixa.

O'Leary sabia que havia alguém no seu quarto. Ficou, porém, imóvel no leito, esperando. Ouviu passos que se aproximavam e sentiu no ombro uma mão pesada.

— Não finja que está dormindo, sargento. Eu o conheço.

O'Leary sentou-se na cama, de um salto. Era Martin.

— Surpreendo-o?
O'Leary assentiu.
— Por que negar?
O gangster riu:
— É verdade.

E O'Leary, acendendo a luz, olhou para a janela quebrada.

— Sempre o mesmo modo original de penetrar na residência alheia, hein, Martin?

O outro protestou:

— Houve uma casa onde eu não entrei assim. E não fui lá por minha vontade...

— A cadela é assim tão ruim?
— O senhor não pode calcular.
— Creio, meu amigo, que temos suficiente intimidade para nos tratarmos por você.

— Especialmente agora que eu tenho umas contas a ajustar com você.

O'Leary sorriu:
— Eu joguel franco, Martin. Você sabia que eu havia de prendê-lo.

— Mas felizmente não consegui provar nem a metade do que eu fiz...

— Senti muito, creia.
O gangster sorriu:
— O senhor tem coragem.
— Você pensa que eu tenho medo de você?

— Mas eu não vim aqui para discutir isso. Cumpri a pena. Sai. Agora estou livre e, por mais estranho que possa parecer, regenerado.

— Alegra-me. Poupa-me assim o trabalho de tornar a prendê-lo.

O riso do bandido dessa vez foi menos espontâneo.

— Quero avisar o senhor de uma coisa...

— Que é?
— Sabe que estão planejando um crime?

— Como assim?
— Dusty vai roubar uma série de bancos.

— Ouvi dizer isso.
— Eu soube de seu disfarce. Uma obra prima. O "Gato" é temido como um bandido excepcional.

— E na realidade é este seu criado.

— Pois é.
— Mas eu ouvi dizer que você também estava no roubo dos bancos, Martin.

O bandido protestou:
— Eu estou mas não estou, compreende. Tenho umas contas a ajustar com Dusty, mas não quero meter-me em encrucilhadas com a polícia. Por isso resolvi ajudá-los a pegá-lo.

— E como pretende agir?

— Olhe, eu vou fazer o seguinte...

"Chamando todos os carros! Chamando todos os carros! Prendam um Sédan preto

(Continua na página 47)



Esta pequena joia

Não sabe que a diarreia é um perigo para a sua vida.

A mamãe porém sabe que nesse caso deve dar-lhe imediatamente Eldoformio, o remédio sem igual contra esta terrível doença.

Para combater as diarreias nada existe melhor que os famosos comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Exatamente.

• Água de Colônia
• Brilhantina
• Extrato
• Loção
• Óleo perfumado
• Pó de Arroz
• Sabonete

Perfume
Orbleu
de BAZIN

Ouro sobre azul dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL



DYNAMOGENOL, restaura as energias do cérebro, dos músculos e do sangue fortificando e revigorando o organismo.

É o tónico de todos

DYNAMOGENOL

É um produto do

Laboratorio Sian



Elegantíssimo modelo para chá. Seda estampada, fundo preto com flores em diversas tonalidades de rosa.



AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

Modas

Tres elegantes e praticos jogos de lingerie, em seda branca, com adornos em renda bege. Estes são modelos que servem perfeitamente às exigencias do verão...



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

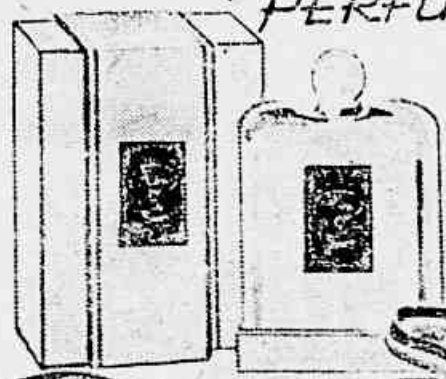
PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05



VINGANÇA

(Conclusão da página 43)

com a placa Z000988! Há dois homens dentro, dois bandidos perigosos, ambos armados."

"O carro Z000988 partiu de Leighton Bridge e deve passar na estrada para Barton dentro de poucos minutos."

O'Leary esperava pacientemente. Martin dissera que o carro de Dusty haveria de passar pela estrada de Barton. Era uma questão de tempo e prenderiam o bandido.

Dusty espantou-se:

— Por que virou aqui?

— Porque é preciso mudar de carro. Precisamos mudar de carro para não sermos pilhados, disse Martin e o outro achou boa a explicação.

Martin avistou um Sedan preto igual ao que eles ocupavam na rua.

— Paremos aqui. Vamos tomar conta desse carro.

Dusty ia entrar quando Martin falou: — Quer me comprar um maço de cigarros?

Dusty foi. Ao voltar, Martin disse:

— Tenho outro plano. Vou tentar passar com o nosso Sedan na frente. Você toma conta desse outro. Se eu for preso você vem em meu auxílio. De qualquer forma eles esperam um carro com dois homens...

O outro aceitou.

Dois Sedan pretos se aproximaram do lugar onde estava O'Leary. Um deles passou depressa. Tinha uma placa diferente. O outro era o carro indicado. Dusty foi preso. Mas o produto do roubo passou com o primeiro Sedan. Com Martin.

— Como foi isso? perguntou o inspetor. O'Leary explicou.

— Martin matou dois coelhos de uma cajadada só. Vingou-se de Dusty, que lhe roubara a mulher, e ficou com o dinheiro. Mas se o Sedan negro que passou primeiro era aquele que servira para o roubo, conforme depois Dusty, como pôs por você?

— Porque enquanto Dusty foi comprar cigarros Martin trocou as placas.

Um homem vestido de preto desceu do carro à porta da casa de Molly. Ela veio abrir a porta. Era Martin.

— Charles!

Ele disse:

— Dusty foi preso.

— Como?

— Sim. Foi preso ao tentar fugir.

— Mas...

— Fui eu quem fiz com que ele fosse preso. Eu queria tirar minha vingança. Agora estou vingado. Ele foi para a cadeia. Como houve uma morte no assalto, será eletrocutado.

Ela abafou um grito de horror.

— E sabe por que fiz isso? disse Martin, fora de si. Foi por sua causa. Como havia de castigar você de ter-me enganado, de não ter-me sido fiel? Mesmo sabendo que eu estava na cadeia você foi morar com Dusty; mesmo antes de eu ser preso você já dava confiança a ele. Agora ele está preso. Acabou-se. E você será minha, só minha, e eu aviso que o primeiro para quem você olhar morre. Não queira me enganar porque o homem que se aproximar de você está condenado.

Ele se aproximou para beijá-la, mas notou que no rosto dela não havia admiração pela bravura dele. Não havia o orgulho da mulher pelos feitos do seu homem. Havia asco e terror.

Uma semana após o julgamento de Dusty os jornais anunciavam o suicídio do bandido implicado no roubo do banco: Charles Martin...

Molly não foi ao enterro.



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda

DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

O preço desta edição é de Cr\$ 2,50 no Rio de Janeiro e de Cr\$ 3,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço superior.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Com **ESMALTE LALAUQUE**
suas unhas brilham
como joias!

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa natural
- ★ Rosa rubra
- ★ Rosa coral
- ★ Rosa antigo
- ★ Cardinal
- ★ Ruby
- ★ Cyclamen
- ★ Grenat



ESMALTE
Lalaque

Protege e embeleza as unhas!
É fácil de aplicar e muito duradouro.

À VENDA
EM TODO O BRASIL

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Dra. HELENA N. DAHER
CLÍNICA DE CRIANÇAS
Avenida Copacabana, 200
Apart. 704
TELEFONE 27-0252

Loção DISCRETA
CONTRA CASPA
Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

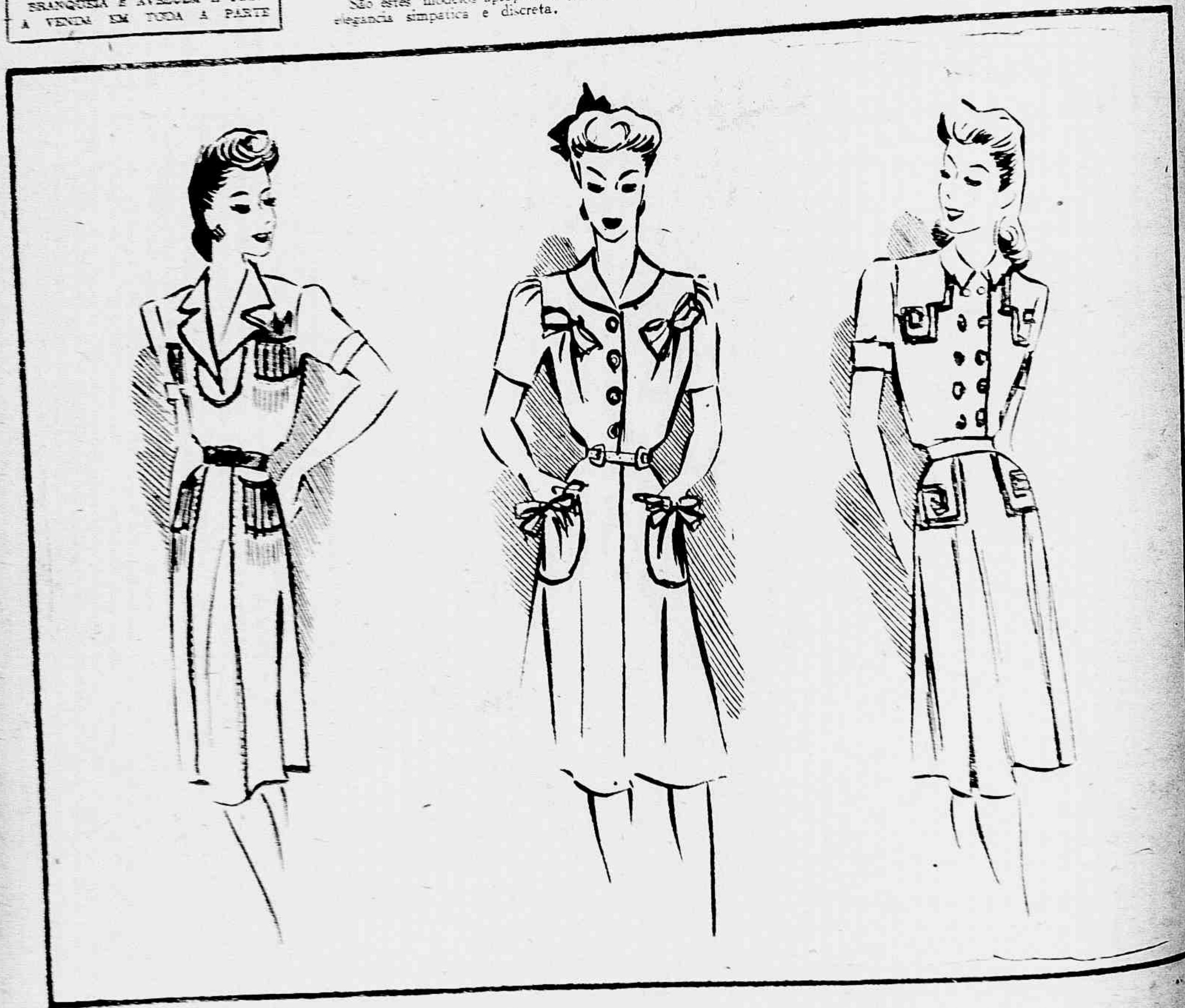
DIABETE — OBESIDADE — MAGREZA
Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE
• PRISÃO DE VENTRE
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas de secreção interna.
METABOLISMO BASAL • TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES
Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cinelândia
Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 — Consultas: Das 10 às 16 horas.

MODAS

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Miss. Cezimbra
BRANQUEIA E AVELUDA A PELLE
A VEMEM EM TODA A PARTE

Apresentamos três sugestões às nossas leitoras, para sua *toilette* esportiva.
Estes três vestidos leves, apropriados para as tardes de esportes, podem ser cortados em linho claro, de qualquer tonalidade.
São estes modelos apropriados para os esportes de verão, e, sobre serem confortáveis e práticos, apresentam ainda uma elegância simpática e discreta.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

• UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO • RIO

De morena a loura em poucos minutos...

A "camera" indiscreta vai surpreender Nancy Kelly quando a cabeleireira do studio da RKO Rádio transforma a cor dos cabelos da interessante atriz, afim de atender às exigencias do "script" do seu novo filme.

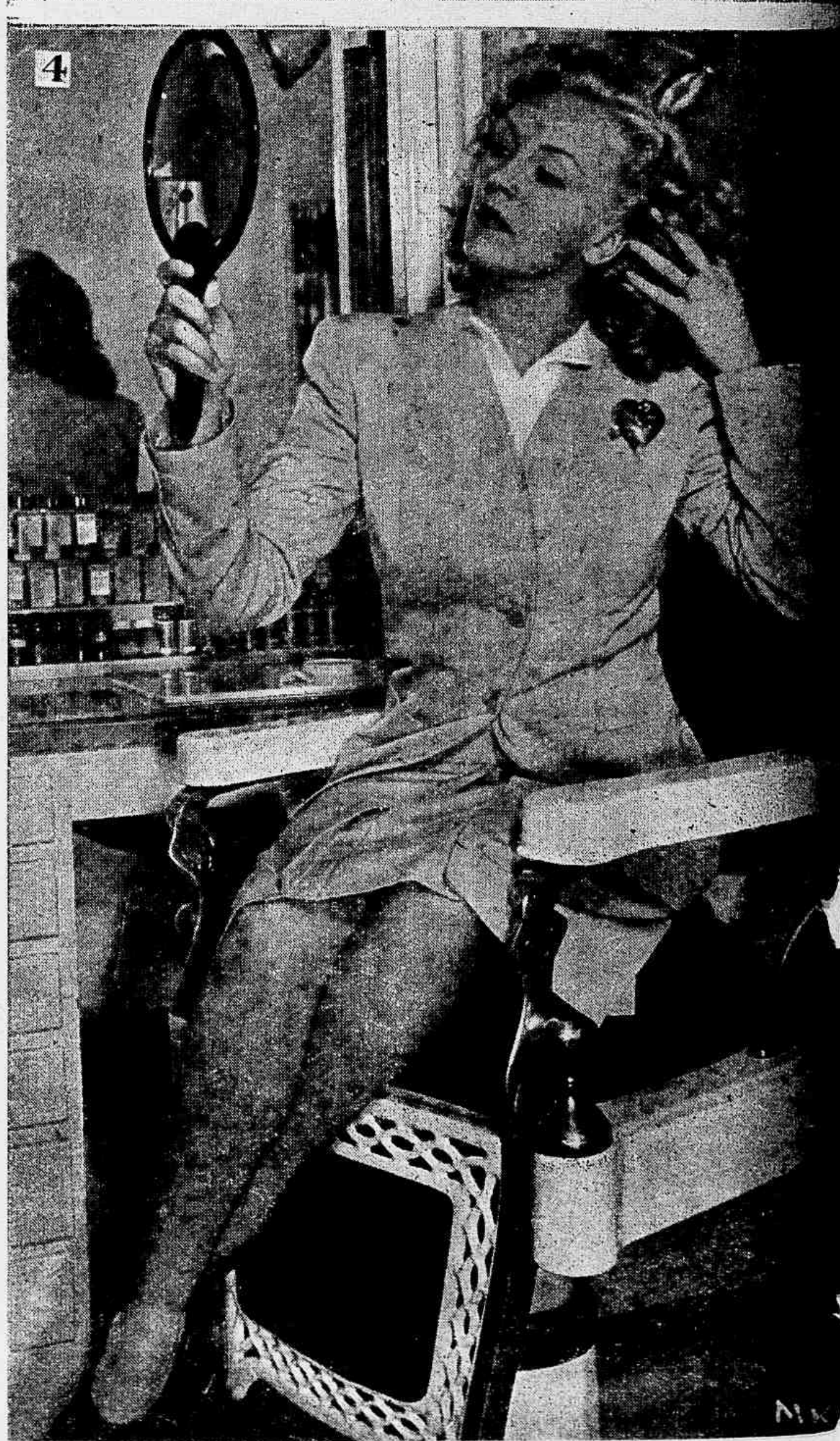
1 — Miss Kelly parece não confiar muito na pericia da cabeleireira. "Vamos ver o que sai daí"... deve estar ela dizendo.

2 — Parece mais o Papai Noel... "Mas porque não tiram esse fotografo teimoso da minha frente"?

3 — Não, bonito ainda não está... Mas, finalmente, depois de horas de tinturas e lavagens, foi obtida a cor desejada.

4 — "E"... não está nada mal... Parece que sempre fui loura... Vamos ver o que dirão os "fans".

Por nós está O. K., Miss Kelly.



Noites mal dormidas

Para gozar saúde e manter o organismo em forma é indispensável dormir oito horas por noite em quarto arejado e fresco. Nada mais prejudicial à saúde do que contrariar esta exigência do organismo. Basta uma noite mal dormida para abater a mais forte constituição e tornar o indivíduo indisposto para a luta quotidiana. A insônia sobrevém, via de regra, às pessoas que sofrem de perturbação gastro-intestinal, de desequilíbrio glicêmico ou de perda de fosfatos. Para tratar a insônia é indispensável, portanto, conhecer a causa e afastá-la por meio de terapêutica adequada. Às vezes resolve-se o caso com pequena modificação no regime alimentar; outras, com meio copo de água açucarada, ao deitar-se ou durante a noite; outras, com um tratamento foscorado por meio do Tonofosfan da Casa Bayer, que levanta o estado geral, reforçando o sistema nervoso e regularizando o sono. As vítimas de insônia devem, pois, consultar o médico afim de combater esta perturbação que tanto deprime e, mesmo, envelhece. No caso de perda de fosfato será, com certeza, indicado o Tonofosfan, com o qual se vem registrando de longa data os melhores resultados.

FEMINILIDADE
Beleza-Saúde

Equilíbrio das funções

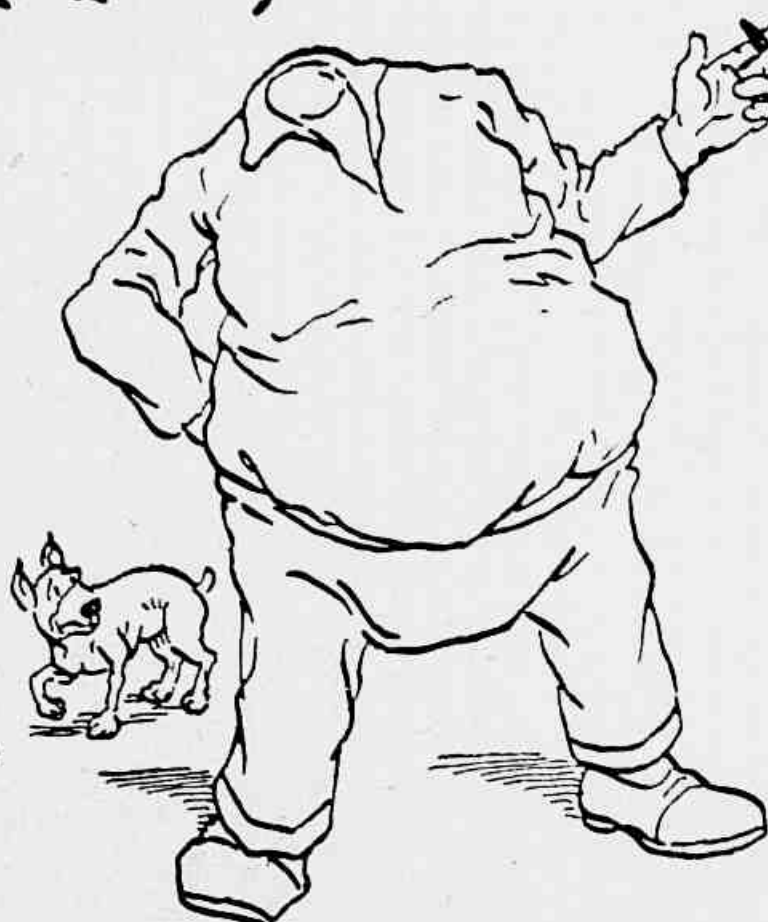
Estão ao vosso alcance com o tratamento Hormônio-Vitamina, por meio de OKASA, produto de alta reputação mundial. OKASA (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultra-racional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, OKASA é conhecido em todo o mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher. Experimente OKASA e se convencerá! Feminilidade, Juventude, Beleza, Atração e Saúde estão à sua espera. Em todas as Drogarias e Farmácias. Pedidos e informações ao Dist. Produtos ARNA. — Av. Rio Branco, 1097 - Rio - Tel. 23-3878.

CABELLOS
BRANCOSCASPA
Queda
dos
CabellosJUVENTUDE
ALEXANDRESenhoras!
Se a
Natureza Falha

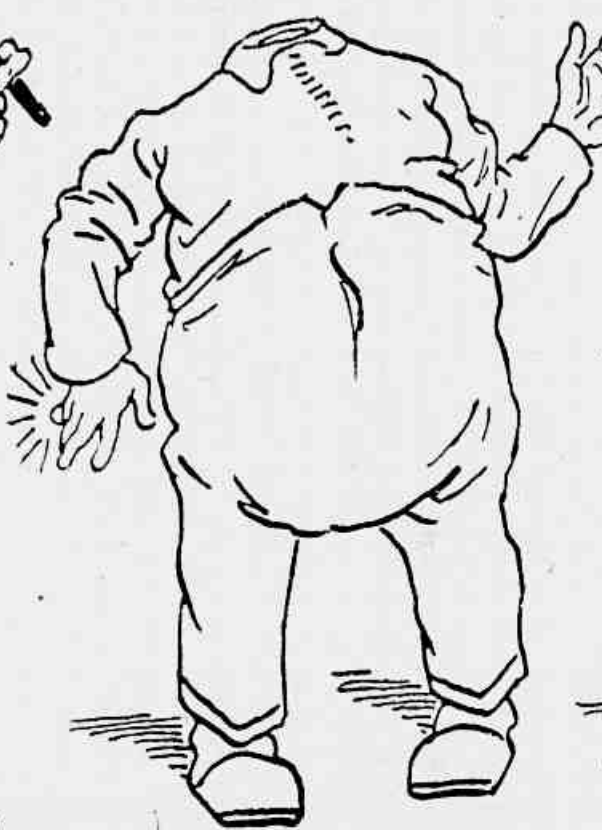
MENAGOL

REGULA!

Máscaras avulsas



Açambarcadôr



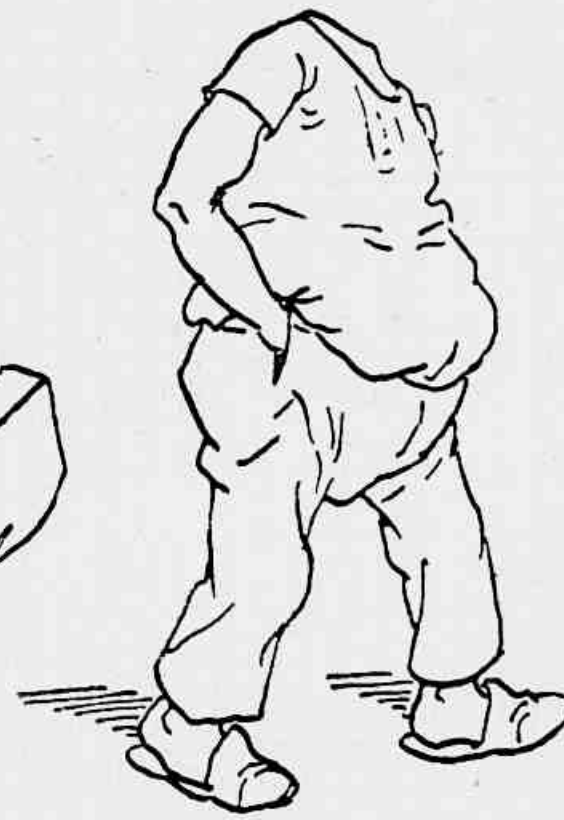
Atacadista

Consumidôr
(Varejado)

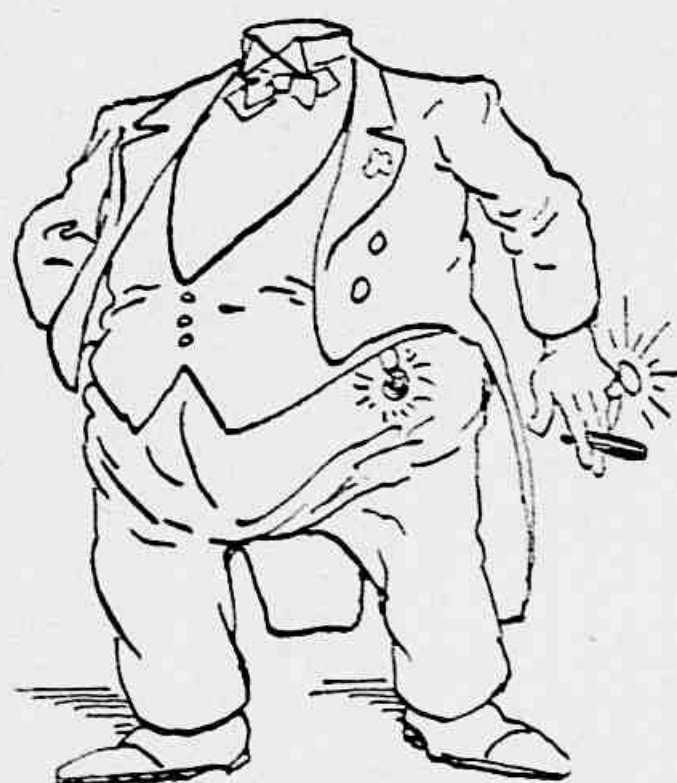
Intermediário



Agente



Varejista



Comanditário



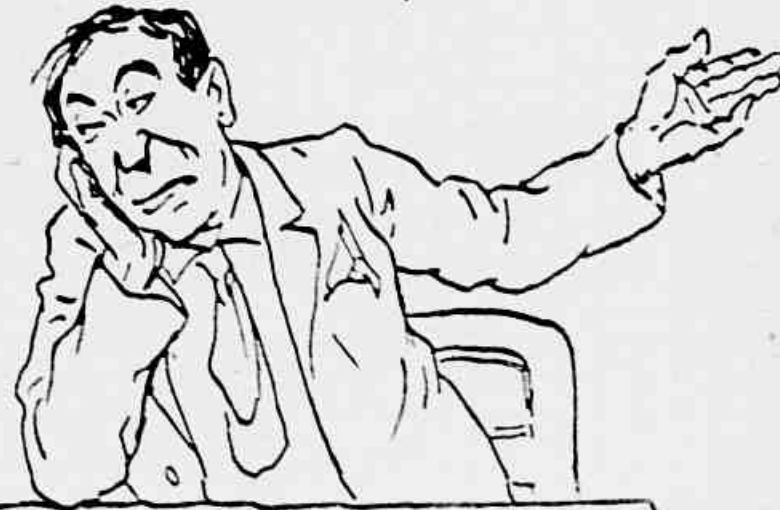
Biscateiro



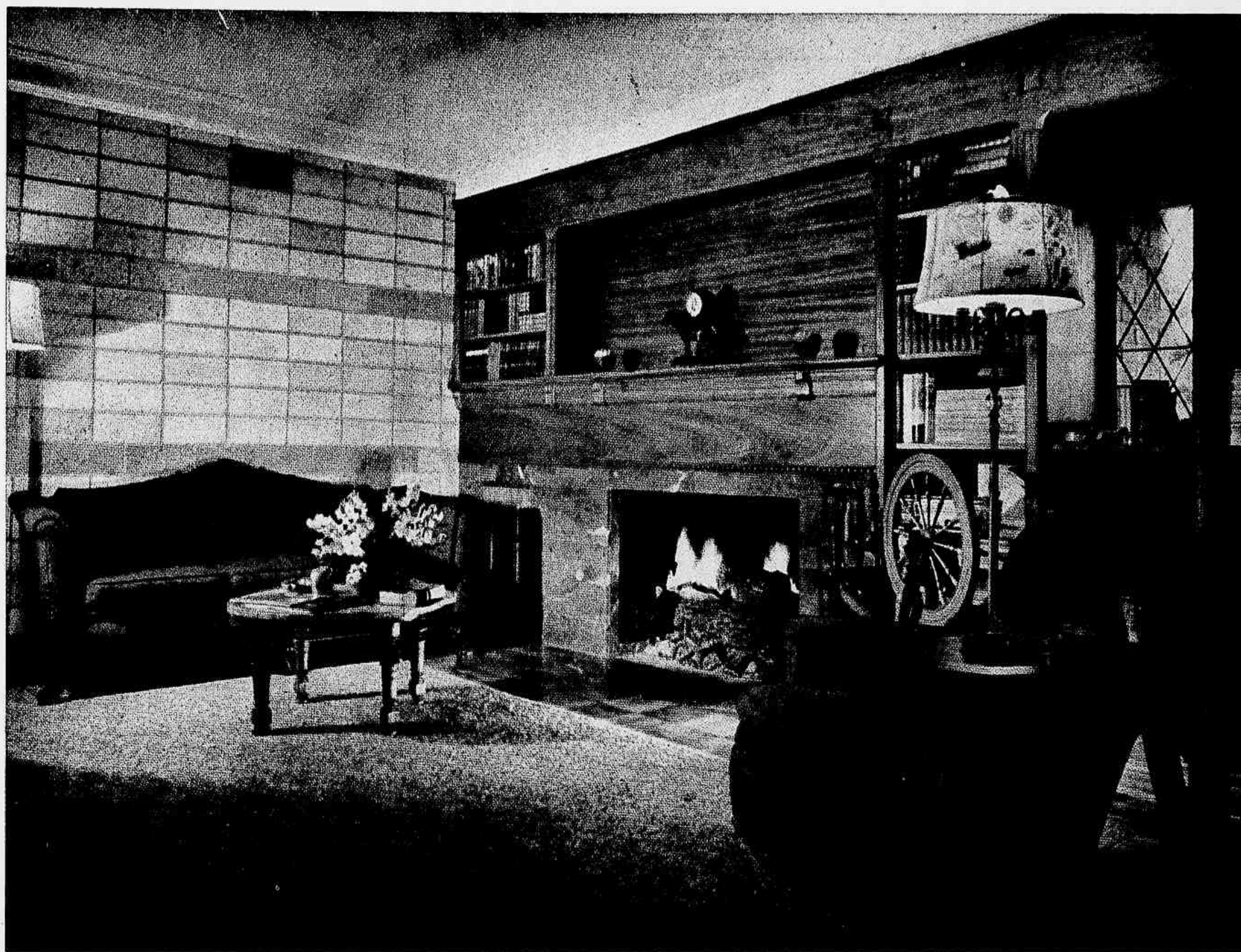
Folião profissional



Raul



— E as máscaras?
— Quando eles tiverem cabeça... para as carapuças



Varias épocas e vários estilos

O modernismo não admite mais aquela uniformidade e simetria que se via antigamente. Assim é que de uma casa de campo norte-americana tirámos este modelo que agora apresentamos aos nossos leitores, onde vemos uma verdadeira mistura de côres e de efeitos, onde as épocas e os costumes se confundem e se evidencia o contraste. As estantes embutidas e as poltronas são moderníssimas, enquanto que uma velha roca de fiar, usada no século passado, figura ao seu lado dando uma graça diferente. Nossos avós achariam apenas engraçado; nós achamos bonito e de bom gosto.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



COMPANHIA
DE CIGARROS

**Souza
Cruz**

Hollywood
PREÇO NO VAREJO CR\$ 2,00

Epoca